

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
CAMPO AVANÇADO MARIA ELISA DE ALBUQUERQUE – CAMEAM  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV  
CURSO DE METRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

FRANCIANE LIMA SOUSA

**FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS  
ONDAS DA RÁDIO ESCOLAR**

PAU DOS FERROS

2015



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN  
Programa de Mestrado Profissional em Letras



**ProfLetras**  
Unidade Pau dos Ferros

FRANCIANE LIMA SOUSA

## FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS ONDAS DA RÁDIO ESCOLAR

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Nacional de Mestrado Profissional em Letras/Profletras, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN / CAMEAM, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

**Linha de pesquisa 1:** Teoria da Linguagem e Ensino-Formação de leitor

**Orientadora:** Professora Dr<sup>a</sup> Maria Lúcia Pessoa Sampaio.

PAU DOS FERROS

2015

FRANCIANE LIMA SOUSA

A dissertação **Formação do leitor literário: contação de histórias nas ondas do rádio escolar**, autoria de Franciane Lima Sousa, foi submetida à Banca Examinadora, constituída pelo PROFLETRAS/UERN/Pau dos Ferros, como requisito parcial necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Dissertação defendida e aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Pessoa Sampaio (UERN)  
Presidente

---

Prof. Dr. Alexandre Martins Joca - UECE  
Examinador Externo

---

Prof. Dr. Marcos Nonato de Oliveira (UERN)  
Examinador Interno

---

Profa Dr<sup>a</sup>. Maria Edileuza da Costa  
Suplente

PAU DOS FERROS  
2015

A meu pai,

Francisco Alves de Sousa Filho, conhecido como “Chiquinho da rádio”, um pai amigo, carinhoso ao extremo. Um profissional do rádio e, um dos pioneiros na radiodifusão piauiense. Ele é quem merece toda honra, minha gratidão! Dele veio a minha inspiração para o falar do rádio nesta pesquisa.

A minha mãe,

Eliane Fátima A. Lima Sousa, amiga, companheira que na infância me apresentou as “historinhas para dormir”: “a dona baratinha, a branca de neve, os três porquinhos” e tantas outras narrativas... Ela era quem ficava diariamente lendo até que eu caísse no sono, quando, muitas vezes, segundo ela, eu sempre pedia um “Conta outra vez...”: e, pacientemente, ela contava, contava e contava até que, eu dormia.

A minha avó materna,

Gladys Lima (*in memoriam*), a maior contadora de causos que já conheci. Na infância ficávamos sentadas na calçada do bairro Cabral e, dali, ouvíamos histórias, lendas, causos assombrosos, histórias de trancoso, as quais, me proporcionaram adentrar no mundo encantador da literatura oral popular.

Em especial, aos alunos da Escola Municipal Parque Piauí,

Um achado: denominei-os de “radiocontadores de histórias” mirins e, com eles, só aprendi.

Por isso, a eles, toda minha gratidão e este estudo.

A todos os alunos e docentes das nossas escolas públicas.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus Supremo, a luz divina que emana energia espiritual para meu aprimoramento neste plano em todas as etapas: com gratidão e amor a todas as coisas do céu e da terra.

A minha orientadora, Dr<sup>a</sup> Maria Lúcia Pessoa Sampaio, pelos ensinamentos acadêmicos, pela dedicação, carinho e aceitação para orientar esta pesquisa.

Ao meu companheiro Rodrigo de Magalhães Castro, por tanto me incentivar na minha vida acadêmica e profissional e, acima de tudo, ter orgulho de tudo que eu faço e, na etapa final, ouvir, opinar, e pelas ilustrações para a capa do Cd de Radiocontação de Histórias.

A minha tia materna Francisca Soeiro (tia Chiquinha), por, na infância, deixar eu folhear e ler seus livros de história, suas enciclopédias, obras literárias, proporcionando-me, desde cedo, ao mundo maravilhoso da leitura.

A Ana Magalhães Castro (atriz, contadora de história, cunhada e amiga);

A Maria Helena Magalhães Castro (cunhada e amiga) e Terezinha M. Castro, sogra (*in memoriam*), grande contadora de história também durante minhas idas e vindas entre o Rio de Janeiro e Teresina,

A todas vocês pelas conversas, pelo incentivo em sempre por me acolher com carinho!

A primeira pessoa que me apresentou a teoria da educomunicação, o radialista Paulo Mourão.

Ao mano Ricardo Sousa, meu amigo, companheiro e um grande profissional da área radiofônica, sonoplastia, edição... que nunca diz “não”, pois está sempre pronto para me ajudar.

A equipe da rádio FM UFPI, na pessoa do prof. Dr. Paulo Fernandes pela parceria.

À coordenadora do Programa Mais Educação na Escola Municipal Parque Piauí, professora Adriana, e aos gestores da escola, secretária Francisca, a Maria da Guia, responsável pela biblioteca da escola, pelo espaço tão organizado e pela sua atenção ao nosso projeto.

Às monitoras de rádio e de orientação de estudo e leitura, Adriana Custódio, Jaqueline, Jussileide e, em especial, a Francisca Anita, radialista, professora que me levou até a escola.

À SEDUC PI (na 18ª GRE) e à SEDUC MA (URE de Timon),  
por me concederem o afastamento/ licença para participar do Mestrado fora do Estado.

À CAPES / MEC.

Às amigas Dalva Stella e Lucimeire Barbosa,  
por, nas horas difíceis dos escritos, ouvir, incentivar e, até mesmo, colaborar com sugestões valiosas para esta pesquisa.

A Whildinara, Whildirene, Leila Matos,  
por sempre acreditarem e vibrarem com o meu crescimento acadêmico e profissional.

A minha comadre Jociede Reis, bibliotecária da UFPI, por, nas pesquisas por “livros raros e difíceis,” me conceder o empréstimo.

À amiga e professora do mestrado Edileusa Costa e família, por abrir seu lar e me receber com todo carinho em sua casa, nas minhas idas e vindas, muitas vezes, difíceis entre o sertão do RN, PB, CE e PI.

Aos professores Dr. Luciano Pontes, pelo apoio e carinho e, por também, me receber na sua casa. Dr. Adriano Gomes, Dr. Marcos Nonato pela valiosa colaboração nas bancas de qualificação.

A minha turma do profletras da UERN Campus Maria Elisa na cidade de Pau dos Ferros RN: a todos vocês, meu muito obrigada pela amizade, companheirismo e, em especial a: Zailton, Wellivania, Socorro Dias, Anna Cátia, Núbia, Ana Paula, Francinilda, pelas trocas, pelas conversas...pela amizade!

A amiga Rita de Cássia, por me apresentar a cidade de Pau dos Ferros no Rio Grande do Norte e, mesmo na hora difícil que passamos, sempre acreditar na minha aprovação no mestrado! Aos colaboradores desta pesquisa: a contadora de histórias da FMS Marilene Evangelista, grande contadora de história em Teresina.

A Digenário Pessoa, amigo e revisor.

Ao Deus Baco por me proporcionar um bom vinho nas horas em que me sentia angustiada para escrever...e, numa taça vinha, a mágica inspiração!

Enfim, a minha família, meus irmãos Ricardo (já mencionado), Marcos Vinicius e Ravena (irmã canina) por acreditar que posso.

## RESUMO

Ao entender o rádio não só como uma estratégia didática no meio educacional, mas como uma mídia radiofônica para ser utilizada nas práticas educomunicativas em interface com a leitura literária para a formação do aluno leitor, é que propomos este estudo cujo objetivo é compreender o processo de formação do leitor literário nas atividades da rádio escolar, por meio de contação de histórias, envolvendo narrativas de terror e assombração. A abordagem metodológica proposta para este trabalho é de natureza descritiva e interventiva, caracterizando-se como uma pesquisa qualitativa, fundamentada por autores como Bortoni (2011), Bauer e Gaskel (2002); Bogdan e Biklen (1994); e Oliveira (2014) por meio do método da observação participante. Esta pesquisa tem como aporte teórico: Amarilha (2006), Almeida (2004), Assumpção (1999); Baltar (2012), Barbero (2000), Brenman (2012), Consani (2007), Cosson (2014), Freire (1983), Kaplun (1998), Prado (2012), Soares (2011), Vieira (2002). Na pesquisa definiu-se como sujeitos os alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Parque Piauí, em Teresina-PI. Os resultados do plano de intervenção demonstraram a mobilização e a expectativa dos alunos para participar do projeto como trabalho colaborativo, bem como o êxito nas práticas leitoras para a formação do leitor: alunos lendo mais, com autonomia e criticidade; aluno leitor produtor e criativo: produziram novos contos, recontaram fazendo adaptações, entenderam e interagiram bem com o texto literário. Na etapa de gravação os sujeitos desenvolveram a capacidade imaginativa, interativa e souberam diferenciar o ato de ler e contar histórias. Enfim, promovemos a dialogicidade educomunicativa na atividade de rádio do “Programa Mais Educação” da escola, ao proporcionarmos não só o contato da leitura crítica do rádio, como ferramenta para o ensino da leitura para a formação do leitor, mas oportunizando a expressão comunicativa e artística por meio da arte de contar histórias para e pelo rádio.

**Palavras-chave:** Educomunicação. Rádio Escolar. Formação do leitor Literário. Contação de Histórias.

## RESUMEN

Delante de la comprensión de la radio no sólo como una estrategia más de enseñanza en el ámbito educativo, sino como un medio de comunicación radiofónico a ser utilizado en las prácticas educomunicativas en interfaz con la lectura literaria para la formación de los estudiantes como lectores, es que se propone este estudio que tuvo como objetivo comprender el proceso de formación de lectores literarios en las actividades de la radio de la escuela, a través de la narración de cuentos, con la participación historias de terror y fantasmas. El enfoque metodológico propuesto para este trabajo es de naturaleza descriptiva y de intervención, que se caracteriza como una investigación cualitativa, apoyada por autores como Bortoni (2011), Bauer; Gaskell (2002), Bogdan; Biklen (1994) y Oliveira (2014) a través del método de observación participante. Esta investigación tiene como soporte teórico: Amarilha (2006), Almeida (2004), Assumpção (1999); Baltar (2012); Barbero (2000), Brenman (2012), Consani (2007), Cosson (2014), Freire (1983), Kaplun (1998), Prado (2012), Smith (2011), Vieira (2002). En la investigación se definió como sujetos los alumnos de la enseñanza fundamental de la escuela municipal Parque Piauí, en Teresina – PI. Los resultados del plan de intervención demostraron la movilización y la expectativa de los alumnos a participar en el proyecto como trabajo colaborativo, así como el éxito en las prácticas de lectura para la formación del lector: alumnos que leen más, con autonomía y criticidad; alumno lector productivo y creativo: que produjo nuevos cuentos, relataron haciendo ajustes, comprendieron y interactuaron bien con el texto literario. En la etapa de grabación, los sujetos desarrollaron la capacidad imaginativo, interactiva y supieron diferenciar el acto de lectura y el de narrar cuentos para la radio. Por fin, se desarrolló la dialogicidad educomunicativa en la actividad de radio del “Programa Mais Educação” de la escuela, en la medida que se ha proporcionado no sólo el contacto de la lectura crítica del radio como una herramienta para la enseñanza de la lectura para la formación del lector, pero generando oportunidad a la expresión comunicativa y artística a través del arte de la narración de cuentos para y por la radio.

**Palabras-claves:** Educomunicación. Escuela de Radio. Formación de Lectores Literarios. Narraciones de cuentos.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Respostas dos discentes em relação a pergunta 1 – Sobre as atividades do Programa Mais Educação, qual a que você mais gosta? Por quê?.....	63
Gráfico 2 – Respostas dos discentes em relação a pergunta 2 – Como você gostaria que fosse desenvolvida a atividade de rádio na sua escola?.....	64
Gráfico 3 – Resposta dos discentes em relação a pergunta 7 – Você gosta de ler? Por quê?.....	67
Gráfico 4 – Respostas dos discentes em relação a pergunta 8 – O que você mais gosta de ler?.....	68

## LISTA DE SIGLAS A ABREVIATURAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado  
BALE – Biblioteca Ambulante de Leitura  
BIBIVIRT- Biblioteca Virtual do estudante de língua portuguesa  
COMÍDIA – Comunicação, cultura e mídia  
ECA – Escola de Comunicação e Arte  
EGET – Grupo de estudos de generos textuais e orais  
EM – Escola Municipal  
FMS – Fundação Monsenhor Chaves  
FNE – Fundo Nacional de Educação  
GEEPE – Grupo de estudos e pesquisas em planejamento do processo de ensino aprendizagem.  
GRE – Gerencia Regional de Educação  
HQs – Histórias em Quadrinhos  
IDEB – Índice de desenvolvimento da educação básica  
MC – Ministério das Comunicações  
MEB – Movimento de Educação de Base  
MEC – Ministério da Educação  
NCE – Núcleo de Comunicação e Educação  
NTE – Núcleo de tecnologia educacional  
NTICs- Novas tecnologias de informação e comunicação  
PCNs: Parâmetros Curriculares Nacionais  
PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação  
PME – Programa Mais Educação  
PMT – Prefeitura Municipal de Teresina  
PROEMI – Programa Ensino Médio Inovador  
RE – Rádio Escolar  
SEDUC – Secretaria do Estado de Educação  
UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 NO AR: A ESTREIA DO RÁDIO NO BRASIL EM MÍDIA EDUCATIVA.....</b>	<b>17</b>
2.1 Acertando a frequência: a educomunicação nos espaços escolares.....	19
2.2 Em pauta: “ecossistema comunicativo” – uma proposta, um desafio....	21
2.3 No canal: Rádio Escolar para quê?.....	23
<b>3 NA SINTONIA DE LER, CONTAR HISTÓRIAS E FORMAR LEITORES.....</b>	<b>27</b>
3.1 No <i>dial</i> entre contos, encantos e assombrações.....	31
<b>4 EM PAUTA: NOTAS SOBRE O PERCURSO E CONTEXTO DA PESQUISA: abordagem qualitativa: algumas considerações.....</b>	<b>35</b>
4.1 O universo da pesquisa.....	36
4.1.1 Caracterização do locus.....	37
4.1.1.1 Na programação: o “ <i>Mais “Educação”</i> ”.....	39
4.1.2 Os sujeitos.....	42
4.3 Na construção <i>corpus</i> .....	43
4.4 Instrumentalização e coleta de dados.....	43
4.5 Plano de intervenção em ação educacional.....	46
4.5.1 Momento Inicial: Diagnóstico, Encontros e Entrevistas.....	48
4.5.2 Oficinas.....	50
4.6 Procedimentos da análise dos dados coletados.....	55
4.6.1 Estruturação da análise.....	56
<b>5 RADIOCONTAÇÃO DE HISTÓRIA: rádio escolar para a formação de ecossistema comunicativo.....</b>	<b>58</b>
5.1 Leituras em pauta: percurso para a formação do leitor literário.....	66
5.2 Na escuta: a intervenção entre contos, recontos e dramatização radiofônica.....	74
5.3 No ar: os radiocontadores de história mirim.....	94
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>114</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao entender o rádio não só como uma estratégia didática no meio educacional, mas como uma mídia radiofônica para ser utilizada nas práticas educacionais em interface com as teorias de leitura literária para a formação do aluno leitor, e ainda, como instrumento de disseminação da leitura literária, da cultura e do protagonismo juvenil é que definimos como objetivo desta pesquisa, compreender o processo de formação do leitor literário nas atividades de rádio escolar mediante a contação de histórias, envolvendo narrativas de terror e assombração.

Mais especificamente, procuramos entender o processo de formação do leitor literário, a partir da análise dos resultados de um plano de intervenção envolvendo a contação de histórias e a leitura radiodramatizada. Foi também nossa pretensão analisar o funcionamento de uma rádio escolar implantada pelo “Programa Mais Educação”, em interface da educação com a formação do leitor literário, por último, verificar o resultado do plano de intervenção envolvendo contos de terror e assombração, por meio da rádio escolar do “Programa Mais Educação.”

O tema apresentado nesta pesquisa advém das observações feitas durante as visitas técnicas da equipe de supervisão do Programa Ensino Médio Inovador pela Secretaria de Educação do Piauí (18ª Gerência Regional de Educação), da qual esta pesquisadora faz parte, em que constatamos o grande número de escolas contempladas com recursos do referido programa federal, no macrocampo Comunicação, Cultura Digital e uso das mídias. Entretanto, observamos também, que a par da quantidade de projetos de rádio aprovados, as escolas demonstraram muita dificuldade, não na montagem dos equipamentos, mas em desenvolver projetos realmente educativos, relevantes e inseridos em suas propostas pedagógicas.

Dentre as dificuldades das rádios escolares observadas elencamos a falta de planejamento nas ações para implantação e implementação das rádios escolares; pouca teorização das práticas educacionais; dificuldade nas instalações (técnica e ou financeira); pouco engajamento dos sujeitos envolvidos (professores, alunos, comunidade) na construção coletiva do projeto e relacioná-lo à

realidade escolar; dificuldade dos professores de Língua Portuguesa e, de outras disciplinas, em desenvolver projetos voltados para a formação da leitura literária pelas mídias radiofônicas.

Além dos motivos profissionais, a escolha do tema teve como motivação a “intimidade” dessa pesquisadora com o universo do rádio, advinda da convivência, desde criança, com pioneiros do rádio piauiense. Isso possibilitou até hoje o nosso diálogo com a mídia radiofônica, fato que muito favorece a colaboração técnica desses profissionais como suporte para o desenvolvimento da presente proposta.

Outro fator pessoal que acreditamos interferiu na opção pelo tema foi o desenvolvimento do gosto pela leitura desde a infância na escuta de histórias, no nosso caso, graças à iniciativa da avó materna, e poder ouvir dela os causos contados na calçada no bairro Cabral, região central de Teresina. Além dos contos de fadas para dormir, contados pela mãe e pelo contato com os livros nas estantes da “biblioteca da tia Soeiro” recheada de boas e variadas leituras (enciclopédias, livros infantis e revistas) que ela deixava-nos manusear e, ao ter tempo, lia para todos nós, introduzindo-nos, mesmo em casa ao mundo maravilhoso da leitura.

Após ingressar no mestrado profissional em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em especial, nas discussões literárias das disciplinas Leitura do Texto Literário e, por último, Literatura e Ensino, ambas ministradas pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edileuza Costa em que, de forma lúdica, instigou a produzir um texto que falasse da nossa “biblioteca íntima”, atividade esta, que muito contribuiu para a decisão do objeto de pesquisa com o tema: formação do leitor em interface com a mídia rádio em ambiente escolar.

A reflexão advinda desse contexto e da prática docente, como professora de Língua Portuguesa, que diariamente vivencia as dificuldades e o desafio para a formação do leitor, em especial o gosto pela leitura literária, levou-nos à seguinte indagação: “Como formar leitor literário envolvendo uma turma do ensino fundamental, de 6º ao 9º anos, participantes da atividade de rádio escolar do “Programa Mais Educação”?

As experiências com rádios escolas foram inspiradas por outras iniciativas, pois temos como exemplo o Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE), vinculado ao grupo de pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo Ensino-aprendizagem (GEPPE) da UERN formador de leitores e incentivador da leitura literária por meio da Contação de

histórias em escolas, hospitais e eventos literários nos municípios de Pau dos Ferros, São Miguel, Portalegre, Umarizal, Frutuoso Gomes e Patu no Estado do Rio Grande do Norte, temos, também em Teresina, o projeto de Contação de histórias de Marilene Evangelista da Prefeitura Municipal de Teresina, do setor de biblioteca da Fundação Monsenhor Chaves.

Diversas também são as experiências exitosas com a mídia radiofônica, tais como o projeto desenvolvido pelo Grupo de Estudos de Gêneros Textuais Orais e Escritos (EGET), da Universidade de Caxias do Sul, no período de 2006 a 2009, em escolas da rede pública do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina que resultou nos Projetos “Radioesc Mídias & Escola”: letramentos e gêneros textuais; os projetos de extensão Educom.Rádio, da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e o Grupo Comédia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que contribuem na formação de educadores no espaço escolar.

Destacamos ainda, projetos de rádio escolas dentre os quais o Projeto “Rádio Didácio”, da Escola Estadual Didácio Silva, por meio do Programa Ensino Médio Inovador, em Teresina-PI, e o projeto “Eu sou cidadão” em 11 escolas do município de Horizonte, região metropolitana de Fortaleza-CE, com o programa radiofônico “Conexão Jovem”, no ar há mais de seis anos, premiado com o Selo Unicef do Fundo das Nações Unidas para a Infância.

Nessa perspectiva de formar leitores, incentivar as práticas comunicativas na escola, criar e fortalecer o ecossistema comunicativo, divulgar a literatura, especificamente, por meio de contos populares, enfim, incentivar o gosto pela leitura literária por meio da mídia radiofônica, é que pretendemos analisar os resultados deste estudo.

Esta pesquisa tem como aporte teórico Assumpção (1999), Baltar (2012) e Consani (2007) dos quais consideramos conceito, implantação e implementação de projetos de rádio em espaço escolar; Freire (1983), Barbero (2000) e Soares (2011) para fundamentação do conceito de educação para a formação de ecossistemas comunicativos; Amarilha (1997; 2006), Cosson (2014), Gomes (2002), Sampaio (2007) e Brenman (2012); Cascudo (2004; 1978) para uma aproximação com a tradição oral popular e Todorov (1939) com a literatura fantástica. A metodologia deste trabalho é de natureza descritiva e analítica, caracterizando-se

como de pesquisa qualitativa, fundamentada por Bortoni (2011), Bauer; Gaskel (2002), Bogdan; Biklen (1994) e Oliveira (2007) por meio da observação participante.

Estruturamos este trabalho em 3 partes: a primeira parte compreende a introdução seguida dos capítulos 2 e 3 nos quais nos debruçamos sobre as bases teóricas. No capítulo 2, intitulado “No ar: a estreia do rádio no Brasil em mídia educativa” procuramos abordar um breve histórico do rádio, especificamente as contribuições dessa mídia para a educação. Esse título está dividido nos seguintes subcapítulos: “Acertando a frequência: a educomunicação nos espaços escolares”, “Em pauta: ecossistemas comunicativos: uma proposta, um desafio” – no quais levamos a discussão da teoria educomunicativa para se fomentar a criação de “ecossistemas comunicativos” por meio da teoria educomunicativa, no espaço escolar. Finalizando o capítulo 2, no item “No canal: rádio escolar para quê?” procuramos detalhar o que vem a ser uma rádio em ambiente escolar, sua implantação e implementação por meio do programa mais educação.

No capítulo 3, “Na sintonia de contar histórias e formar leitor literário”, seguido do subcapítulo: “No *dial* entre contos, encantos e assombrações”, procuramos levar à discussão e à reflexão sobre os temas leitura literária, formação do leitor, mediação de leitura e a presença da literatura popular na escola, procurando instigar a contação de histórias de contos fantásticos focados no terror e na assombração para a mídia radiofônica.

Na parte II, correspondente ao capítulo 4, intitulado: “Em pauta: notas sobre o percurso e contexto da pesquisa, descrevemos a metodologia com abordagem qualitativa, seguido dos subcapítulos: universo da pesquisa, caracterização do *locus*, contextualização do “Programa Mais Educação”, perfil dos sujeitos, construção do *corpus*, instrumentalização dos dados, plano de intervenção e procedimentos para análise dos dados coletados.

Já na terceira parte, segue o capítulo 5 e seus subcapítulo dedicados à análise do nosso *corpus*, denominado: “Radiocontação de história: rádio escolar para a formação de ecossistemas comunicativos”; e os subtítulos “Leitura em pauta: para a formação do leitor literário”; “Na escuta: a intervenção entre contos, recontos e dramatização radiofônica” e No ar: os radiocontadores de história mirim. No que se refere à análise procuramos responder aos objetivos específicos em consonância com os pressupostos teóricos.

Ao término desta dissertação procuramos expor a conclusão a que chegamos, na qual primeiramente faremos uma breve discussão sobre a importância de se formar “ecossistemas comunicativos” na escola, em interface com a mídia rádio para a formação do leitor literário, bem como procuramos refletir sobre os resultados alcançados do plano de intervenção proposto para a atividade de rádio escolar do “Programa Mais Educação” da Escola Municipal Parque Piauí.

## 2 NO AR: A ESTREIA DO RÁDIO NO BRASIL EM MÍDIA EDUCATIVA

As mídias, nos seus diversos tipos (impressa, eletrônica e digital) e em seus diversos suportes (jornal, revista, televisão, rádio e internet), do século passado até ao contexto atual, exercem grande influência ideológica, sociocultural e literária na formação e na aprendizagem de crianças, adolescentes e jovens em qualquer modalidade de ensino.

Em se tratando de mídia e educação, em especial a radiofônica, na década de 1930, Bertolt Brecht, de acordo com Baltar (2008), já defendia a tese do rádio como instrumento dialógico de comunicação, um canal de interação, uma tribuna para ampliar as vozes daqueles que não pudessem ser ouvidos.

No Brasil, a primeira utilização da mídia rádio, de forma oficializada, fez parte do Centenário da Independência, em 1922, com caráter educativo, conforme Consani (2007, p. 33):

Entre nós, um dos primeiros usos concebidos para o rádio foi justamente o educativo. A ausência de uma indústria fonográfica estabelecida reduzia o repertório de “produções” a palestras científicas, discursos cívicos e outros “apetitosos” itens do cardápio radiofônico.

Outro grande idealizador da radioeducação no Brasil e também considerado o “pai da radiodifusão” no Brasil foi o carioca Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), fundador da primeira emissora radiofônica do país: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 20 de abril de 1923, instalada nas dependências da antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro ligada à Academia Brasileira de Ciências, com fins científicos, sociais e de caráter educativo. Para Prado (2012, p. 53):

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro tinha uma programação de cunho educativo, que incluía literaturas brasileiras, francesa e inglesa. As aulas eram proferidas nas mais diversas disciplinas, como também Teatro e Música faziam parte do projeto da Rádio Sociedade.

Em 1934, a Rádio Sociedade foi oficializada como emissora exclusivamente educativa, conforme Faria (2002, apud PRADO, 2012, p. 53), “quando completou um ano de existência, a emissora havia realizado 402 irradiações infantis, contando já com 1.110 alunos ouvintes matriculados.” No

mesmo ano foi rebatizada de Rádio Roquette-Pinto pela homenagem ao grande trabalho educativo.

Porém, dois anos após, em 1936, Roquette-Pinto, por não dispor de capital necessário para a grandiosidade que a Rádio havia se tornado, doou-a ao Ministério da Educação, mas continuou na direção desenvolvendo a programação a serviços da Educação e da Cultura. Logo, desde o início, Roquette idealizava o Rádio como inovação tecnológica de grande potencial que deveria ser empregada para levar educação e cultura a todo o país. Assim, surgia no país o sistema educativo de rádio: segmento não comercial baseado em programação de educação e cultura, hoje, a Rádio Roquette-Pinto em Rádio Mec.

Também no Brasil, nos anos 1960, Paulo Freire, por meio do Movimento de Educação de Base (MEB), utilizou-se do rádio como principal ferramenta educacional, projeto este interrompido pelo golpe militar de 1964, conforme esclarece Almeida (2004, apud BALTAR, 2012, p. 37):

Não podemos deixar de registrar a grande relevância do rádio educativo para a educação na modalidade à distância, especificamente no Brasil, um país de grande extensão territorial, diversidades linguísticas e culturais, levando programas e projetos que alcançam um grande público, seja em educação formal ou informal. Assim, descreve Prado (2012, p. 56):

O rádio educativo atrai pelo seu vasto alcance geográfico, independentemente da distância entre o local que se dá a recepção e a localização dos centros transmissores e, também pela facilidade de aprendizado dos alunos sem sair de casa/trabalho. Entretanto, é importante que profissionais envolvidos, tanto educadores e comunicadores, conheçam demasiadamente o grupo que pretende ser atingido. É também indispensável que apelem na redundância das informações e possibilitem a repetição dos mesmos programas em horários e dias diversificados.

Porém, mesmo com toda essa atração que o rádio exerce para a Educação à distância no nosso país e com a grande quantidade de emissoras em frequência AM e FM, segundo Pimentel (2004 apud PRADO, 2012, p. 56) apenas 5% tem cunho educativo em nosso país. Tratando ainda da mídia radiofônica como forte instrumento educacional e um dos mais acessíveis ao conhecimento, Assumpção (1999, p. 15) afirma que:

O rádio já é uma escola. Ele tem o dom de transformar a vida em sonoridade, penetrando não apenas no pensamento do ouvinte, mas

naquilo que ele tem de sensibilidade. Decodificando as mensagens radiofônicas, o ouvinte elabora ideias, cria imagens, produz fantasias, enriquece o espírito, modifica ou consolida comportamentos.

Corroboraamos com a autora e defendemos a mídia radiofônica na educação como aliada entre ensino, educação e cultura e, independente do suporte utilizado (jornal, televisão, rádio e internet...), as mídias necessitam tanto da escrita quanto da fala, do conhecimento e da cultura em geral, no desenvolvimento das competências e habilidades de leitura e escrita, escuta e oralidade.

Sabemos da importância das mídias em geral, especificamente, do jornal escrito, sendo já usual nas aulas de língua portuguesa, como portadores de textos discursivos midiáticos, para estimular a atividade de leitura e produção de textos escolares e, mais ainda, para aproximar os gêneros textuais da esfera midiática, tais como artigos, reportagens, entrevistas, entre outros, do universo do leitor na sala de aula.

Nesse sentido, a escola, ao inserir o rádio como apoio didático nas aulas de língua portuguesa, deve permitir uma gama de possibilidades pedagógicas e de grande abrangência, atingindo todas as camadas da população e inserindo o educando na formação do leitor para a cidadania, aqui proposto pelo trabalho com leitura literária.

Diante disso, para o ensino da literatura, pretendemos analisar as condições da formação do leitor por meio do letramento literário, a partir de diversas narrativas em prosa, tais como contos populares, especificamente, contos fantásticos de terror e assombração.

## **2.1 Acertando a frequência: a educomunicação nos espaços escolares**

A escola, ao entender a relação dialógica entre comunicação e educação, na perspectiva de educar pela comunicação e não apenas para a comunicação, conforme Kaplun (1998 apud CITEELLI; COSTA 2011, p. 23), direciona frequência para práticas educacionais significativas no espaço escolar, fortalecendo, assim, a criação de ecossistemas comunicativos.

Porém, o que se constata é que esse fazer educacional, proposto por programas federais do Ministério da Educação, entre eles o “Mais educação”, no espaço escolar, é realizado de forma tímida ou mesmo inexistente. Mesmo em

escolas que veem desenvolvendo projetos com as mídias, tais como o rádio escolar, o jornal, o cinema, trabalhos estes fundamentados pelas teorias educacionais que propõem desenvolver as habilidades juvenis para a produção de mídias, infelizmente, ainda se confunde “esse fazer educacional” com a “mera aplicação” das novas tecnologias de comunicação na sala de aula.

Assim, faz-se necessária uma reavaliação nas atividades didático-pedagógicas para a realidade atual das escolas, em relação ao uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) e das mídias, tendo em vista que:

As novas tecnologias permeiam o cotidiano, independentemente do espaço físico, e criam necessidade de vida e convivência que precisam ser analisadas no espaço escolar. A televisão, o rádio, a informática entre outras, fizeram com que os homens se aproximassem por imagens e sons de mundos antes inimagináveis. (BRASIL, 2011, p. 12).

É com esse mesmo pensamento que em nossas pesquisas, observamos que um dos maiores “gargalos” para o uso das mídias e NTICs, encontra-se na forma de “como essas mídias vêm sendo desenvolvidas na escola. Nessa linha de raciocínio, Masseto (2000) nos traz como pauta reflexiva a questão da “não valorização” e do uso inadequado da tecnologia no espaço escolar, considerando o processo de ensino-aprendizagem eficiente e eficaz, pois, segundo o autor, a escola “educa” ainda na concepção tradicional, de apenas transmitir o conhecimento.

Logo, o professor, desde a academia, é “instruído” apenas para dominar conteúdo, fazendo uso de métodos tradicionais. Talvez a questão não esteja na “não valorização”, mas na questão do tipo de mediação que as escolas vêm fazendo em relação às mídias e às novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs).

Comungamos com o pensamento de Masseto (2000, p. 144) com referência ao termo “mediação”, que, segundo o autor, é “a atitude, o comportamento conforme o qual o professor deve ser aquele que se coloca como facilitador, incentivador da aprendizagem: uma ponte entre o aprendente e o aprendiz”, enfim, que saiba utilizar-se dos diferentes métodos e técnicas, das convencionais às novas tecnologias, sempre de forma planejada, por meio dos objetivos pretendidos.

Diante dessa realidade vivenciada pela escola nos dias atuais Beloni (2012, p. 10) assim descreve:

Como irá a instituição escolar responder a esse desafio? Integrando as tecnologias de informação e comunicação ao cotidiano da escola, na sala de aula, de modo criativo, crítico, competente. Isto exige investimentos significativos e transformações profundas e radicais em: formação de professores, pesquisa voltada para metodologias de ensino, nos modos de seleção, aquisição e acessibilidade de equipamentos, materiais didáticos e pedagógicos, além de muita e muita criatividade.

Assim, ao refletirmos sobre esse desafio a respeito da forma de mediação para que o professor vá além do mero uso das mídias nos espaço escolar, analisemos a definição de educomunicação, segundo Soares (2011, p. 36):

Conjunto de ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantido, dessa forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas.

Constatamos na definição acima o posicionamento dos sujeitos em plena participação em “gestão compartilhada” dos planos, metas e ações das mediações tecnológicas e, para que essa prática educ comunicativa seja mobilizada por todos, é necessária a criação de “ecossistemas comunicativos”, a partir de ações e intervenções comunicativas com o intuito de melhorar as práticas educativas dialógicas e participativas.

## **2.2 Em pauta: “ecossistema comunicativo” – uma proposta, um desafio**

O termo “ecossistema” vem da Biologia para designar o conjunto formado por todas as comunidades bióticas (animais, plantas, bactéria entre outros) que vivem e interagem em determinada região e pelos fatores abióticos (ambiente físico) interrelacionados dinamicamente<sup>1</sup>.

Dessa forma de interação nas diversas linguagens, a teoria educ comunicativa vem utilizando o termo “ecossistema comunicativo”, usado inicialmente nos estudos sobre cultura e comunicação na Colômbia por Jesús Martín-Barbero (2000), não apenas conformado pelas tecnologias e meios de comunicação, mas também pela trama de configurações constituída pelo conjunto

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.infoescola.com/biologia/ecossistema>. Acesso em 25 mar. 2015.

de linguagens, representações e narrativas que penetra na vida cotidiana de modo transversal. Barbero (apud SARTORI; SOARES 2005, p. 02) explica:

Estamos diante de um ecossistema comunicativo conformado não pelas máquinas ou meios, mas por linguagens, saberes e escritas, pela hegemonia da linguagem audiovisual sobre a tipográfica que desordenam e remodelam as formas de aquisição do saber e do conhecimento.

Segundo Barbero (2000), um grande desafio a ser enfrentado para a formação de “ecossistemas comunicativos” está relacionado a dois tipos de dinâmicas que movem a sociedade: uma está no tipo de relação dos jovens com as novas tecnologias; a outra, na dinâmica da comunicação. O autor pontua essas dinâmicas relacionando as formas de centralização e legitimação do saber perpetuado pela sociedade há séculos e propõe, entre comunicação e educação, como desafio, a descentralização desse saber.

No Brasil, comungam com o pensamento do autor os estudos desenvolvidos na área de Comunicação do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE/USP), e analisando o termo no contexto da educomunicação, Segundo Soares (2011, p. 44):

Ecossistema comunicativo é um ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias

Eis aí um grande desafio proposto para a educação: a criação de ecossistemas comunicativos nos espaços escolares. Logo, essa “teia” de relações dialógicas vai além da mera utilização das tecnologias adotadas e/ou bom convívio entre os pares. Soares (2011) defende: “trata-se de uma decisão ético-político-pedagógica, que necessita, naturalmente, ser circundada pela definição de tecnologias de auxílio.”

Belloni (2012) também discute sobre os desafios do trabalho colaborativo e do perfil do professor diante do trabalho com as mídias e NTICs, e assim propõe:

o professor terá que aprender a trabalhar em equipe e a transitar com facilidade em muitas áreas disciplinares. Será imprescindível quebrar o isolamento da sala de aula convencional e assumir funções novas e diferenciadas. A figura de professor individual tende a ser substituída pelo

professor coletivo [...]. O professor terá que aprender e ensinar a aprender. (BELLONI, 2012, p.29)

Dessa ideia de interrelação dinâmica e interativa do trabalho colaborativo em interface com as mídias e as NTICs é que a educomunicação emprega o conceito de ecossistema comunicativo. Conforme Soares (2011, p. 37), o termo é “usado para designar teias de relações inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas, ou seja, implementação de ações educacionais nos espaços escolares”.

No Brasil Paulo Freire (1983) já vinha discutindo em seus estudos a relação entre comunicação e educação de forma colaborativa. Para ele, a comunicação é elemento fundamental para a educação e o conhecimento deve ser mediado por relações dialéticas entre os sujeitos e o mundo em que vivem. Sobre essa relação, defende Freire (1983, p. 46): “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

### **2.3 No canal: Rádio Escolar para quê?**

Inicialmente, cabe-nos relatar que durante o período de nossa atuação na equipe da supervisão do Programa “Ensino médio inovador”, pela Secretaria Estadual de Educação, na sede da 18ª Gerência Regional do Piauí, de 2012 ao primeiro semestre de 2013, constatamos um grande número de escolas que inseriam projetos para implantação e implementação de rádio escolar, no sistema do Programa Ensino Médio Inovador (PROEMI), macrocampo: “comunicação e uso de mídias”, sendo este, conforme já mencionado anteriormente na introdução deste trabalho, um dos motivos para a realização da pesquisa com o rádio escolar.

Mas, diante da surpresa, observamos também uma lacuna na teorização de práticas educacionais e dificuldade para desenvolver projetos para o rádio em ambiente escolar, conforme será melhor descrito na etapa metodológica desta pesquisa.

Primeiramente, precisamos entender a legislação no âmbito do direito à comunicação e à garantia da plena liberdade de expressão, a qual é um direito universal. De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1949), no seu artigo 19 afirma que:

Todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

A Constituição Brasileira (1988) também garante tal direito e, em seu artigo 5º, inciso IX, afirma que “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.”

Voltando a discussão ao tema “Rádio escolar para quê?”, que intitula este subcapítulo, e relacionando à legislação, acreditamos na potencialidade de uma rádio em ambiente escolar, pois além da garantir legalmente o direito à comunicação amplia a expressão comunicativa e, quando bem planejada, conforme Assumpção (1999) promove a democratização da comunicação, a familiarização do aluno com a linguagem radiofônica, no âmbito técnico e artístico, bem como contribui com a socialização do discente.

Ainda sobre a relevância, não só do rádio e da televisão, mas das mídias na escola, nesse intuito, recorreremos a Belloni (1991, apud BELLONI, 2012, p. 47):

[...] [há] a necessidade de integrar os meios de comunicação à escola, do ponto de vista dos novos modos de expressão que eles introduzem no universo infantil [...], não apenas como instrumento pedagógico, mas sobretudo como objeto de estudo. A mídia representa um campo autônomo do conhecimento que deve ser estudado e ensinado às crianças da mesma forma que estudamos e ensinamos literatura, por exemplo. A integração da mídia à escola tem necessariamente que ser realizada nestes dois níveis: *objeto de estudo*, fornecendo às crianças e adolescentes os meios de dominar esta nova linguagem; e enquanto *instrumento pedagógico*, fornecendo aos professores suportes altamente eficazes para a melhoria da qualidade do ensino [...]

Corroboramos com a citação da autora, especificamente no tocante a forma de integração da mídia na escola como *objeto de estudo* que leve a criança ao uso com autonomia e criatividade, e não somente, como um mero instrumento pedagógico a mais na escola.

Como nosso trabalho está focado na mídia radiofônica como um instrumento para a formação do leitor, esclarecemos o que vem a ser uma rádio escolar, a qual, bem diferente das rádios convencionais, não necessita de licença ou outorga do Ministério das Comunicações (MC), por meio de sistema de transmissão, para entrar em funcionamento.

A proposta de implantação e implementação de rádio escolar é de certa forma bem simples: com material fornecido pelo Ministério da Educação, após

proposta de adesão da escola ao “Programa Mais Educação”, “Ensino Médio Inovador (PROEMI)” e outros programas direcionados a escolas públicas.

Em relação à transmissão, não existe um amparo legal para uma rádio escolar. Logo, o Ministério das Comunicações proíbe equipamentos de radiofrequência para essa modalidade de “rádio”, que é tida apenas como sistema de sonorização em ambiente local através de cabos interligados a caixas de som, com itens fornecidos para a instalação pelo MEC, conforme manual operacional de educação integral do MEC (2012, p. 40), sendo estes: um micro system, uma mesa de 04 canais com entrada direta para canal estéreo para CD, MD, Tape Deck, sintonizadores e saída de linha de áudio, um microfone de corpo metálico, um gravador digital com porta USB, um fone de ouvido e uma caixa de som estéreo com 3 canais, ou seja, um kit de geração de programas para um estúdio em instalações escolar.

Tratando ainda do quesito de “legitimação” para uma rádio escolar no Brasil, recorreremos a Baltar (2012, p. 40) que ressalta:

Diferentemente das rádios comerciais, educativas e comunitárias que já estão “legitimadas,” a rádio escolar ainda está em um processo embrionário em nosso país. É possível vislumbrar um movimento de implantação de rádio escolar em várias regiões, mas ainda com ações pontuais de algumas escolas, a partir do trabalho individual de alguns professores e líderes estudantis.

Concordamos com o pensamento do autor, logo constatamos em nossas pesquisas que há uma grande empolgação da parte das escolas para a implantação de uma rádio em ambiente escolar, mas que infelizmente realizada com esforço de um pequeno grupo de professores e ou alunos sem discussão e participação dos projetos de implementação em trabalho colaborativo com a comunidade escolar.

Como a atividade de rádio escolar encontra-se no macrocampo “comunicação e uso de mídias” o manual fundamenta-se nas teorias educacionais e na “criação de ecossistemas comunicativos” nos espaços educativos, que fomentem práticas de socialização e convivência, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação” (BRASIL, 2012, p. 21), e assim sugere para a implantação de uma rádio escolar:

[a] utilização dos recursos da mídia rádio no desenvolvimento de projetos educativos dentro dos espaços escolares. Exercício da inteligência comunicativa compartilhada com outras escolas e comunidades.

Construção de propostas de cidadania envolvendo os estudantes em experiências de aprendizagens significativas (BRASIL, 2012, p. 21).

A citação é bem clara na relevância de se implementar projetos de rádio escolar de forma colaborativa, por meio de ações educativas que envolvam tanto a escola quanto a comunidade local focando no ensino – aprendizagem para a cidadania e condizentes com cada realidade.

Constatamos nas orientações contidas no manual do MEC a atenção para as seguintes áreas: mediação tecnológica e criação e fortalecimentos de “ecossistemas comunicativos”. Isso, porque tais áreas dão suporte ao planejamento colaborativo para a implantação e implementação de uma rádio escolar.

Além de tudo isso, é fundamental conhecer a realidade da escola, o perfil dos seus alunos, seus anseios e, principalmente, a comunidade em que a escola está inserida para que, assim, possam se concretizar propostas de rádio em ambiente escolar significativas e relevantes. Nesse sentido, Baltar (2012, p. 35) afirma:

A proposta de uma rádio que defendemos, partindo do estudo crítico dos textos discursivos da mídia convencional, dentro de um processo de conscientização sobre a mídia que temos e a que poderemos forjar, sugere a efetiva construção de uma **mídia própria** e adequada de cada comunidade escolar. **Uma mídia da escola** que se configure como decorrência de atividades significativas de linguagem, em que os sujeitos envolvidos em sua construção (estudantes, professores, pais e funcionários) possam agir como atores capazes e responsáveis, decidindo *como* e, sobretudo *o que* querem comunicar. (Grifos do autor).

Corroboramos com o autor e também defendemos uma “mídia para a escola” que promova a aprendizagem significativa por meio do rádio escolar como instrumento de dialogicidade comunicativa do aluno. Logo, uma proposta de rádio escolar, quando bem conduzida, em “mídia própria”, “mídia da escola” desenvolve a criticidade quanto à recepção dos meios e promove o protagonismo juvenil.

Assim, ao abrirmos essa discussão por meio do questionamento “Rádio escolar para quê?”, propomos um convite reflexivo em relação à implementação de projetos de rádios em ambiente escolar e defendemos as formas de mediação tecnológica e pedagógica em diálogo constante com as práticas educacionais para uma comunicação educativa, pois, conforme Kaplun (1998, p. 51), “só existe um verdadeiro aprendizado quando tem processo, quando tem autogestão dos educandos.”

### 3 NA SINTONIA DE LER, CONTAR HISTÓRIAS E FORMAR LEITORES

Trataremos inicialmente neste capítulo sobre a arte de narrar, desde a tradição oral popular até os contadores de histórias nos dias atuais, para após, seguirmos com a discussão sobre a escola, como agência de leitura, mediação e formação do leitor literário.

Toda história contada nasce da tradição oral, por meio de narrativas perpassadas pelos mais velhos aos mais novos e, desde o seu surgimento, com o intuito de explicar o inexplicável, “movidas por uma necessidade ou desejo de compreender o mundo que os envolve, a sua natureza e a sociedade em que vivem.”(LEVI-STRAUSS,1989, p.30 *apud* BRENMAN, 2012, p. 18).

Devido a esse desejo de entender algo em sua volta é que a arte de narrar, durante séculos, mantém viva a memória das gerações, pela ação de contar e ouvir histórias e, como maior legado, os saberes transmitidos da cultura popular, por meio de mitos, lendas e contos.

Sobre a prática de contar histórias, afirma Amarilha (2006), segundo Yung (1988, p. 19) “surgiu do rito nas sociedades tribais em que o chefe reunia a tribo para contar seus sonhos que eram entendidos como revelações e orientações sobre a vida na comunidade”.

Assim, durante séculos, as narrativas povoaram o imaginário das pessoas, de “homens comuns” a soberanos. Conforme Brenman (2012, p. 21):

Os soberanos tinham a sua disposição seus narradores, por exemplo, Alexandre Magno, que tinha uma equipe de *confabulatores nocturni*, que eram homens especializados em contar histórias a noite. Outro exemplo conhecidíssimo, *As mil e uma noites*, em que a narradora Sherazade “prendia” o seu ouvinte, o rei, por meio de narrativas inacabadas, como estratégia, para uma nova história e para garantir sua própria sobrevivência.

Sejam eles narradores homens ou mulheres, os contadores de histórias eram pessoas respeitadas, em suas comunidades, pelo saber transmitido, porque mantinham vivos a memória e o sentimento de pertença de um grupo social, já que as palavras transmitidas perpetuavam mitos e contos. (BUSSATO, 2006, p. 18 *apud* BREDAN 2012, p. 44) assim define esses contadores de histórias:

Era um sujeito que se valia na narração oral como via para organizar o caos, perpetuar e propagar os mitos fundacionais das suas culturas. Um sujeito que mantinha vivo o pensamento do seu povo por meio da memória prodigiosa e o que o divulga por meio da arte. Sua forma de expressão, a voz manifestada, por meio de um corpo receptivo e maleável.

Nesse sentido, podemos considerar o tradicional contador de histórias como alguém que, através das suas narrativas orais, compartilha com seus ouvintes um universo de conhecimentos e saberes. Como bem caracteriza Bredan (2012, p. 44), “ele não utiliza técnicas em cursos ou dinâmicas, mas extrai da sua experiência vivida os significados e a interpretação dos fatos narrados”.

E no contexto contemporâneo, diante desse contador de histórias do ontem para o hoje, surge um novo perfil, adaptando-se à mudança veloz promovida pelas novas mídias (televisão, rádio, internet ) e, ganha novos meios e suportes: CDs, CD-ROMs, DVDs, bem como novos espaços físicos, quais sejam, bibliotecas, livrarias, museus e teatros, mas sempre mediado pela palavra compartilhada com o “outro”. Assim, como atividade, a arte de contar histórias, afirma Amarilha (2006, p. 28):

Define limites acústicos e comunitários. A voz envolve e delimita uma comunidade de ouvintes pela sua extensão arte de contar. A experiência de pertencimento, de membro daquele grupo, define-se, então, por aqueles que podem ouvir o que se narra. Esse momento, transitório e único, tece laços de solidariedade, cumplicidade; atrai os indivíduos a se tornarem membros daquela comunidade [...] e, esse limite acústico os une, historicamente pela voz narrante.

E, desse vínculo entre o contador de histórias de épocas passadas e sua relação com a comunidade de ouvintes, na perpetuação da tradição oral, também na contemporaneidade, a voz do narrador se propaga por diversos suportes, como já mencionado anteriormente, porém com um novo perfil. Nas palavras de Gomes (2001) “um novo sujeito que traduz bem o pensamento social, nas formas do saber literário através da oralidade que descobre o mesmo desejo arquetípico nos sujeitos-ouvintes.” Ainda a esse respeito, Yunes (2014, p. 21) afirma que:

O contador não está só, e não desapareceu: há uma complexa partitura de sons, sobretudo no mundo urbano, em que a voz humana resiste a nossa própria e a do outro, a interior e a expressa, integrando a paisagem sonora e ruidosa que atordoa e abafa, mas quer espaço e tempo para ecoar e demorar-se para além da mera existência.

Se o contador não desapareceu como afirmado por Yunes, convém refletirmos sobre como, a escola como agência mediadora de leitura, vem trabalhando com a contação de histórias. Mas, antes para falar de contação de história se faz necessário refletir como a escola vem trabalhando com a leitura, como vem formando seus leitores.

Nos percursos da história da leitura, Chartier (1998) relata que a prática da leitura, durante um longo período, esteve voltada para a compilação de preces e memorização, um modo de ler atrelado ao saber que se queria transmitir, ao mundo escolástico. Fato é que ainda hoje a leitura constatada nas escolas encontra-se centrada nos manuais didáticos, na leitura fragmentada de obras literárias, mecanizada e passiva. E defendemos também para este estudo a leitura como prática social, a leitura libertária e emancipatória, conforme defendida por Freire (1995, p. 29-30), quando afirma que:

Ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão e da comunicação. E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo no cotidiano.

Dessa experiência criativa entendemos que a escola como agência de mediação da leitura deve provocar as diversas formas de leitura e viabilizar o aluno leitor aos diferentes suportes e linguagens (oral, escrita, visual, sonora) vinculada à realidade. Dessa forma, permitirá que o leitor construa autonomamente os significados para o ato de ler.

Sobre essa relação da leitura literária na escola e as formas de mediação, devem-se considerar três sentidos, segundo enfatiza Amarilha (2006, p. 28):

Mediada pela palavra, portanto simbólica; mediada pela presença do outro, seja o adulto, leitor mais experiente em condições de proporcionar o avanço desejado àqueles alunos, ou mediada pelos pares, pela atividade de discussão, pós-leitura, conforme planejado.

A autora, na citação, a mencionar a importância da mediação, seja pela palavra, pelo outro mais experiente ou pelos pares nos alerta também, para as formas de mediação que a escola vem promovendo com a leitura, assim, recorreremos a Penteado (2002) ao enfatizar que a escola atual deva estar preparada para trabalhar com diferentes tipos midiáticos de textos (da mídia impressa e eletrônica),

a mídia artística de caráter presencial, como a arte performática e dramática, oportunizando, assim, a formação de leitores críticos, autônomos nos diversos tipos de textos que circulam e permeiam a realidade sociocultural.

Retornando para a discussão sobre a atividade de contar histórias na escola, sabemos da relevância dessa arte para o desenvolvimento da criança, seja nos aspectos psicológico, social, linguístico, afetivo e cultural. Porém, a reflexão que propomos é entender como essa prática, de contação de histórias, vem sendo realizada em nossas escolas.

Nos caminhos trilhados para essa resposta, seguimos os estudos de Amarilha (1997) onde apontam que Literatura e narrativa costumam ser correlatas na escola. No entanto, o fascínio de uma boa história ainda parece ser insuficiente para garantir a presença da literatura no ambiente educativo.

Provocar esse fascínio, narrar uma boa história, em voz alta, envolver-se e levar o aluno ao prazer de uma boa narrativa, de uma boa contação de história parece ser um grande desafio: para a escola, especificamente, para a mudança de postura e métodos adotados para o ensino da leitura, não estamos nos referindo a todos os professores, mas nos referindo para a maioria deles, assim é bem categórico Brenman (2012, p. 102), ao afirmar:

A maioria dos professores não pratica a leitura, e não fazendo, fica difícil falar sobre ela e contagiar seus alunos. Só livros bonitos e bibliotecas reformadas não adiantam. A aproximação de indivíduos com a literatura contida nos livros se dará através da voz de um outro. Este outro já enlaçado pela literatura.

Defendemos a literatura não como um dever, mas como um direito. Direito de ler e entender o texto literário com sua plurissignificação. Direito a criatividade, a criação, a imaginação e não somente a um “dever.” E, assim como Sisto (2007, p. 39), vemos a necessidade de contar histórias na escola para:

Extrapolar as amarras do didático, do exemplar e do mero informativo. Saltar da obrigação de ensinamento para a noção de fruição, de prazer estético, de embelezamento da conversa trocada através de uma história, do exercício de linguagem que procura a forma adequada para dizer-se de si mesmo.

Assim, como o exposto por Sisto, acreditamos que não só “ler”, mas “contar histórias” propicia um leque de possibilidades de leituras (culturais, estéticas, sociológicas...) que, se compartilhada, humaniza e forma bons leitores.

### 3.1 No *dial*: entre contos, encantos e assombrações

Sintonizamos o *dial* nas narrativas focadas na assombração dos contos populares. Mas, inicialmente teceremos algumas considerações sobre o gênero fantástico na literatura.

Conhecida por uns como literatura do medo, do horror, do terror, sabe-se que o fantástico transita no mundo das incertezas: entre o mundo real, que conhecemos, que pode ser explicado; e o mundo que não é nosso, que produz acontecimentos que não são explicados nesse mundo real.

Segundo Todorov (1939), o conceito de fantástico se define, pois, com relação ao mundo real e ao imaginário e o sentido para a palavra “fantástica”, atribuída a vários sentidos, é situada no autor, na obra ou leitor, assim explica:

Tomemos inicialmente o sentido que raramente enunciado, vem primeiro ao espírito (é aquele do dicionário): nos textos fantásticos o autor relata acontecimentos que não são suscetíveis de acontecer na vida [...]

Uma outra atitude, bem mais difundida entre os teóricos, consiste em se colocar, para situar o fantástico no leitor: não no leitor implícito no texto, mas no leitor real. [...]

Tomaremos como representante dessa tendência H.P. Lovecraft [...] o critério do fantástico não se situa na obra mas na experiência particular do leitor; e essa experiência deve ser o medo. [...]

Um conto é fantástico muito simplesmente se o leitor experimenta profundamente um sentimento de temor e de terror, a presença de mundos e de poderes insólitos. (TODOROV, 2014, p. 40).

Para Todorov a definição para o fantástico, na literatura é atribuída a vários sentidos, conforme atitudes do leitor e tendências dos autores. Mas, situadas em acontecimentos fora da realidade e na experiência e relação do leitor com esses fenômenos sendo o medo, o principal foco.

Tratando, pois, de contos de assombração, “subcategoria” do gênero fantástico, pode-se afirmar que se tratam de narrativas que exigem a presença do sobrenatural, do inexplicável. Para tornar mais clara a definição, recorreremos ao dicionário *Dicionário do folclore brasileiro*, redigido por Cascudo (2002, p. 28):

**Assombração:** terror pelo encontro com entes fantásticos, aparição de espectros, ato de apavorar-se; casa mal assombrada, onde aparecem almas de outro mundo. Uma assombração, um grande medo. Rumores, vozes, sons misteriosos, luzes inexplicáveis.

Vemos, portanto, que o termo *assombração* tem sua completude no gênero fantástico: narrativas que não são explicadas pelo mundo real e que procuram despertar o medo por meio de acontecimentos sobrenaturais.

Câmara Cascudo, em *Contos tradicionais no Brasil* procurou classificar os contos populares, conforme temáticas, da seguinte forma: “contos de encantamento, contos de exemplos, contos de animais, facécias, contos religiosos, contos etiológicos, demônio logrado, contos de adivinhação, natureza denunciante, contos cumulativos, ciclo da morte e tradição” (CASCUDO, 2004, p. 21).

Com temáticas de assombração com forte presença do sobrenatural, os contos classificados pelo autor por “contos de encantamento”, “Demônio logrado” e os do “Ciclo da morte” possuem, em suas narrativas, características marcantes do fantástico na literatura popular e temáticas sobrenaturais, tais como a questão do encantamento, “a intervenção” do demônio, em *Demônio logrado*; a morte que aparece humanizada para “negociar” a alma em troca de prazeres mundanos, nos contos do Ciclo da Morte.

Lovecraft (1978) diz ser “o medo a emoção mais forte e antiga do homem” e a presença dessa emoção nos contos populares é apontada em alguns momentos da história (como nas narrativas infantis no século XVII), como uma forma de pregar um determinado valor e o não cumprimento, a punição.

Também em outros momentos, os contos de assombração focados no mistério, no medo, não foram vistos com um bom olhar, tidos por muitos como contos que poderiam traumatizar as crianças. Para essa explicação, recorreremos a Loiseau (1992, p. 118):

O conto de fazer medo é de grande higiene psicológica. Ele cumpre para a criança a mesma função catártica do filme fantástico para o adulto: nomeia, expõe os medos, coloca a distancia, faz expurgar... [...] não são as feiticeiras, nem os ogros, nem os lobos que fazem nascer o medo e, assim o exorcizam.

Porém, a finalidade do trabalho com a leitura de contos populares, focado na assombração, não é aterrorizar, muito menos amedrontar, mas abrir a porta ao

mundo imaginário e, conforme Eliade (2007, p. 74), os contos são de suma importância para o desenvolvimento da personalidade, assim, reconhece:

O conto reata e prolonga a iniciação ao nível do imaginário. Se ele representa um divertimento (para crianças e camponeses) ou uma evasão (para o homem moderno) é apenas pura a consciência banalizada e, particularmente para a consciência do homem moderno; na psique profunda, os enredos iniciatórios conservam sua seriedade e continuam a transmitir sua mensagem [...] sem se dar conta [...], estar divertindo ou evadindo, o homem das sociedades modernas ainda se beneficiam dessa iniciação.

Na contemporaneidade, autores brasileiros, tais como Ricardo Azevedo Ângela Lago, Francisco Gregório Filho, Maurício Pereira encontram-se nas estantes das nossas escolas, alguns fazendo parte do Plano Nacional de biblioteca da Escola (PNBE), em suas obras, revelam a preferência por temas da cultura popular, a maioria, direcionadas ao público infanto-juvenil e com forte temáticas fantásticas, por contos maravilhosos, de encantamento e assombração.

Pesquisando sobre esses autores, constatamos em seus relatos que a forte inspiração para essas histórias são oriundos de contos e causos assombrosos ouvidos durante a infância, revelando, assim, o gosto pela literatura popular.

Tratando da divulgação da literatura popular e formação do leitor na escola, Ricardo Azevedo (2006, p. 03), relata:

Creio que se o que se deseja é realmente formar leitores no Brasil seria o caso de conhecer melhor e explorar sistematicamente esse imenso acervo no processo educacional [...]. Ao entrar em contato com um conto de encantamento, uma quadra, um trava-língua ou um dito popular, o estudante talvez abra a boca espantado e pense: “Peraí! Mas meus pais conhecem isso! Isso eu já ouvi! Isso faz sentido pra mim!”. Hoje, essa mesma criança costuma ser levada a envergonhar-se de si mesma e de seus próprios pais, que desconhecem tudo o que a escola ensina.

Corroboramos com as palavras de Azevedo e complementamos que não só os pais desconhecem o que a “escola ensina”, mas que a escola muito se distancia da cultura popular ao não saber aproveitar todo esse acervo da literatura oral que o aluno pode trazer de casa, ao ouvir uma história contada pelos pais, pelos familiares, pelos vizinhos e “repassá-las” para a escola. Infelizmente, o que ainda se constata, na escola, é que as temáticas relacionadas à cultura popular da literatura oral só são discutidas em datas festivas, tais como no dia do folclore, em festas juninas, nas famosas festas de “Halloween”.

Após essa busca sobre a categorização dos contos focados no terror e na assombração, defendemos o trabalho da leitura literária na escola através de contos populares, não centrados na estrutura, estilo, linguagem do conto, mas atentando para a condução do aluno-leitor a descoberta de sentido, a criatividade e, pelas características estruturais, entendemos como apropriado para a contação de história e para a formação do aluno-leitor.

Gomes (2002) atribui o aspecto da ludicidade ao ato de contar histórias: os ouvintes, ao se candidatarem à audição empreendem com a plateia o desafio de interação, transferindo para ouvintes ao mundo da ficção. Assim, terror e assombração, abordados na maioria dos contos populares de forma cômica, trazem o discurso lúdico para a escola que muito atrai o público da literatura infanto-juvenil possibilitando assim diversas formas de significação com a leitura literária.

#### 4 EM PAUTA: NOTAS SOBRE O PERCURSO E O CONTEXTO DA PESQUISA

A abordagem metodológica proposta para este trabalho é de natureza descritiva e interventiva, caracterizando-se como uma pesquisa qualitativa, fundamentada por autores como Bortoni (2011), Bauer e Gaskel (2002), Bogdan e Biklen (1994) e organizada em torno da observação participante. Ao optar por tal abordagem, entendemos a importância do pesquisador na preocupação de não só conhecer, mas atuar no contexto.

Na nossa pesquisa, conhecer a realidade da escola, seus sujeitos e o contexto histórico a que pertencem é de suma importância para a proposta do plano de intervenção. Concordamos com Bogdan e Biklen (1994) quando nos alertam que “a abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão do objeto de estudo”. E é nesse sentido que propomos compreender o processo de formação do leitor literário nas atividades de rádio escolar do “Programa Mais Educação” por meio da contação de histórias de narrativas de terror e assombração, levando-nos a compreender que cada etapa de investigação é construída processual colaborativamente.

Como método, elegemos a observação participante, pois caracteriza o envolvimento do pesquisador com o contexto vivenciado, pela relação de interação social com os sujeitos, conforme ocorrido com a nossa proposta de intervenção.

Moreira (2002, p. 52) conceitua a observação participante como uma “estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental.”

Para coleta de dados, a investigação é de tipologia descritiva, por meio de palavras e ou imagens, e não por números, ou seja, transcrição de entrevistas, notas de diário de campo, fotografias, gravações em áudios e vídeos, nesse sentido:

Ao recolher os dados descritivos, os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa. Muitos de nós funcionamos com base em “pressupostos”, insensíveis aos detalhes do meio que nos rodeia e às presunções que nos guiam. Não é raro passarem despercebidas coisas como os gestos, as piadas, quem participa numa conversa, a decoração de uma sala e aquelas palavras especiais que utilizamos e às quais os que nos rodeiam respondem. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49).

Outra característica da pesquisa qualitativa está no interesse do pesquisador pelo processo e não somente pelos resultados. Nesse sentido a escolha de estratégias realizadas conforme a situação vivenciada e na interação com os sujeitos é construída de forma processual e em diálogo contínuo.

Nesse percurso metodológico, para a boa condução do pesquisador na coleta e análise de dados na pesquisa qualitativa é de grande relevância a compreensão dos objetivos gerais e específicos deste estudo, que são, compreender o processo de formação do leitor literário nas atividades de rádio escolar, por meio da contação de histórias, envolvendo narrativas de terror e assombração; Mais especificamente procuramos entender o processo de formação do leitor literário a partir da análise dos resultados de um plano de intervenção por meio da contação de histórias e da leitura radiodramatizada, com a utilização de mídia radiofônica; analisar o funcionamento de uma rádio escolar implantada pelo “Programa Mais Educação”, em interface com a educomunicação e a formação do leitor; por último, verificar o resultado do plano de intervenção, envolvendo contos de terror e assombração, por meio da rádio escolar do “Programa Mais Educação”.

#### **4.1 O universo da pesquisa**

A primeira etapa da pesquisa consistiu no mapeamento das rádios escolares, seguida de visita de campo por meio de sondagem para entender como essas rádios escolares estão (ou não) funcionando. Observamos, também, o que precisam para funcionar, quais as dificuldades encontradas, entre outras, conforme cada realidade. Nesse sentido, foram mapeadas quatro escolas: Unidade Escolar Pedro Freitas, jurisdicionada à 18ª Gerencia Regional de Teresina (SEDUC-PI) e Centro de Ensino Fundamental e Médio Didácio Silva, zona sudeste de Teresina, ambas da rede estadual de ensino; e Escola Municipal Nossa Senhora da Paz e Escola Municipal Parque Piauí, pertencentes à rede municipal de educação.

No universo das quatro escolas, definimos como campo para o plano de intervenção da pesquisa a Escola Municipal Parque Piauí, na região sul de Teresina, tendo como sujeitos alunos e monitores do ensino fundamental da atividade de rádio escolar do “Programa Mais Educação”. Para tal seleção, levamos em consideração a estrutura física da rádio escolar existente nessa escola, a recepção do grupo gestor e o interesse da coordenação do Programa e também das monitoras (o perfil

de uma delas como locutora da rádio local e formação técnica em comunicação social) em colaborar com a pesquisa. Outro fator importante para a escolha decorreu da etapa de observação, já que as atividades do “Programa Mais Educação” coadunavam com o interesse desta pesquisa, especificamente, com a atividade de Orientação de estudo e leitura, a partir das quais pudemos constatar o interesse dos alunos em ouvir histórias. Essa escola possui um “Cantinho de leitura” disponível para os alunos do referido programa, fato este que nos instigou a trabalhar com a contação de histórias em interface com as práticas educacionais e mediadas pela atividade de rádio escolar.

E diante das oficinas propostas pelo plano de intervenção, especificamente nas oficinas “Na Escuta” e “Circuito de leitura”, nos quais os alunos foram motivados por meio da leitura escrita, leitura radiofônica e audiovisual de diversas narrativas, entre elas contos de fadas, lendas locais, historietas assombrosas, optamos, depois de uma decisão colaborativa entre pesquisador e sujeitos, por contos fantásticos de terror e assombração, já que observamos maior aceitação, motivação e interesse na leitura desses contos.

#### 4.1.1 Caracterização do *locus*

A Escola Municipal Parque Piauí se constituiu o *campus* dessa pesquisa. Situada na Avenida Wall de Carvalho, no bairro Parque Piauí, na região sul de Teresina, oferta o ensino fundamental regular de 1º ao 9º ano, em regime de dois turnos (manhã e tarde), atendendo uma grande população no seu entorno, bairros: Vila Nova, Vila Afonso Gil, Areais, Santa Fé e Parque Piauí. Tendo como mantenedora a Secretaria Municipal de Educação de Teresina, funciona desde 08 de maio de 1989.

Em seu espaço físico podemos constatar 20 salas de aula (16 em funcionamento); 01 auditório com capacidade para 110 pessoas sentadas; 01 biblioteca que atende, ultimamente, apenas os alunos da instituição; 15 estantes na biblioteca que acomodam um acervo de 1.080 títulos; 1 refeitório; 10 banheiros com acessibilidade para portadores de necessidades especiais; 1 quadra de esporte coberta; 2 pátios cobertos; **uma rádio escolar (atualmente desativada) com microfone e mesa de som**; 01 sala de vídeo contendo 01 TV, 01 aparelho de som, 01 caixa de som, 02 aparelhos de DVDs; laboratórios de geografia, informática

e ciências; gabinete odontológico, sala de recursos didáticos audiovisuais; sala de AEE. Enfim, do ponto de vista físico, apresenta um espaço amplo e adequado para ofertar um ensino de qualidade.

Em relação à proposta pedagógica da escola, podemos constatar no seu regimento interno e no Projeto Político Pedagógico a preocupação e o empenho com metas, programas e projetos voltados para o processo de ensino-aprendizagem centrado no aluno ativo participante e cidadão. Conforme preconiza o artigo 8 do seu regimento interno:

[...] a instituição escolar direciona sua Proposta Pedagógica e o esforço de sua Gestão para o desenvolvimento comunitário, através da busca incessante da qualidade do processo ensino-aprendizagem, tendo como foco a orientação para o desenvolvimento do exercício da cidadania, onde o produto final é a aprendizagem e o sucesso do alunado. (Regimento Interno, p. 16)

Como referenda seu Regimento a Escola Municipal Parque Piauí, desde 2007, vem atingindo bons índices avaliativos de desenvolvimento da educação básica (IDEB). Em 2013, para as séries do 5º e 9º ano, atingiu respectivamente as notas 4,8 e tem como meta a nota 5,4 para 2015 e, para isso, vem capacitando seus professores e oferta em seu plano anual programas e projetos, entre eles, a atividade de orientação de estudo e leitura do “Programa Mais Educação” (no contra-turno) que vem aprofundar as atividades das disciplinas no ensino regular.

Além do ensino regular, a escola mantém parcerias como o Instituto Ayrton Sena, por meio do programa “Se liga e acelera”, para alunos não alfabetizados com problema de distorção idade/ano matriculados do 2º ao 5º Ano, como também, o projeto 'Acelera Brasil', que atende alunos alfabetizados, com distorção idade/ano matriculados no 2º bloco. A escola atende no contra-turno alunos ainda não-alfabetizados, matriculados no 2º e 3º Ano para uma aceleração do processo de alfabetização, a fim de que estes alunos possam prosseguir na série de origem sem grandes dificuldades de aprendizagem no que tange ao desenvolvimento da leitura e da escrita.

Observamos também, no regimento, a preocupação da escola com comunidade escolar, especificamente, em ofertar capacitação para as famílias dos alunos, conforme passagem contida no artigo 55, do regimento interno: “...o trabalho pedagógico desenvolvido na escola é enriquecido pela oferta de cursos de iniciação

para o trabalho, oficinas pedagógicas, desportivas, artísticas e culturais através do “Programa Escola Aberta – Escola da Gente.”

Como o nosso foco maior, na escola, é o “Programa Mais Educação”, na atividade de rádio escolar, contextualizaremos a seguir, o referido Programa na Escola Municipal Parque Piauí.

#### 4.1.1.1 Na programação: o “Mais Educação”

O “Programa Mais Educação” é instituído pela Portaria nº 17/2007 e pelo Decreto nº 7083, de 27 de janeiro de 2010, e integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Implantando como estratégia para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral, em escolas de baixo índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB), em regiões localizadas em situações de vulnerabilidade social que requerem políticas públicas prioritárias no contexto educacional.

Conforme o Manual de Orientação Operacional para de Educação Integral, do Ministério da Educação, o “Programa Mais Educação” visa a:

Fomentar, por meio de sensibilização, incentivo e apoio, projetos ou ações de articulação de políticas sociais e implementação de ações socioeducativas oferecidas gratuitamente a crianças, adolescentes e jovens, e que considerem as seguintes orientações:

- I. Contemplar a ampliação do tempo e do espaço educativo de suas redes e escolas, pautada pela noção de formação integral e emancipadora;
- II. Promover a articulação, em âmbito local, entre as diversas políticas públicas que compõem o Programa e outras que atendam às mesmas finalidades;
- III. Integrar as atividades ao projeto político-pedagógico das redes de ensino e escolas participantes;
- IV. Promover, em parceria com os Ministérios e Secretarias Federais participantes, a capacitação de gestores locais;
- V. Contribuir para a formação e o protagonismo de crianças, adolescentes e jovens;
- VI. Fomentar a participação das famílias e comunidades nas atividades desenvolvidas, bem como da sociedade civil, de organizações não governamentais e esfera privada;
- VII. Fomentar a geração de conhecimentos e tecnologias sociais, inclusive por meio de parceria com universidades, centros de estudos e pesquisas, dentre outros;
- VIII. Desenvolver metodologias de planejamento das ações, que permitam a focalização da ação do Poder Público em territórios mais vulneráveis; e IX. Estimular a cooperação entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios. (BRASIL, 2014, p. 05)

Os estudantes que participam do “Programa Mais Educação” permanecem em média sete horas na escola, das quais 4 horas são destinadas ao currículo da base nacional e 3 horas, no contraturno, a atividades do Programa, em macrocampos distribuídas por atividades desenvolvidas por oficinas, entre elas: letramento, dança, teatro, **rádio escolar**, xadrez, horta, canto coral e outras escolhidas pela comunidade escolar. Cabe ressaltar que a frequência dos alunos no Programa não é obrigatória, cabendo à escola propor estratégias de frequência, em parceria com a família, para que não ocorra grande evasão.

Por tratar de estratégia do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) em ampliar a jornada escolar, outro desafio é que esse tempo escolar seja feito de aprendizagem realmente significativa e contextualizada em conformidade com a realidade de seus alunos. Nesse sentido, assim propõe o documentado que norteia o “Programa Mais Educação”:

Essa estratégia promove a ampliação de tempos, espaços, oportunidades educativas e o compartilhamento da tarefa de educar entre os profissionais da educação e de outras áreas, as famílias e diferentes atores sociais, sob a coordenação da escola e dos professores. Isso porque a Educação Integral, associada ao processo de escolarização, pressupõe a aprendizagem conectada à vida e ao universo de interesses e de possibilidades das crianças, adolescentes e jovens. (BRASIL, 2014, p. 04).

Assim, o documento deixa bastante claro que, além da ampliação de tempo e espaços, o trabalho colaborativo entre os sujeitos (gestão-professores-comunidade escolar) é de suma importância para que se desenvolva uma educação integral de qualidade.

Na Escola Municipal Parque Piauí, o “Programa Mais Educação”, para o ano letivo de 2014, teve início no mês de março e é um financiado pelo Governo Federal para escolas públicas, por intermédio do Programa Dinheiro Direto na Escola - PDDE/ Educação Integral, uma forma de educação integral que deverá ser implementada preferencialmente com a participação de 100 estudantes no programa, em que cada turma deve ter 30 estudantes em idades variadas, conforme característica de cada atividade.

Em 2014 foram inscritos 100 alunos, divididos nos turnos manhã e tarde, nas diversas atividades, entre elas: acompanhamento pedagógico, macrocampo obrigatório, por meio da atividade de Orientações de Estudo de Leitura e Escrita (anteriormente Letramento). Tal atividade tem na sua ementa o seguinte objetivo:

A articulação entre o currículo e as atividades pedagógicas propostas pelo PME. Essa atividade será realizada com duração de uma hora a uma hora e meia, diariamente, sendo mediada por um monitor orientador de estudos, que seja preferencialmente um estudante de graduação ou das Licenciaturas vinculado ao PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), ou ainda, estudantes de graduação com estágio supervisionado. (BRASIL,2014, p. 05).

Essa atividade deve ser trabalhada no contraturno devendo fazer relação com os outros campos do saber, em conexão com o currículo e a realidade da escola, ou seja, pela inter e transdisciplinaridade. Vimos também que o monitor deva ser um aluno de licenciatura, ou seja, apto para as atividades pedagógicas e com metodologias condizentes para o programa.

Além dessa atividade obrigatória de orientação de estudo e leitura, também são ofertadas na escola alvo do estudo outras atividades, tais como tênis de mesa, dança, futebol, judô, violão e rádio escolar.

A atividade de rádio escolar, nosso objeto de pesquisa, está inserida no macrocampo Comunicação, Uso de Mídias e Cultura Digital e Tecnológica. Conforme Manual do “Programa Mais Educação” (2014, p. 09) deve “oferecer às escolas a possibilidade de criarem e fortalecerem ‘ecossistemas comunicativos’, estimulando práticas de socialização e convivência no espaço escolar”. A citação contida no manual vem fortalecer a dimensão dialógica entre professor e aluno na escola e nos fazer refletir sobre uso e o papel das mídias e tecnologias nos espaços escolares.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais também preconizam a presença das mídias e coloca a importância de a escola encontrar-se “atenada” à recepção dos meios. Para isso, deve ultrapassar certos “dogmas” para uma ação mais efetiva e, nesse sentido, propõe a que a escola deve considerar que:

- I. A relação dos receptores com os meios não é unilateral, mas mediada pela inserção social do sujeito e por suas estruturas cognitivas;
- II. A recepção é um processo, não é o ato de usar um meio. Inicia-se antes dele, com as expectativas do sujeito, e segue-se a ele, pois incorpora os comentários e discussões a respeito do que foi visto;
- III. O significado de um meio não é único, é produzido pelos diversos receptores. Não se trata, porém, de tomar os meios como eventuais recursos didáticos para o trabalho pedagógico, mas de considerar as práticas sociais nas quais estejam inseridos para:
  - conhecer a linguagem videotecnológica própria desse meio;
  - analisar criticamente os conteúdos das mensagens, identificando valores e conotações que veiculam;

- fortalecer a capacidade crítica dos receptores, avaliando as mensagens;
  - produzir mensagens próprias, interagindo com os meios.
- (BRASIL, 1998, p.89)

Vemos a questão pontuada no documentado norteador sobre a recepção dos meios na escola e o trabalho colaborativo em práticas sociais. A educomunicação por meio de ações planejadas sugere a formação de “ecossistemas comunicativos” para se trabalhar com as mídias nesta perspectiva.

Em relação a diversas possibilidades do trabalho com o rádio nas escolas, especificamente para o ensino da língua portuguesa, os Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental também trazem como sugestão:

- Estudando a programação das emissoras (AM/FM) e as marcas que caracterizam a fala dos diversos apresentadores e disc-jóqueis, por meio de gravações e transcrições;
  - Analisando o radiojornalismo e confrontando-o com outras mídias;
  - Produzindo programas radiofônicos com os alunos: a Rádio Recreio.
- (BRASIL, 1998, p. 91)

Porém, desde a entrada dos nossos estudos, o que pudemos constatar nas observações realizadas foram apenas aulas teóricas da atividade de rádio, no período de março a julho, e instalações físicas ociosas da rádio escolar. Diante desse cenário propomos o seguinte desafio: o retorno das atividades de rádio escolar do “Programa Mais Educação” na Escola Municipal Parque Piauí fundadas nas práticas educacionais.

#### 4.1.2 Os sujeitos

Os sujeitos selecionados possuem a faixa etária de 09 a 13 anos, oriundos do ensino fundamental de 4<sup>o</sup> ao 7<sup>a</sup> ano, participantes do “Programa Mais Educação” das atividades de Rádio Escolar e de Estudos de Orientação e Leitura.

Na primeira etapa, na fase de diagnóstico, tivemos contato com 30 alunos do programa e, após questionário, conversa informal e observações das atividades do programa, selecionamos 15 sujeitos para integrar o projeto. Para tanto, levou-se em consideração a análise dos questionários, por meio dos quais pudemos analisar,

considerando as respostas dos sujeitos, o interesse em conhecer melhor a leitura literária e colaborar as oficinas do projeto.

Na etapa final, para a radiocontação de história, tivemos que selecionar nove alunos, os quais identificaremos, na análise, como “Radiocontadores de História”. São alunos que se destacaram e se empenharam em todas as oficinas do plano de intervenção, proposto para esta pesquisa. Todos foram considerados assíduos, participantes, interessados e comprometidos com o projeto desde a etapa do diagnóstico.

### **4.3 A construção do *corpus***

Dentre as várias acepções dadas à palavra latina *corpus* (no plural, *corpora*) que significa corpo, para as ciências históricas, temos: “uma coleção de textos”, “vários trabalhos da mesma natureza”, “coleção de escritos...”. Dentre todas essas acepções, entendemos *corpus* como “uma coleção finita de materiais, determinado de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual irá trabalhar” (BARTHES, 1967, p. 96 apud BAUER; GASKELL, 2014, p. 44).

Na nossa pesquisa, não constituímos um *corpus* organizado por registros escritos, aplicação de questionários, entrevista, produções escritas de recontos, gravações em áudio e vídeo. Assim, desde o início da pesquisa, em julho de 2014, a maio de 2015, foram observados 18 encontros, tendo o primeiro contato com a aplicação de questionário direcionado para 25 alunos e para 4 monitoras do “Programa Mais Educação”, 1 entrevista gravada com a responsável da biblioteca, conversas informais seguidas de anotações tomado notas com a coordenadora pedagógica do referido programa e registros fotográficos, gravações em áudio e vídeo, descrição em diário de campo de cada encontro observado/realizado.

### **4.4 Instrumentalização e coleta de dados**

Para instrumentalização e coleta de dados da nossa investigação, primeiramente teceremos algumas considerações sobre a importância da condução do pesquisador no trabalho de campo, em pesquisa qualitativa na educação, uma

vez que é no trabalho de campo que a investigação é construída a partir das relações colaborativas entre pesquisador e sujeito(s).

A nossa pesquisa teve como campo a Escola Municipal Parque Piauí, em espaço de tempo bastante significativo de julho de 2014 a abril de 2015, porém, com alguns intervalos longos, algumas vezes mais de 15 dias ou meses. Isso deveu-se a férias escolares, paralisações da escola, retorno das aulas do PME diferenciado do retorno de aulas do ano letivo etc., o que nos fez nos ausentar do *campus*; e, também, às aulas presenciais no Mestrado Profissional em Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *Campus* Pau dos Ferros, sediada no Rio Grande do Norte, já que o *locus* da pesquisa deu-se em Teresina- Piauí. Para a coleta e registro de dados, proporcionando um vínculo menos formal, porém, planejado e diverso de dados ganhando aos poucos, a confiança e aceitação dos sujeitos na participação no plano proposto para a fase intervenção.

Como tivemos um espaço de tempo bastante intenso, a nossa coleta de dados se deu por meio de instrumentais variados: aplicação de questionários, entrevista, registros em diário de campo, gravações em áudio e em vídeo, e registros fotográficos, elementos da pesquisa de campo, e fazendo sempre relação com as fundamentações teóricas desta pesquisa.

Primeiramente, para diagnóstico da realidade escolar, utilizamos de aplicação de questionários. Recorremos a Oliveira (2014, p. 83), para melhor definição do que é e de como conduzir a aplicação de questionários: “consiste numa técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador deseja registrar para obter seus objetivos”.

Assim, antes da aplicação dos questionários foi explicado aos alunos o objetivo da nossa pesquisa, cujo ponto de partida foi um diagnóstico acerca do gosto de leitura dos alunos, a concepção de leitura e da mídia do rádio, bem como o entendimento das expectativas dos sujeitos em relação às atividades de rádio que vinham sendo desenvolvidas pelo “Programa Mais Educação” na escola.

Nesse sentido, foram aplicados questionários com questões abertas para alunos, garantindo, assim, a liberdade para as respostas dos sujeitos. Dos 30 alunos participantes da atividade de Rádio Escolar do “Programa Mais Educação”, 25 alunos responderam, sendo selecionados, em etapa posterior, 15 alunos para o nosso plano de intervenção. Também foram aplicados questionários direcionados às

monitoras tanto das atividades de Rádio como também das atividades de Orientação de Estudo de Leitura, por entendermos que as duas atividades se relacionam.

No decorrer de todas as atividades, especificamente, durante o plano de intervenção, foram tomadas notas em diário de campo com anotações descritivas, procurando registrar com máxima fidelidade os comportamentos, as atitudes, discursos e ações dos sujeitos. Para melhor entendimento desse instrumento, seguiremos a definição de Bogdan e Biklen (1994, p.150), segundo a qual o “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. Além do relato descritivo, em determinado momento, optamos pelo relato reflexivo, por meio de comentários críticos diante das observações dos dados coletados.

Entendemos, assim, que, para uma boa observação participante em pesquisa qualitativa, é necessário basearmo-nos em notas de campo precisas, claras e coerentes com os objetivos propostos.

Outro instrumental que foi utilizado tanto na etapa inicial quanto no decorrer das atividades foi a entrevista e, mais uma vez, recorreremos a Bogdan e Biklen (1994), para os quais a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.

Na nossa pesquisa, optamos pela entrevista semiestruturada, mantendo a flexibilidade nas perguntas com a utilização de um roteiro que norteia as questões em torno do problema pesquisado e dos objetivos pretendidos, tanto com registros por escrito, já que inicialmente não utilizamos de gravação quando entrevistamos a coordenadora do “Programa Mais Educação” e a monitora da atividade de Rádio a fim de entender como vem sendo desenvolvido o “Programa Mais Educação” e o projeto da rádio escolar existente.

Posteriormente, quando passamos para a etapa de observação na biblioteca, utilizamos também, como um suporte a mais para a entrevista, um gravador de áudio. Nessa etapa, entrevistamos a responsável pela biblioteca escolar para entendermos o funcionamento da biblioteca, tanto na parte estrutural quanto nos projetos desenvolvidos, assim como as preferências de leitura dos alunos da atividade de rádio do “Programa Mais Educação”.

Utilizamos também registros fotográficos das instalações físicas da rádio da biblioteca e do acervo de livros, bem como dos sujeitos: alunos e monitoras do “Programa Mais Educação” na atividade de orientação e estudo de leitura (antigo letramento) e de rádio escolar.

A seguir, descreveremos a proposta de intervenção para a atividade de rádio do “Programa Mais Educação” para a Escola Municipal Parque Piauí.

#### **4.5 Plano de intervenção em ação educacional**

Há os que estranham o emprego do termo de “intervenção,” levando em conta que na sua polissemia de sentidos, guarda, entre, outras palavras, a perspectiva de intromissão [...], em outras palavras, usamos o conceito como “um signo novo” [...] no campo da educação são sobretudo “pontes” lançadas sobre os sujeitos sociais e o mundo da mídia [...] da escola [...] em diálogo sobre determinado âmbito da ação Educativa.” (SOARES, 2011, p. 49, grifos nossos).

O Núcleo de Comunicação e Educação (NCE-USP), desde sua fundação, em 1996, apresenta a educação como campo de intervenção social específico e tem nas suas “áreas de intervenção”, conforme Soares (2011, p. 47) “ações mediante as quais, ou a partir das quais, os sujeitos sociais passam a refletir sobre suas relações no âmbito da educação”.

A partir das teorias educacionais, aplicamos um plano de intervenção que possa funcionar como “pontes de trocas de conhecimento e saberes” e que atenda os anseios dos sujeitos: alunos, professores, monitores da atividade de rádio do “Programa Mais Educação” da Escola municipal Parque Piauí em interface rádio escolar, formação do leitor literário e prática educacional.

E, diante das dificuldades observadas e pontuadas no diagnóstico inicial para essa pesquisa sobre a realidade das rádios escolares implantadas pelo “Programa Federal Mais Educação”, é que aplicamos um plano de intervenção nos eixos temáticos entre educação, mídia radiofônica e leitura literária direcionadas aos sujeitos (alunos e professores) participantes da atividade de Rádio do referido Programa, no intuito de propor estratégias metodológicas para uso da rádio escolar em consonância com ensino de língua portuguesa (leitura literária para a formação do leitor) para alunos do ensino fundamental participantes da atividade de rádio da Escola Municipal Parque Piauí.

Cada oficina foi dividida por 03 eixos temáticos, assim denominados: Oficina “Na Escuta” que abordou temas teóricos sobre educomunicação, a história do rádio, a linguagem do rádio; Oficinas “Sonoras”, que objetivou a escuta de programas educativos, culturais, musicais e de entretenimento, no intuito de aproximar os sujeitos ao gosto pela escuta do rádio; e, por último, as oficinas intituladas “Circuitos de Leitura”, as quais consistiram em um convite à leitura através da criação e experimentação narrativa por meio do gênero conto.

A opção metodológica por meio de oficinas de ensino deu-se por ter, como forte característica, o diálogo constante entre os participantes e a possibilidade quanto à troca de saberes, entre educador e educando. Conforme Vieira (2002, p. 17):

Na oficina surge um novo tipo de comunicação entre professores e alunos. É formada uma equipe de trabalho, onde cada um contribui com sua experiência. O professor é dirigente, mas também aprendiz. Cabe a ele diagnosticar o que cada participante sabe e promover o ir além do imediato.

Vários autores definem as oficinas de ensino. Para Shulz (1991, p. 10 apud VIEIRA, 2002, p. 11): “oficina é um sistema de ensino-aprendizagem que abre novas possibilidades quanto à troca de relações, funções, papéis entre educadores e educandos.”

Para Barros e Bustos (1989, p. 21 apud VIEIRA, 2002, p. 11), “a oficina é uma nova pedagogia de conhecimento e inserção na realidade que se desenvolve na escola. É um processo pedagógico no qual os alunos e professores desafiam um conjunto de problemas específicos”.

Diante disso, propomos um trabalho interventivo que possibilite a interação de todos os envolvidos (pesquisadora participante, professores monitores e alunos da atividade de Rádio do “Programa Mais Educação”) e crie, conforme caracterização das oficinas de ensino de (VIEIRA; VOLQUIND, 1996, p. 13): “um espaço e tempo provocador de experiências, necessariamente socializadas”, o qual, utilizando-se da própria rádio escolar existente, porém ociosa, possa implementar ações para o uso dessa rádio para a formação da leitura literária. No caso desta pesquisa, utilizou-se o gênero conto no intuito de desenvolver um trabalho focado nas contações de histórias por meio da mídia radiofônica resultando na organização

de um acervo de radiocontos literários produzidos pelos sujeitos no decorrer desta pesquisa.

A seguir, descreveremos o nosso plano de intervenção em dois momentos assim intitulados: “Encontros”, fase inicial de diagnóstico para a pesquisa, em que descreveremos os relatos das conversas informais que tomamos nota, em cada encontro realizado, seja com a coordenadora, a(s) monitora(s), professora responsável pela biblioteca, os alunos; já o segundo, descreveremos as oficinas em si, que denominamos de “Sonoras”, “Na Escuta” e “Circuitos de leitura”, conforme já mencionado anteriormente.

#### 4.5.1 Momento Inicial: Diagnóstico, Encontros e Entrevistas

##### **Encontro**

14 de julho de 2014,

Sujeito: coordenadora do PME

Em conversa informal com a coordenadora do PME da Escola Municipal Parque Piauí e após a apresentação ao diretor da escola para autorização e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, apresentei-me e expliquei o objetivo da pesquisa.

Inicialmente, conversamos sobre o andamento das atividades de rádio PME e constatei que as atividades só estavam sendo realizadas por meio de aulas teóricas, pois a rádio escolar estava desativada por falta de incentivo financeiro, dificuldades nas instalações e por pouco interesse e compromisso dos docentes para implementar projetos. Segundo ela, alguns projetos iniciam, mas não dão continuidade. Constataram-se 30 alunos inscritos, divididos nos 2 turnos para a atividade de rádio escolar do PME.

##### **Encontro**

16 de julho de 2014,

Sujeito: professora monitora da RE

Em conversa com a professora monitora da atividade de rádio escolar do PME, constatou-se que as aulas de atividade de rádio escolar do PME na Escola Municipal

Parque Piauí se deu durante o período de março à primeira quinzena de julho de 2014 (antes do término do primeiro semestre letivo) por meio de aulas teóricas, com os seguintes temas: “historia do rádio”, “linguagem do rádio”, “programação”, “produção de texto para o rádio”, “conhecendo uma lauda, um script” , “tipo de narrativas conforme o gênero: jornalístico, publicitário, de entretenimento”. Entre as dificuldades encontradas, a monitora elencou a falta de incentivo por parte da equipe gestora da escola, o atraso no conteúdo didático próprio do programa para a atividade de rádio escolar, entre os recursos utilizados para tais aulas, ela diz ter trabalhado com revistas, jornais. Outra dificuldade relatada por ela está na indisciplina e desinteresse dos alunos para com a atividade de RE.

### **Encontro**

16 de julho de 2014

Sujeitos: alunos da RE do PME

O nosso primeiro contato com os alunos se deu no dia 16 de julho de 2015, momento que nos apresentamos, explicamos o objetivo da pesquisa, o que pretendíamos realizar nas oficinas e, na oportunidade, aplicamos um questionário para procurar entender sobre a concepção e preferências de leitura, os hábitos em relação à escuta de programas de rádio, os anseios e expectativas das atividades de rádio na escola.

Dos 30 alunos matriculados na atividade de rádio, apenas 23 responderam aos questionários. Os demais faltaram no dia do questionário.

Na análise dos dados, interpretaremos o questionário.

Em 24 de setembro de 2014, fizemos a entrevista com a professora responsável pela biblioteca.

Na oportunidade utilizamos gravação e anotação em diário de campo de um roteiro pré-estabelecido anteriormente sobre a estrutura física, o funcionamento da biblioteca, o tipo de empréstimo de livros, o acervo e projetos, especificamente, relacionados ao PME / Rádio Escolar.

#### 4.5.2 Oficinas

##### **Oficina “Na escuta 1”**

04 de agosto de 2015

Essa oficina foi direcionada às monitoras da atividade de rádio e de orientação de estudo e leitura (antigo letramento) do PME, em que procuramos levar ao conhecimento algumas bases teóricas da educomunicação: sua aplicação em interface com rádio no espaço escolar, bem como na importância de se formar ecossistemas comunicativos.

##### **Oficina “Na escuta 2**

Em 05 de agosto, dando continuidade à oficina direcionada às monitoras do “Programa Mais Educação”, levamos o tema “As novas tecnologias de informação e comunicação” em que, por meio de um documentário do programa “Nossa escola é sua escola”, com a série “As novas tecnologias na escola”<sup>1</sup> discutiu-se sobre a importância das ferramentas pedagógicas adotadas no “Programa Mais Educação” em interface com as novas tecnologias e mídias na Escola municipal Parque Piauí. Ao final, conversamos sobre o tema.

1. Documentário acessível no canal youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=2s861rPUAEY>

##### **Oficina “Na escuta 3”**

Em 20 de agosto de 2014, tivemos a primeira oficina com todos: alunos e monitoras tanto da atividade de rádio quanto de estudos e leituras nos turnos manhã e tarde.

O tema exposto foi “História do rádio no Brasil”, destacando seu histórico.

Para isso, abrimos a oficina com os documentários “Nas ondas do rádio” e “A história do Rádio no Brasil” acessíveis no canal youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=vpI9tFXy528> e <https://www.youtube.com/watch?v=QpLkfEVTUqQ>)

##### **Oficina “Na Escuta 04”**

Objetivando dialogar com as professoras monitoras sobre tema mediação

tecnológica, realizamos a oficina “Mediação tecnológica e o rádio escolar, no dia 10 de setembro de 2014.

Na oportunidade, discutimos o tema instigando a reflexão acerca do papel do professor mediador frente às mídias, especificamente tratando-se do rádio escolar.

O debate foi realizado em roda de conversa sobre o tema e, ao final, foi distribuído um questionário com questões abertas sobre o tema, destacando pontos tais como: como vem sendo entendido, qual a importância, e como vem sendo utilizados as Mídias e a NTICs na escola e no programa.

Na análise, tabularemos os resultados desse questionário.

### **Oficina “Sonora 01”**

Iniciamos a Oficina Sonora 1, no dia 10 de outubro de 2014, com todos: alunos e monitores do PME (rádio escolar e orientação de estudo e leitura). Tal oficina objetivou propiciar aos alunos vivências de audição de 1 radiconto: apenas em áudio, adaptação da música Eduardo e Mônica, do Legião Urbana, para conto dramatizado em rádio, e um radiconto em áudiovídeo, “Partir para a escolha”, adaptado do livro “Ler e contar, contar e ler”, de Francisco Gregório Filho, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1rnDAVwdEL8>.

### **Oficina “Sonora 02”**

Em continuidade, a Oficina Sonora 2, dia 13 de outubro de 2014, mais uma vez na tentativa de estimular os sujeitos na escuta de radicontos, bem como em começar a discutir o gênero conto, os alunos assistiram ao vídeo, adaptação do conto popular “O pescador, o anel e o rei”, dramatizada pela contadora de história Bia Bedran.

Ao final, os alunos foram convidados recontar a história.

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n4bh0ypxoak>

### **Oficina “Circuito de Leitura 01”**

No dia 12 de novembro de 2014, iniciamos os circuitos de leitura objetivando a leitura tanto audiovisual, quanto por textos escritos de variados contos.

Inicialmente os alunos assistiram ao programa “Palavra puxa palavra”, da MultiRio, que versa sobre o gênero conto, abordando estrutura e características (Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1LkfQRc5NGM>)

Após, debatemos sobre o tema “Conto” e os alunos foram levados a pesquisa sobre essa temática.

#### **Oficina “Circuito de Leitura 02”**

Em 17 de novembro de 2014, aconteceu a oficina “Circuitos de leitura 2”, quando abordamos o gênero narrativo conto fantástico nas categorias contos de fada e de assombração/terror, procurando abordar as semelhanças, diferenças e peculiaridades presentes nessas categorias. Para isso, os alunos assistiram a “Historietas leg assombrosas: o boitatá, Ananias e o Jurapuru”.

#### **Oficina “Circuito de leitura 03”**

Em 10 de dezembro de 2014, os alunos foram convidados para uma visita mediada à biblioteca da escola. Dividimos os alunos em grupos para selecionar os contos preferidos deles, mas, antes, procuramos estimular o debate sobre o tema “leitura” por meio do vídeo “ A menina que odiava livro”, disponível em no canal Youtube. Depois, conduzimos a discussão sobre o repertório de leituras deles. Após discussão, os grupos escolheram um líder para falar do livro: capa, autor, e leitura do livro e ou conto selecionado. Essa atividade foi registrada em vídeo e fotografias.

#### **Oficina “Circuito de leitura 04”**

Dia 17 de dezembro, finalizamos as atividades, devido ao término do ano letivo de 2014, com confraternização natalina, retornando apenas no início das atividades do PME para 2015, em março de 2015.

#### **Oficina “Circuito de leitura 05”**

Após um intervalo, motivado pelas férias escolares, retonamos nossas atividades das oficinas de Circuito de leituras 4, em 09 de março de 2015, e retonamos os temas Contos de terror e assombração, por meio da leitura audiovisual da contadora de historia Whildinara Peixoto (colaboradora, professora de arte ) que gravou o conto popular equatoriano, “Maria Angula”, seguida de momento de estímulo de

contação de histórias pelos alunos.

#### **Oficina “Circuito de leitura 06”**

A oficina Circuito de leitura 06 aconteceu no dia 10 de março de 2015, com o objetivo de estimular a leitura por meio de contos de terror e assombração, enfatizando as características desses contos populares na versão de Ricardo Azevedo e Ângela Lago.

Na oportunidade, os alunos assistiram ao vídeo “Esta noite tem peleja”, disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=-2V8qv05QZ8>.

#### **Oficina “Circuito de leitura 07**

Oficinas Circuito de leitura 07 aconteceram de 11 a 13 de março de 2015.

Os 15 alunos selecionados foram divididos em grupos 3 grupos de 05 alunos.

Cada grupo ficou responsável para ler, dramatizar e adaptar os textos para a radiodramatização no rádio. Primeiramente foi explicado que os alunos iriam, não só praticar a leitura, mas dramatizar para o rádio, para isso deveria ficar atentos a adaptação dos contos para a mídia radiofônica.

Os textos selecionados foram “Maria Angula”, conto popular equatoriano; “Dançando com o morto”, de Ângela Lago; e “Gaspar, eu caio”, de Ricardo Azevedo.

No decorrer das oficinas, os alunos assistiram ao documentário áudio-aula “Contos populares, categorias literárias”, uma produção da Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa (Biblivirt-USP), disponível no youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=GgoZ2VIBPKE>

#### **Oficina “Circuito de leitura 08**

Dos dias 16 a 21 de abril, os alunos tiveram aulas de técnicas de contação de histórias em colaboração com a contadora de histórias Marilene Evangelista, do setor de bibliotecas municipais da Fundação Monsenhor Chaves.

Durante uma semana, na biblioteca da escola, os alunos da atividade de rádio e de orientação de estudo e leitura tiveram a oportunidade de participar da oficina assistindo, inicialmente, a um documentário sobre a Cultura popular, “Camara Cascudo para crianças”, disponível no canal Youtube.

No decorrer da semana, os alunos tiveram técnicas de contar histórias, com os seguintes temas/conteúdos, com fundamentos teóricos de Dohme:

- Leitura: diferença entre ler e contar histórias;
- Entendendo a trama numa história;
- Identificar os quatro elementos essenciais: introdução, enredo, ponto culminante e desfecho;
- Entender os personagens numa história;
- Contexto, espaço e tempo nas narrativas;
- Técnicas de voz, tais como: dicção, entonação, altura, velocidade, volume da voz e adequação aos contextos;
- A questão do “silêncio” nas narrativas;
- A linguagem corporal.

#### **Oficina “Circuito de leitura 09”**

Nos dias 04 e 06 de maio levamos os alunos à tão esperada visita mediada à FM Universitária da Universidade Federal do Piauí, onde os alunos conheceram não só os espaços físicos de uma rádio, mas a função de cada departamento: redação, estúdio de gravação, reportagem, sala de edição, sonoplastia, sala de transmissão técnica, direção da rádio.

Tivemos que dividir os alunos em dois grupos para um melhor trabalho.

Na oportunidade, os alunos gravaram os radiocontos: divididos cada dia para um grupo:

- **Grupo 1:** Contos: “Maria Angula” e o “Defunto que devia”.
- **Grupo 2:** Contos: Gaspar, eu caio” e “Dançando com o morto”.

Aproveitamos com a tarde disponível para visita e gravação e levamos também os alunos a conhecer a biblioteca da UFPI.

#### 4.6 Procedimento da análise dos dados coletados

O percurso para a etapa de análise, em investigação qualitativa, aponta-nos para a descrição e interpretação dos dados de forma sistematizada, conforme Bogdan e Biklen (1994, p. 205), “com o objetivo da sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou”. Ou seja, procuramos desenvolver uma descrição precisa do objeto pesquisado, como também atribuir significados ao refletir, interpretar as respostas obtidas nos nossos questionamentos norteadas pelas categorias teóricas, na definição das unidades de análise, nos aspectos metodológicos, sempre em conformidade com o contexto da realidade pesquisada.

Concordamos com Lüdle e André (1986), quando afirmar que “o pesquisador deve assumir dois papéis ao mesmo tempo: um subjetivo, de participante, e outro objetivo, de investigador para se aproximar do fenômeno pesquisado como um todo”.

Tratando-se da definição dos dados, Huberman e Milles (1991) os tem como um processo contínuo e interativo e, assim, para análise da nossa *corpora*, constituído de transcrições dos registros em diários de campo, análise das respostas de questionários, da escuta e análise de gravações em áudio, enfim, procuramos dar maior atenção as produção dos sujeitos no intuito não de deixar passar despercebida as particularidades de cada fala e ou resposta que possa interessar, cuidados estes tidos desde a etapa de coleta de dados focados na metodologia interativa em pesquisa qualitativa. Conforme Oliveira (2008, p. 103):

A metodologia interativa pressupõe uma coleta de dados de forma sistemática de idas e vindas através do diálogo com os atores sociais, portanto não é simplesmente um processo cumulativo, por se tratar de uma abordagem qualitativa, na metodologia interativa a categorização dos dados é um processo dialético.

Atendendo os objetivos desta pesquisa, que é compreender o processo de formação do leitor nas atividades de rádio escolar do “Programa Mais Educação” por meio da contação de histórias envolvendo narrativas de terror e assombração é que, no momento que fomos nos debruçando sobre os dados coletados: “o que nos diziam”, “o que não nos diziam”, definimos as categorias de codificação,

sistematizando por meio de unidades de análise, norteadas pelas categorias teóricas e, recorreremos a (OLIVEIRA, 2014, p. 124 apud OLIVEIRA, 2014, p. 161): “às leituras convergentes ao tema central do estudo”, nos dando maior sustentação a etapa de análise dos dados.

#### 4.6.1 Estruturação da análise

Sobre categorias, afirma Bogdan e Biklen (1994, p. 221) são originadas de acordo com as questões e preocupações de investigação, e como critério para classificação dos dados resultados entre categorias empíricas e ou unidades de análise. Procurando entender “ditos e não ditos” nas falas dos sujeitos. Procedendo assim, entendemos que é importante, conforme Eco (2009) ler as *entrelinhas* e não somente as *linhas*, encontradas nos diálogos, descrevendo e, em determinados momentos, também interpretando o que nos diziam os dados a partir do diagnóstico, da aplicação de questionários, da voz dos entrevistados.

Nesse intuito, para a categorização dos dados foram desenvolvidas em consonância com os resultados obtidos durante nossa permanência no *campus*: após várias leituras, observando repetições, situações, momentos, comportamentos, enfim, procurando com cautela, não deixar passar nada de despercebido que pudesse interessar aos nossos objetivos.

Assim, a análise encontra-se na parte III, desse estudo, intitulado de “Radiocontação de histórias”, em que procuramos estruturar da seguinte forma:

1º categoria teórica: **Educomunicação**: procuramos descrever como vinham sendo desenvolvidas as práticas educacionais no espaço escolar por meio da atividade de rádio escolar do “Programa Mais Educação” da Escola Municipal Parque Piauí para a formação de ecossistemas comunicativos. Para essa categoria, organizamos para análise, o item 4.1 da parte III, a qual intitulamos: “Tomando nota: rádio escolar para a formação de ecossistemas comunicativos.

2º categoria teórica: **Formação do leitor literário**: no item 4.2, do capítulo 4, intitulado “Leituras em pauta: para a formação do leitor literário”, objetivamos averiguar os hábitos, gostos e preferências de leituras dos alunos participantes das atividades de rádio e orientação de estudos e leitura (antigo letramento) do “Programa Mais Educação”. Discutem-se as metodologias das

monitoras para com a leitura dos alunos, os recursos utilizados e, especificamente, se havia ou não conexão com a mídia radiofônica na escola.

3ª categoria: **Intervenção**: procuramos avaliar os resultados obtidos após o nosso plano de intervenção, especificamente, como os alunos experienciaram as atividades; a recepção dos sujeitos com as narrativas de terror e assombração durante as oficinas de “circuito de leitura”, utilizando-se da leitura radiodramatizada e, de que forma, essa experiência contribuiu para a formação do leitor literário. Para esse item 4.3 intitulamos “Na escuta entre sons, contos e encantos: eu conto, tu contas, nós encantamos e...assombramos.”

## **5 RADIOCONTAÇÃO DE HISTÓRIA: rádio escolar para a formação de ecossistema comunicativo**

Neste capítulo, procuramos descrever como foram desenvolvidas as atividades de rádio escolar do “Programa Mais Educação” da Escola Municipal Parque Piauí, zona sul de Teresina, e nos embasamos nos dados do diagnóstico inicial por meio de conversas informais, registros de anotações e aplicação de questionários.

Isso, porque, defendemos que a implantação e implementação de uma rádio escolar não se faz apenas aderindo às propostas de programas federais, tais como o “Mais Educação” para o ensino fundamental e o “Ensino Médio Inovador”, para o ensino médio, programas direcionados às escolas públicas, mas que se faça acima de tudo com planejamento participativo entre comunidade escolar (gestores – docentes – discentes), embasados em teorias educomunicativas para a formação de ecossistemas comunicativos.

Como exposto, no capítulo metodológico, desta pesquisa, o questionário de sondagem foi aplicado entre os dias 14 e 16 de julho de 2014, direcionado à coordenação do “Programa Mais Educação” e à monitora da atividade de rádio; posteriormente, para os 30 alunos participantes da atividade de rádio escolar e orientação de leitura (letramento), e, para os demais docentes e monitores do “Programa Mais Educação”.

Vale ressaltar, que fizemos um recorte dos dados dos questionários e das anotações do diário de campo, pela fato de focalizarmos apenas o que interessa ao nosso objeto de estudo e, em conformidade com os objetivos.

Em relação aos questionários de sondagem, como a maioria das perguntas era de tipologia “aberta”, procuramos identificar as respostas por siglas: (R = Resposta); sendo RA= Resposta de Aluno, RC = Resposta da Coordenadora, RMAR = Resposta da Monitora da Atividade de Rádio, RMAOEL = Resposta da Monitora de Atividade de Orientação de Estudo e Leitura, RB = Resposta da pessoa responsável pela Biblioteca, e assim respostas (R) seguidas da numeração (1 = numeração romana crescente de acordo com a quantidade de respostas sequenciais).

Primeiramente, focados nas respostas da coordenadora do “Programa Mais Educação” e da monitora da atividade de rádio, selecionamos os seguintes questionamentos:

- 1. Como vinham sendo desenvolvidas as atividades de rádio do “Programa Mais Educação”?**
- 2. Quais eram as dificuldades encontradas?**

Em relação aos questionamentos realizados no primeiro encontro em conversa informal e tomando nota registramos os seguintes depoimentos:

As atividades de rádio do “Programa Mais Educação” vem sendo desenvolvidas com trinta alunos inscritos, nos turnos manhã e tarde, apenas com aulas teóricas, pois a rádio da escola encontra-se desativada por falta de incentivo financeiro, dificuldades nas instalações e, por pouco interesse e compromisso dos docentes para implementar projetos. Alguns projetos iniciam, mas não dão continuidade. (2014, RC1)

As aulas das atividades de rádio do “Mais Educação” vem sendo realizadas por aulas teóricas, e, desde o início: março de 2014 com os seguintes conteúdos: “historia do rádio”, “linguagem do rádio”, “programação”, “produção de texto para o rádio”, “Conhecendo uma lauda, um script...” Entre as dificuldades que enfrentamos, destaco a falta de incentivo e participação por parte da equipe gestora da escola com o Programa, o atraso na chegada do material didático próprio do programa para a atividade de rádio escolar. (2014, RMR1)

Tratando do primeiro questionamento, sobre o desenvolvimento das atividades de rádio do “Programa Mais Educação” na escola, observamos em comum nos dois depoimentos, que as aulas vinham sendo desenvolvidas de forma teórica, por meio de conteúdos específicos para a mídia radiofônica. Outro ponto em comum apontado foi a dificuldade quanto à implementação dos projetos.

No momento do diagnóstico, traçamos o perfil da monitora 1 da atividade de rádio e constatamos que a mesma, à época, cursava radialismo, na modalidade técnica, fato que proporcionou aos alunos o conhecimento dos conteúdos em mídia radiofônica para a atividade de rádio escolar do PME.

A monitora 2 da atividade de rádio, ao ser indagada afirmou que: *O Rádio na escola surge no sentido de levar o aluno a ter conhecimento da escrita, a ter uma boa dicção...ter conhecimento variado.*(2014, RMR2)

Em sua fala, esta atribui sentido à atividade de rádio relacionando com o nível normativo da língua, ao relatar que os alunos possam adquirir “boa escrita” e “boa dicção” com a atividade de rádio. Sabemos da possibilidade que a linguagem radiofônica pode proporcionar, não só em nível padrão e ou normativo da linguagem, entretanto, este não foi o objeto da pergunta. Nesse sentido, não nos foi possível analisar o desenvolvimento da atividade de rádio sob o monitoramento da professora.

Durante nossa estada no campus, as aulas teóricas aconteceram de março a primeira quinzena de julho de 2014, mas o kit de material para instalação da rádio distribuído pelo MEC/FNDE chegou somente no mês de outubro de 2015. As instalações físicas ficaram ociosas pela saída da monitora 1 (com maior conhecimento na área), e pela falta de professor para se dedicar ao projeto de rádio, confirmadas nas palavras da coordenadora: *“pouco compromisso dos docentes...e os projetos começam mas não dão continuidade”*.

Reportando-nos ao Manual Operacional do “Programa Mais Educação” (BRASIL, 2014) verificamos que as aulas teóricas são permitidas, até o momento das instalações do equipamento em espaço adequado para uma rádio escolar. Após, deverá funcionar com projetos condizentes com a realidade educacional e seus anseios.

Tratando das dificuldades, observamos que a escola está distante das práticas educacionais, especificamente no tocante à formação de ecossistemas comunicativos. A escola adere aos programas federais, como o Mais Educação, que procura ofertar atividades criativas e relevantes, no caso do rádio, com atividades extracurriculares no contraturno para a melhoria da aprendizagem, a partir da interface educação e comunicação, possibilitando a criação e o fortalecimento de “Ecossistemas comunicativos”.

Tal adesão, entretanto, não garante a eficiência da ação, posto que, na realidade não há evidências de um planejamento participativo, numa perspectiva transdisciplinar, conforme orientado pelas teorias educacionais.

Na introdução desta pesquisa, elencamos algumas problemáticas no tocante à dificuldade na implantação e implementação de projetos para o rádio

escolar, tais como: lacuna na teorização de práticas educacionais, pouco engajamento dos sujeitos envolvidos (professores, alunos, comunidade) e, entendemos ser de suma importância analisar a forma de mediação tecnológica das monitoras da atividade de rádio e a orientação de estudo e leitura do PME.

Para isso, recorreremos à oficina: Na Escuta 04, que procurou discutir o tema **Mediação tecnológica**, aqui analisaremos os dados obtidos pela aplicação de um questionário após a discussão com duas monitoras do PME: uma, da atividade de rádio; a outra, de orientação de estudo e leitura. A seguir, o questionário aplicado durante a oficina.

### QUESTIONÁRIO

OFICINA: NA ESCUTA 4  
TEMA: MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA  
Após assistir ao vídeo, vamos discutir .

- 01. O que você entende sobre mediação tecnológica na escola?**
- 02. Qual a importância da mediação tecnológica na escola?**
- 03. Você utiliza as NTICs nas suas aulas? De que forma?**
- 04. Como sua escola vem utilizando as novas tecnologias e as mídias?**

Professora: \_\_\_\_\_ data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ 2014

Para a questão de número 01, que versa sobre o **entendimento** de mediação tecnológica na escola, a monitora de atividade de rádio entende esse conceito como o *uso das tecnologias na escola*; já a monitora de orientação de estudo e leitura entende a mediação como um fator que favorece *professores e gestores no processo de ensino e aprendizagem*.

Para o questionamento 02, sobre a **importância** da mediação tecnológica na escola, a monitora de atividade de rádio afirmou que é *uma ferramenta que ajuda e torna a aula mais dinâmica*. A monitora de orientação de estudo e leitura disse *facilitar a prática educativa no ensino-aprendizagem*.

O questionamento 03 procura saber se essas monitoras utilizam as NTICs e mídias em suas atividades docentes. A monitora de atividade de rádio respondeu que as utiliza *para pesquisas de textos e para desenvolver a escrita e a oralidade*.

Enquanto que a monitora de orientação de estudo e leitura disse que *não, mas que pretende quando houver oportunidade*.

Por fim, o questionamento 4 aborda se a **escola utiliza as NTICs e mídias**. Nesse aspecto a monitora de atividade de rádio afirmou que a utilização ainda é precária, a monitora de orientação de estudo e leitura também relata que a escola *utiliza em alguns momentos, mas que tem como algo que atrapalha(sic)*.

Ao desenvolvermos a oficina “Na escuta 04”, queríamos observar e entender a forma de mediação dessas monitoras frente às mídias e às novas tecnologias de informação e comunicação, como exposto na análise dos questionamentos. A partir da exibição de um vídeo iniciamos a discussão norteadada pelo questionário.

Observamos nas respostas que as monitoras veem como importante o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) na escola, e como ferramenta para auxiliar o professor nas aulas tornando-as mais dinâmicas, porém, é vago o entendimento do que vem a ser realmente mediação tecnológica.

Quando nos propusemos a discussão desse tema, nos referimos à mediação tecnológica não só como uma ferramenta a mais para o ensino, mas na perspectiva de educomunicação, promovendo a mediação professor e aluno. Ou seja, entender a grande potencialidade que as mídias e as NTICs podem proporcionar para a escola, e não apenas como uma “ferramenta” a mais.

Para a educomunicação a mediação tecnológica é entendida como as formas e usos que alunos e professores fazem das mídias, de maneira que favoreça diálogos sociais e educativos em trabalho interativo e colaborativo.

No que se refere aos alunos, o primeiro contato deu-se também nessa fase de diagnóstico, com aplicação de um questionário, com 18 questões abertas e, somente uma fechada focadas também nas atividades de rádio do “Programa Mais Educação”.

Na oportunidade, disponibilizamos questões sobre os hábitos e preferências de leitura, para posteriormente aproveitarmos na próxima categoria de análise que versa sobre a “formação do leitor”.

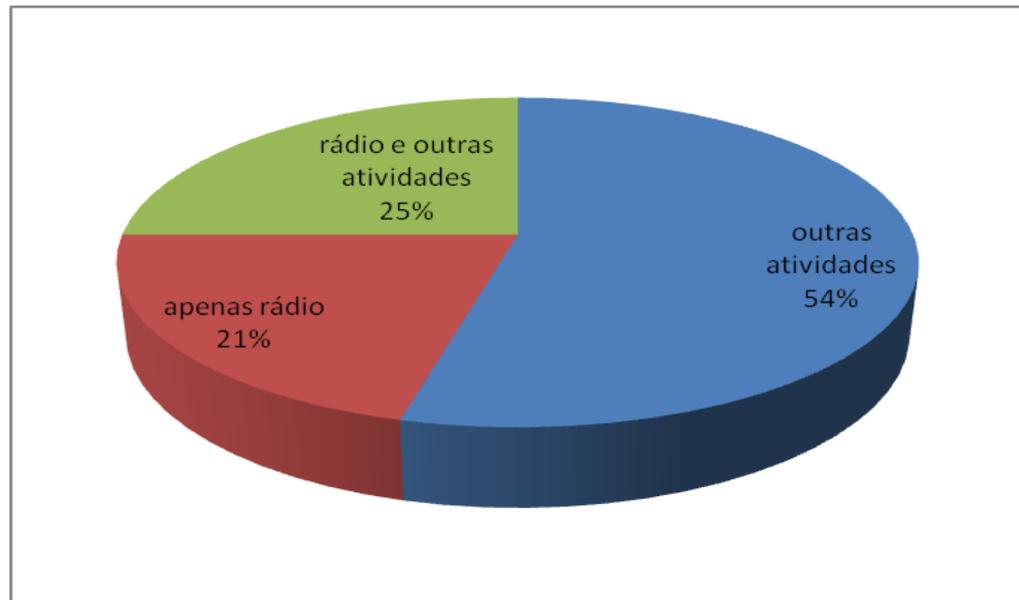
A seguir os questionamentos que selecionamos.

**1. Sobre as atividades do “Programa Mais Educação”, qual a que você mais gosta? Por quê?**

## 2. Como você gostaria que fosse desenvolvida a atividade de rádio da sua escola?

As respostas dos discentes ficaram assim distribuídas:

**Gráfico 1 – Respostas dos discentes em relação a pergunta 1 – Sobre as atividades do “Programa Mais Educação”, qual a que você mais gosta? Por quê?**



Fonte: a autora.

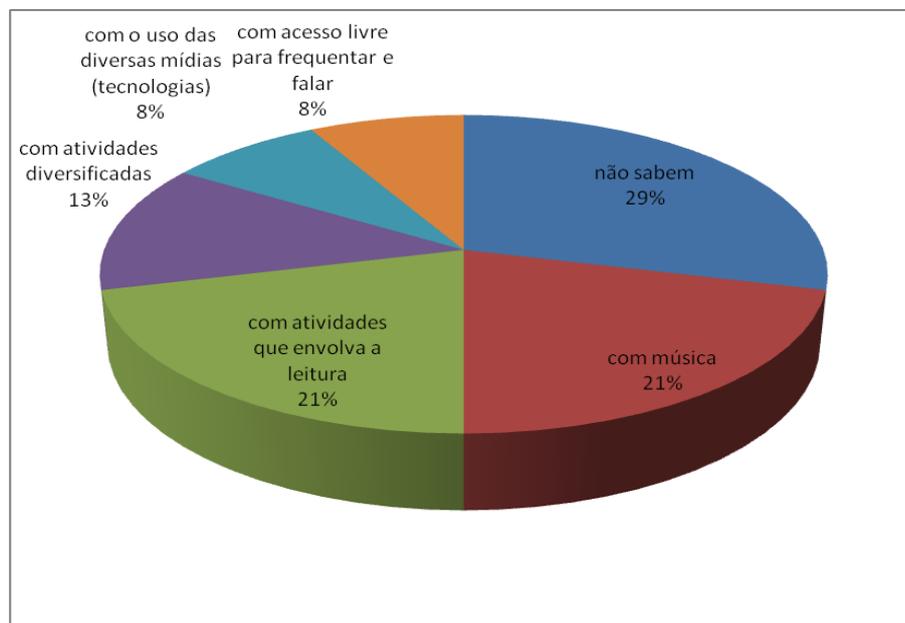
Podemos constatar, até aqui, que dos 24 alunos que responderam, 54% disseram gostar mais das outras atividades do “Programa Mais Educação”, tais como judô, tênis de mesa, violão, orientação de estudo e leitura; isso nos levou a questionar as razões dessa preferência. Para melhor responder a essa indagação foi necessário um cruzamento de informações com os depoimentos dos monitores, o que nos levou a inferir que a causa desse desinteresse está na forma da mediação realizada pelas monitoras, que se limitam às aulas teóricas (até mesmo por falta de uma melhor orientação) assim como a ausência de uma estrutura física e pedagógica adequada para o funcionamento do programa. Uma vez que o material didático foi recebido com atraso para implementação do projeto de rádio assim como não houve planejamento e formação adequada das monitoras até o momento.

Em relação à continuidade do questionamento 1, dos 21% que relataram gostar da atividade de rádio, somente 12% completaram as respostas, explicando o motivo, ou seja, o “porquê”. Assim, responderam: “*Por que aprende mais*”; “*Por que nós aprendemos a história do rádio*”; “*Por que é muito boa*”; “*Por que tem música*.”

Percebemos, nas respostas, mesmo com as instalações da rádio escolar desativada e apenas com aulas teóricas, uma boa aceitação dos alunos para a atividade de rádio, ou melhor, eles entendem a importância desse tipo de mídia na escola, tanto para a aprendizagem, quanto para o entretenimento e cultura.

Seguindo para o questionamento 2 **“Como você gostaria que fosse desenvolvida a atividade de rádio na sua escola?”** Temos, o seguinte gráfico:

**Gráfico 2 – Respostas dos discentes em relação a pergunta 2 – Como você gostaria que fosse desenvolvida a atividade de rádio na sua escola?**



Fonte: a autora.

Verificamos, mesmo com 29% dos alunos terem relatado “não saber”, o somatório das demais respostas(75%) nos dizem que a atividade de rádio escolar deva ser desenvolvida com “música”, “leitura”, no uso das novas tecnologias e, com acesso para “frequentar e falar.” Inferimos nesses dados a consciência que esses alunos têm sobre a importância do rádio em ambiente escolar para diversas competências e habilidades trabalhadas de forma multidisciplinar.

Apesar de ser apenas 8%, a resposta dos alunos que disseram: “com acesso livre para frequentar e falar”, foi relevante inferir que estes tem consciência da rádio como instrumento para a cidadania, que possibilita a “vez e voz” desenvolvendo o protagonismo juvenil.

Nessa perspectiva, o uso da palavra, defendida por Bakhtin e Volochinov (1992) serve de expressão de um locutor em relação a outro e a realização de sentidos dessa enunciação não é determinada pelo locutor, mas é socialmente dirigida.

Seguindo esse raciocínio, a tese de doutorado de Rodrigues (2014), em seu estudo sobre “Os discursos em Educomunicação na rádio escolar: um estudo etnográfico em escola pública” aponta que a escola deve abrir “os microfones da rádio escolar para a expressão comunicativa entre os sujeitos [...] de modo que esse entrelaçamento de vozes possa criar um “ecossistema comunicativo” e, assim, preconiza a educomunicação.

Vemos nas respostas, uma boa aceitação por parte dos alunos para que a rádio escolar seja reativada, logo, um dos motivos que nos fez chegar até a escola municipal Parque Piauí foi o “Projeto Toque Literário” (desenvolvido por uma ex-professora da escola) que participou do Prêmio Victor Civita, e ganhador do Educador nota 10, em 2002, com um programa na rádio da escola para estimular a leitura e melhorar a oralidade dos estudantes.

Confirmamos pelo site da revista “Nova Escola”, com a direção e com professores sobre esse prêmio e, muitos falaram com entusiasmo e saudosismo. Porém, ao indagar o porquê da não continuidade, mais uma vez ouvimos o seguinte relato: *“nessa escola, os projetos iniciam, mas não dão continuidade.”*

Constatamos nesse discurso, já repetido pela coordenadora, a dificuldade que a escola tem no planejamento participativo, em não só implantar, mas em implementar e dar continuidade a projetos relevantes, como o “Toque literário.”

Ainda na análise em relação à recepção dos alunos para com a mídia rádio, em 20 de agosto, por meio da nossa proposta de intervenção, ministramos para os alunos a oficina “Na escuta 2”, primeiramente com recurso audiovisual com um documentário sobre a História do rádio. Na oportunidade, provocamos alguns questionamentos:

- 1. Qual a importância do rádio para a vida?**
- 2. E para a escola?**

Assim, tivemos as seguintes respostas: *“para ouvir música”, “para dá notícia”(sic), “para propaganda de algum produto”, “para aprender”. E* mais uma vez, esses discursos confirmam a boa recepção dos alunos com o rádio, ao tempo em que associam ao entretenimento, ao conhecimento e à propaganda.

Portanto, dependendo de como a escola trabalhe as atividades de rádio, se na relação mídia-escola e, não mídia x escola, estará contribuindo para o desenvolvimento da dialogicidade comunicativa e o protagonismo juvenil.

Um novo direcionamento para que a escola se aproxime de comunicação aponta Barbero (2014 , p. 55) *é que a escola pense menos nos efeitos ideológicos e morais dos meios, e mais no ecossistema comunicativo, construindo assim, uma teia significativa de sentidos sobre a prática educomunicativa, ao propor um projeto de rádio em ambiente escolar.*

### **5.1 Leituras em pauta: percurso para a formação do leitor literário**

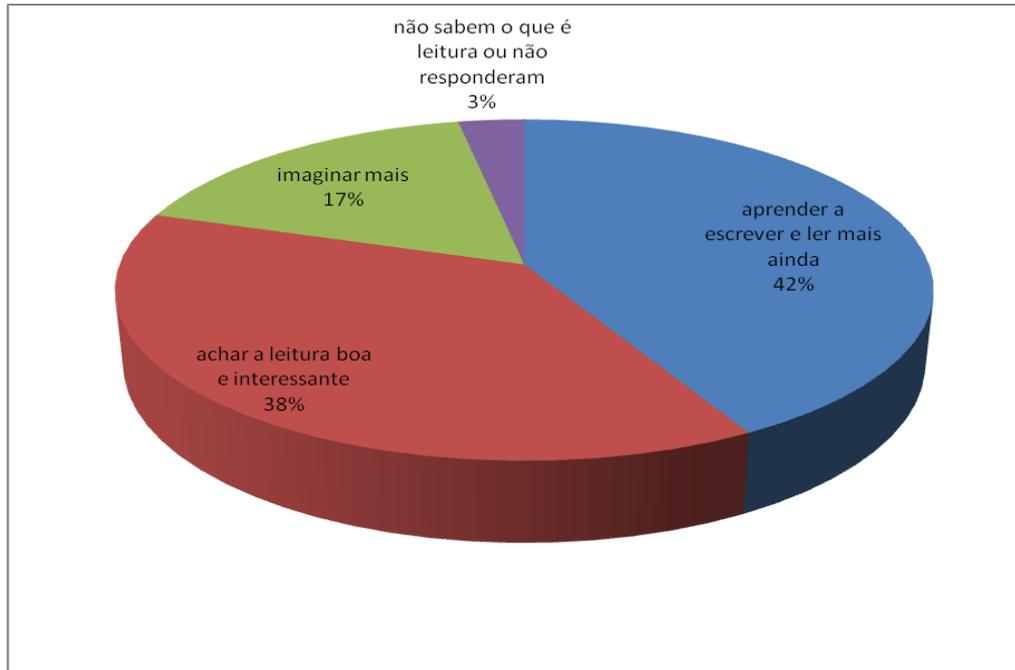
No percurso para a segunda categoria de análise, que versa sobre a “formação do leitor literário”, procuramos averiguar o que os dados nos dizem acerca das preferências de leituras dos participantes da atividade de rádio escolar e também de orientação de estudo e leitura (antigo letramento) do Programa “Mais Educação”, bem como os métodos e recursos utilizados pelas monitoras e se contribuía para a formação do leitor literário.

Ressaltamos que os alunos inseridos na atividade de rádio participam também do macrocampo obrigatório, “Acompanhamento Pedagógico”, na atividade “Orientação de estudos e leitura” cujo objetivo é articular o currículo estabelecido na escola e as atividades pedagógicas propostas pelo “Programa Mais Educação”. Assim, entendemos ser de suma importância o diálogo entre as diversas áreas de conhecimento em interface com a atividade de rádio, na proposta da educomunicação.

Retomaremos o questionário aplicado na fase de diagnóstico ( v. apêndice C) para melhor entender as concepções, os hábitos e as preferências dos alunos. Para isso, selecionamos somente as perguntas de números 07 e 17, do tipo abertas, e 08 do tipo fechada.

## 7. Você gosta de ler? Por quê?

Gráfico 3 – Resposta dos discentes em relação a pergunta 7 – Você gosta de ler? Por quê?



Fonte: a autora.

Dos 30 alunos participantes das atividades de rádio e orientação de estudo e leitura, 24 responderam a pergunta “Você gosta de ler”, da seguinte forma: 42% disseram gostar de ler: “para *aprender a escrever e ler mais ainda*”; 38% por achar a leitura boa e interessante; 17% para *imaginar mais*” e 3% disseram “*não saber o que é leitura*” e ou não responderam.

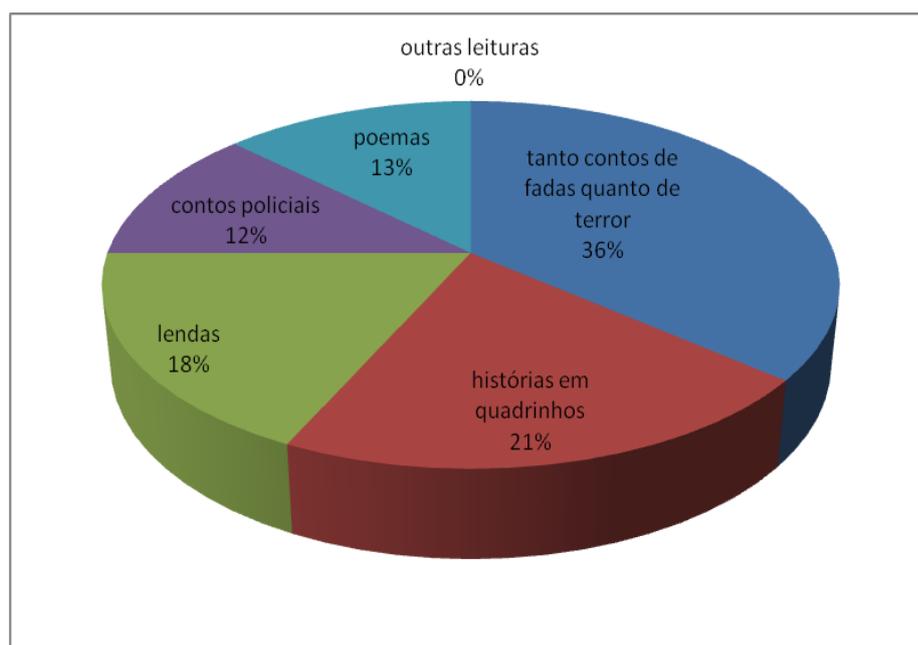
Essas respostas nos levaram a refletir sobre a concepção de leitura desses alunos: uma relacionada a leitura escolarizada, da palavra, contida nos manuais didáticos ao responderem: “para *aprender a escrever e ler mais ainda*” a outra, a leitura literária, a leitura como fruição, ao responderem: “*para imaginar mais*”.

No percurso para investigar as preferências de leitura desse aluno/leitor, sejam elas narrativas em prosa ou em poesia, em diversos tipos e gêneros, selecionamos do questionário a seguinte pergunta fechada para assinalar uma ou mais respostas

### 8. O que você mais gosta de ler?

- ( ) contos de fada
- ( ) contos de terror
- ( ) contos policiais
- ( ) poesias
- ( ) histórias em quadrinho
- ( ) lendas
- ( ) outros tipos de leituras.

Gráfico 4 – Respostas dos discentes em relação a pergunta 8 – O que você mais gosta de ler?



Fonte: a autora.

Assim, os dados analisados da questão 08 indicaram que 36% assinalaram tanto contos de fadas quanto contos de terror; 21% histórias em quadrinhos; 18% lendas; 12% contos policiais e 13% poemas. Nenhum aluno assinalou o item “outras leituras.”

Constatamos a preferência de leituras desses alunos pelo gênero fantástico nas narrativas, apontando na maioria das respostas 36% pela leitura dos clássicos, tais como os contos de fada e terror (e ou assombração). Estas narrativas

oscilam entre a realidade e o inexplicável, que proporciona a viagem ao mundo da leitura, e segundo Amarilha (1997) entre dois universos: aquele do seu cotidiano com aquele proporcionado pela ficção.

Como os alunos participantes do PME estão na faixa etária entre 06 e 12 anos de idade, o resultado sobre o repertório de leitura resultante de contos de fadas e terror entre os alunos entre 06 e 10 anos, por narrativas fantásticas, deva-se ao resultado do trabalho com a leitura em séries iniciais, em que a mediação da leitura pelo(a) professor(a) tenha sido mais atuante e pela literatura chegar até as crianças pela oralidade.

Nos alunos da faixa etária entre 10 e 12 anos, com mais autonomia para a leitura, constatamos a preferência de 21% por “histórias em quadrinhos (HQs).” Esse gênero, conhecido como HQs tem valor estimável na literatura em sala de aula e, principalmente na atualidade devido à ampliação dos gêneros dentre eles os *mangás* e os *graphic*, sendo que transitam em diversos suportes nas redes sociais na *internet*.

Ainda sobre as HQs, Cosson (2014, p. 17) fala do caráter literário desse gênero. Ele afirma *que não provem da sofisticação da sua temática, nem mesmo da sua linguagem[...]mas da conjunção indissociável entre palavra e imagem, que contida em quadros, compõem a narrativa ficcional*, que muito atraem os alunos nessa faixa etária.

Um fato interessante observado durante a nossa permanência na Escola Municipal Parque Piauí em Teresina é o forte trabalho das escolas da rede municipal, com as lendas piauienses, entre elas “O cabeça de cuia” e “A num se pode”. Em conversa informal com alunos na fase do diagnóstico solicitamos que contassem uma história, a maioria contaram lendas, fato este comprovado como preferência de leitura, logo os dados comprovaram em 18% para lendas.

No resultado dos demais dados proporcionados pela questão 08: “O que você mais gosta de ler”, seguem como preferência de leitura com 13% os poemas e 12% os contos policiais, em que podemos inferir o rico repertório de leitura dos alunos da atividade de rádio e orientação de estudo e leitura do PME da Escola Municipal Parque Piauí.

Em relação à concepção de leitura desses alunos, a pergunta 17: “O que é leitura para você?” procuramos reunir as respostas, conforme a categoria semântica, organizada da seguinte forma:

Categoria 1: respostas relacionadas à **leitura escolar e à vida**. Dos entrevistados, 58% responderam: “importante”, “*tudo*”, “sabedoria”, “ensinamento”, “*aprendizado*” e “muita coisa”. Vemos nestas respostas a relação que os alunos fazem da leitura tanto para o processo de ensino-aprendizagem, na leitura escolarizada, quanto para a leitura no processo de formação do homem na vida.

Essas respostas demonstram como está impregnado o valor da leitura para a formação cultural e científica do homem, onde o papel da escola ainda é reproduzir em seus discursos a disseminação de práticas e saberes socialmente válidos, como afirma Cosson (2014).

Categoria 2: respostas relacionadas à **leitura como fruição e entretenimento**. Nessa categoria 12% relacionam a leitura a estado de “felicidade”, a um processo “divertido” para “fantasiar,” “imaginar”, o que demonstra estabelecida uma relação estética do aluno/leitor com o texto literário. Os demais alunos, 30% não souberam e ou não responderam essa questão.

No percurso para entender os gostos de leitura desses alunos, agora com outro “olhar”, procuramos conversar com a pessoa responsável pela biblioteca, para isso seguimos um roteiro para entrevista que versava os seguintes questionamentos: **Como funciona a biblioteca da escola municipal Parque Piauí? A forma de empréstimo; O acervo; A frequência dos alunos do “Programa Mais Educação” na biblioteca e quais eram os livros mais lidos por eles?.**

Segue a descrição da conversa.

A biblioteca da escola municipal Parque Piauí funciona das 7 às 17h aberta atualmente apenas para a comunidade escolar, digo, atualmente, pois já abrimos para a comunidade local, mas devido a falta de compromisso resolvemos não mais emprestar os livros, pois, muitos não retornaram. Considero que funciona bem, apesar de alguns entraves já tidos com a direção da escola, como a demora dos splits pela SEMEC e outras questões. Em relação à forma de empréstimo, os alunos pegam os livros por 3 dias e renovam por mais 3 dias, caso não devolva ou perda são obrigados a comprar outro e fazer doação de outro livro qualquer. A maioria dos livros lidos são os paradidáticos, as enciclopédias, obras científicas para pesquisa, mas também romances. Ah, as histórias em quadrinhos (eles adoram), O Menino Maluquinho, Romeu e Julieta em quadrinho (muito disputado), a Mafalda, e sobre histórias de terror tem um livro que eles disputam entre si para levar pra casa e ler: acho que é 70 contos de terror (grifo nosso). Às vezes é preciso esconder para dá oportunidade a outras

turmas. Estes são os livros que vejo que mais saem. Mas, temos organizado aqui uma pasta com os livros emprestados, caso queira anotar... Sobre a frequência dos alunos, digo que é mais por vontade própria do que pelo incentivo e a vinda do professor com os alunos, aliás, temos dois professores que costumam trazer os alunos. Sobre os projetos: não há muito projeto para a biblioteca...no ano passado tinha uma professora, assim como você, que pegava os livros e levava até os alunos. Ela lia com eles no pátio. Eu, mesma, fiz por conta própria um concurso de quem leu mesmo no final do ano letivo e, premiei com um livro. Sobre a leitura dos alunos do "Programa Mais Educação", a coordenadora vem aqui, pega os livros e leva para a sala deles, mas as monitoras nunca vi não e, nem costumam trazer as crianças aqui na biblioteca (grifo nosso). A importância da biblioteca, a meu ver, é uma forma de incentivo à leitura...faz com que o aluno se interesse mais pelos estudos. É um espaço para ele estudar...sabe? têm alunos que vem só pra estudar, alguns na hora do recreio...em casa eles não tem esse conforto

A pessoa responsável pela biblioteca, apesar de não ter formação em biblioteconomia é uma funcionária antiga do quadro administrativo da escola (a mesma relatou que espera apenas o processo de aposentadoria), e segundo ela, tem um curso de extensão em biblioteca. Mesmo com toda dificuldade estrutural observamos o empenho e organização para com a biblioteca da escola, bem como, a boa recepção com os alunos e professores.

Pela estrutura e pelo bom acervo escolhemos a biblioteca para a maioria das oficinas especificadas no plano, como as de Circuito de leitura, oportunizando o contato dos alunos do PME com a biblioteca, já que observamos na fala da funcionária que apenas a coordenadora frequenta a biblioteca: *a coordenadora vem aqui, pega os livros e leva para a sala deles, mas as monitoras nunca vi não e, nem costumam trazer as crianças aqui na biblioteca.*

Em relação a essa problemática, conversamos informalmente com as monitoras e elas disseram realizar atividades de leitura literária com os alunos utilizando como suporte a coleção de livros que o programa adquiriu. Anotamos e fotografamos esses livros, uma coleção de clássicos entre eles contos de fadas que uma das monitoras leva para o momento de leitura com os alunos do PME, mas que os alunos não podem tomar como empréstimo.

Sobre a preferência ela disse que:

A maioria dos livros lidos são os paradidáticos, enciclopédias e obras científicas para pesquisa, mas também romances...Ah, as histórias em quadrinhos (eles adoram), o menino maluquinho, Romeu e Julieta em

quadrinho (muito disputado), a Mafalda, e sobre histórias de terror...tem um livro que eles disputam entre si para levar pra casa e ler, Acho que é 70 contos de terror...às vezes é preciso esconder para dar oportunidade a outras turmas. Estes são os livros que vejo que mais saem.

Confirmamos a saída desses títulos na pasta de entrada e saída para empréstimo dos livros e comprovamos essas preferências na fase do diagnóstico em conversa informal, com os alunos, na qual pedimos que num papel anotassem os títulos de livros lidos e que gostaram.

Assim, temos: “O flautista de Hamelim”, “A princesa ervilha”, “O negrinho do pastoreio”, “Princesa Sofia”, “Chapeuzinho Vermelho,” “Os três porquinhos,” “Cinderela,” “A bela e a fera,” “O leão e o rato”, “O Pinóquio”, “O príncipe e o mendigo”, “Gibis da Turma da Mônica”, “Numa noite muito escura”, “O mundo secreto”. Citaram também lendas urbanas: “A flor do cemitério”; lendas locais: “O cabeça de cuia”, “O Homem do saco”, narrativas que povoam a memória e o imaginário das crianças de Teresina.

Observamos a diversidade de gêneros literários, nas preferências de leituras desses alunos, dos tradicionais clássicos da literatura infantil (Anderson, Perrault...) às lendas e as “disputadas” HQs.

Desse modo, procuramos refletir: **Mesmo com todo esse repertório de leitura dos alunos, o que falta para desenvolver projetos de leitura e contação de histórias? Por que não há projetos voltados ao fomento à leitura literária para formação do leitor em práticas educacionais, complementadas nas atividades do rádio escolar?**

Sabemos, como docentes, dos entraves enfrentados pela atual escola pública, porém não é nossa proposta a discussão nesse âmbito, mas deve-se relacionar a educação e a comunicação. Edgar Morin (2003, p. 8) afirma que *a comunicação não existe sozinha e [...] a pesquisa em comunicação exige sempre a interface da comunicação com outras áreas de conhecimento*. Assim, entendemos a educação como a comunhão com as diversas áreas do currículo, entre elas, o ensino da leitura literária.

Porém, é fato que o sistema educacional brasileiro anda distante da realidade educacional. Um país de contrastes, pois domina a tecnologia na área comunicacional mas continua em baixos índices de leitura e escrita, revelando distâncias não apenas técnica, mas econômica e social.

Repensar as **práticas de mediação** de leitura na escola é uma questão importante. É notório também, a dinâmica tradicional realizada pelo professor nessas “práticas de leitura”: propõe a leitura, na maioria pelos livros paradidáticos, em seguida, solicita a leitura para um determinado fim (para a prova, para uma atividade...). Assim, poucas vezes, solicitam a interpretação ou leem junto com o aluno instigando a criticidade do texto, a imaginação, ou melhor, oportunizando a voz e vez do aluno e as diversas maneiras de interação com o texto literário.

Comprovamos esse tipo de método nas atividades de “orientação de estudo e leitura,” mediado pelas monitoras por meio dos paradidáticos, em que solicitam a leitura mas esta contribui apenas para um determinado fim: uma atividade específica, de forma descontextualizada, tal como a descrita a seguir.

Observação da aula de uma monitora da atividade de orientação de estudo e leitura (antigo letramento)
A professora/monitora solicita a leitura individual e silenciosa de um dos paradidáticos da Coleção Todo Livro, clássicos da literatura infanto-juvenil, e dá o seguinte comando escrito na lousa: <i> retirem palavras com <b>ss, ch, x e rr</b>; após, formem frases com as palavras encontradas.</i>

Atividades como essas que foram usualmente observadas nas atividades de orientação de estudo e leitura do “Programa Mais Educação” (PME) são consideradas, por uma das monitoras, como de “incentivo à leitura literária.”

Entendemos que esse tipo de atividade não garante a formação plena do aluno leitor, pois conforme Antunes (2003, p. 27) *é uma atividade de ensino da leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificação de escrita [...]*. Assim, não há leitura porque não há interação verbal, além de ser uma atividade descontextualizada, não propicia a imaginação e o prazer do texto literário, ou seja, limita o aluno às múltiplas funções sociais da leitura.

O próprio manual de orientação de educação integral do MEC (BRASIL, 2014, p. 12) sugere que se desenvolvam as atividades de leitura e produção textual que *favoreçam a constituição de leitores assíduos a partir de procedimentos didáticos criativos [...]* como também, o *incentivo à leitura de obras [...] em diferentes gêneros literários [...]* especialmente no que se refere ao ler pra apreciar/fruir, conhecer e criar.

Mesmo diante de todos esses documentos norteadores para o “Programa Mais Educação” que traz como sugestão, procedimentos didáticos criativos e significativos para o trabalho com a leitura e a escrita nas atividades do programa, podemos perceber que ainda prevalece o ensino tradicional da leitura, nada contribuindo para o real sentido do texto literário, nas suas diversas funções e, que vem apenas repetir métodos e técnicas que só servem de pretexto para questões gramaticais, como a atividade descrita anteriormente.

## **5.2 Na escuta: a intervenção entre contos, recontos e dramatização radiofônica**

Após descrevermos a segunda categoria: “Formação do leitor literário”, em que constatamos a diversidade de obras lidas pelos alunos, como um bom repertório de leituras, na maioria pelos clássicos, seguiremos essa análise na terceira categoria: “intervenção”. Nesta categoria, procuraremos descrever, analisar e interpretar os dados construídos nas oficinas propostas e desenvolvidas pelo nosso plano de intervenção para a atividade de rádio e também para a de orientação de estudo e leitura do “Programa Mais Educação” (PME) da Escola Municipal Parque Piauí.

Ressaltamos que não focaremos todas as oficinas, mas aquelas do Circuito de leitura, que contemplem a recepção dos alunos com o texto literário nas suas diversas manifestações (verbais e audiovisuais). Nesse aspecto a opção do gênero fantástico nas narrativas terror e assombração e a expectativa para a contação de história pela leitura dramatizada no rádio faz um link com as práticas educacionais para a formação do leitor literário.

Procuramos, também, por meio da intervenção em práticas educacionais preencher as lacunas deixadas pelos métodos e técnicas observadas durante nossa estada *in loco* nas atividades de rádio e de orientação de estudo e leitura, na tentativa de contribuir com a formação do leitor literário em mediação com a mídia radiofônica.

Corroboramos com o entendimento de intervenção, no campo da comunicação, não como “intromissão”, mas na concepção já mencionada no capítulo metodológico desta pesquisa que Soares (2011, p. 43) entende como *pontes lançadas entre os sujeitos sociais e o mundo da mídia [...] da escola*, oferecendo um diálogo sobre um determinado âmbito da ação educacional.

Nesse sentido, procuramos implementar ações que contemplassem a manifestação estética e a produção criativa dos alunos por meio da leitura literária.

A oficina Circuitos de Leitura 2 foi desenvolvida no dia 17 de novembro de 2014, na qual teorizamos sobre as narrativas fantásticas, mas o principal foco foi incentivar a escuta e a produção de narrativas que envolvessem o “terror e a assombração”.

Inicialmente apresentamos algumas histórias audiovisuais: “A mulher do cemitério”, historietas assombradas e os contos populares: O boitatá, o Jurapari, o Ananias, dentre outros que manifestavam em seus temas: o medo, o mistério, a fantasia instigando os alunos à produção de contos e recontos durante a oficina.

Embora nossa perspectiva fosse o trabalho com o rádio, foi necessário como estratégia de aproximação e motivação, o uso do vídeo como recurso audiovisual. A tentativa inicial de utilização do recurso exclusivamente sonoro não produziu a motivação esperada e principalmente a concentração necessária para execução do trabalho apenas em mídia radiofônica.

Selecionamos para análise três produções escritas pelos alunos.

#### A MULA SEM CABEÇA

A1 aluna **Mercedinha**

*Era um vez um menino que estava dormindo e a mãe acordou e, disse: “Filho vai ver o que tá lá na porta”. O menino acordou e foi na porta. Ele disse para mãe que esta “tudo bem”... quando apareceu uma mula sem cabeça...o menino saiu correndo e gritando, não!*

*A Mula sem cabeça, apareceu!*

#### O HOMEM DO SACO

A2 aluno Manoel

*Era um vez um menino e seu irmão tinha um danado e o outro era quieto. A mãe brigava muito com os dois. Eles estavam passeando num carro para a escola e, na volta eles caíram no buraco, o danado ficou e, o quieto, foi saindo e conseguiu voltar para casa para pedir ajudar aos pais e quando os pais chegaram ajudaram o danado mas disse que se brigassem entregariam ao Homem do saco e cortariam a*

*sua cabeça...e entregaria ao Homem do saco.*

Nos trechos anteriores em que os títulos escolhidos pelos alunos para o reconto “*A mula sem cabeça*” e “*O homem do saco*” fazem parte de um rico repertório de narrativas populares do folclore brasileiro, constatamos a forte presença dessas narrativas repassadas por gerações pela oralidade, decorrente da memória coletiva de um povo.

Em nossas pesquisas encontramos várias versões para o “Homem do Saco,” algumas com o título: “O velho do saco”, a maioria classificada como lendas urbanas, porém todas tratando da mesma temática: “a desobediência infantil.”

No site “Gente que Educa” confirmamos essa temática ilustrada no trecho a seguir para essa história:

— O Homem do Saco pegou o Carlinhos. Eu já expliquei bem quem ele é, não expliquei? Um velho que anda com um saco nas costas para roubar crianças desobedientes e que andam sozinhas (grifo nosso). Se vocês não quiserem sumir também, é melhor obedecerem bem aos seus pais, entenderam?

Retornando à versão escrita pelo aluno **Manoel** constatamos a temática **desobediência infantil**, tendo como pano de fundo a **punição** do “irmão danado”, numa versão bem trágica: além de um dos filhos, o “menino danado”, ser entregue ao homem do saco, deveria ter a cabeça decapitada.

Em relação à produção da aluna **Mercedinha**, constitui-se da releitura de uma lenda folclórica muito conhecida de norte a sul do Brasil: “A mula sem cabeça”. De origem desconhecida, essa lenda faz parte da memória do povo brasileiro com forte teor do catolicismo, pois na maioria das versões toda mulher que namorasse um padre se transformaria num monstro e o encanto só se desfaz quando alguém corajoso conseguir retirar o freio de ferro do pescoço da mula, ou ainda, em outras versões se alguém tirar uma gota de sangue com uma madeira não usada.

Vejamos algumas versões para “A Mula sem cabeça” que encontramos nas nossas pesquisas.

**Nos pequenos povoados** ou cidades, onde existam casas rodeando uma igreja, em noites escuras, pode haver aparições da Mula-Sem-Cabeça. Também se diz que, se alguém passar correndo diante de uma cruz à meia-noite, a misteriosa entidade irá aparecer. **Dizem** que é uma mulher que namorou um padre e foi amaldiçoada. E a toda passagem da quinta para sexta feira ela vai numa encruzilhada e ali se transforma na besta. **E essa infeliz criatura**, tem por sina percorrer sete cidades ou povoados, ao longo daquela noite, sempre em carreira infernal, soltando relinchos e ruídos pavorosos. Se encontrar alguém no seu caminho, mata-o de coices, chupa seus olhos e come unhas e dedos.  
(Disponível em:

[http://sitededicadas.ne10.uol.com.br/folk\\_mula\\_sem\\_cabeca.htm](http://sitededicadas.ne10.uol.com.br/folk_mula_sem_cabeca.htm) )

Para o imaginário coletivo, a história da “Mula sem cabeça” é tão forte que encontramos na história uma caracterização minuciosa da personagem que leva a crer num encontro real do narrador com esse monstro. Vejamos:

É uma mula, de cor marrom ou preta; não apresenta cabeça no lugar apenas fogo; possui em seus cascos ferraduras que podem ser de aço ou prata; seu relincho é muito alto que pode ser ouvido por muitos metros e é comum gemer como um ser humano; ela costuma aparecer somente durante a noite, e principalmente quinta ou sexta-feira, principalmente se for noite de Lua Cheia.

Segundo a lenda existem duas maneiras de acabar com o encantamento que fez a mulher virar Mula-Sem-Cabeça, a primeira consiste em uma pessoa arrancar o cabresto que ela possui, a outra forma é furá-la tirando sangue (uma gota no mínimo, com um alfinete virgem que nunca foi usado). Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/mula>

Nesta versão não encontramos a conotação religiosa relativa à punição da mulher por namorar um padre, virando “A mula sem cabeça”. Ou seja, o objetivo dessa versão é caracterizar o personagem da história e, em nenhum momento faz relação com os aspectos do catolicismo como a citada punição por cometer um pecado.

Analisando a produção textual da aluna **Mercedinha**, observamos que em nenhum momento esta se refere às versões conhecidas. Percebemos que ela apenas utilizou-se do título criando uma nova versão para a lenda: sem caráter punitivo e, apenas com a finalidade de assombrar.

Essa história motivou muito os alunos nas oficinas “Circuito de leitura”, todos queriam contar sua versão por meio de desenhos, contando oralmente e por

meio de produção escrita. Porém, selecionamos aquelas consideradas mais interessantes.

A seguir, apresentamos outra versão que assim como a da aluna **Mercedinha**, diferente totalmente daquelas conhecidas e repassadas pela literatura oral. Na produção da aluna **Maria** não houve reconto, mas criação: produção de uma nova história para a “Mula sem cabeça”, preservando o mesmo título e o teor de punição com o tema: desobediência infantil. Transcrevemos a seguir:

A MULA SEM CABEÇA

A3 Aluna Maria

*Era uma vez, um filhote de uma égua muito gentil, mas a gente não pode dizer a mesma coisa do filhote dela. Ele se chamava de mulinha. Ele era tão danado que nem a mãe aguentava.*

*Um dia apareceu um bicho, ninguém sabia o que era... Esse bicho pegou um machado e cortou a cabeça da mulinha e depois queimou.*

*Nem a mãe o reconhecia... e todos o chamavam de Mula sem cabeça.*

*Ninguém chegava mais perto dele e um dia ele encontrou aquele bicho e disse:*

*- Por favor, me devolva a minha cabeça!!*

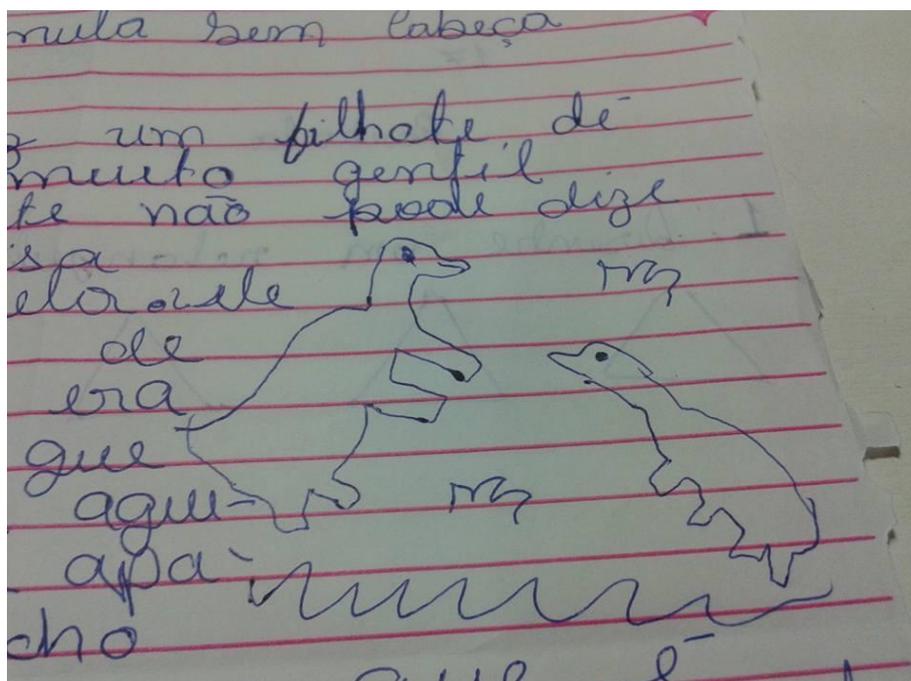
*O bicho disse:*

*Está bem, eu devolvo sua cabeça se você nunca mais fizer mal criação.*

*E... a mulinha nunca mais fez.*

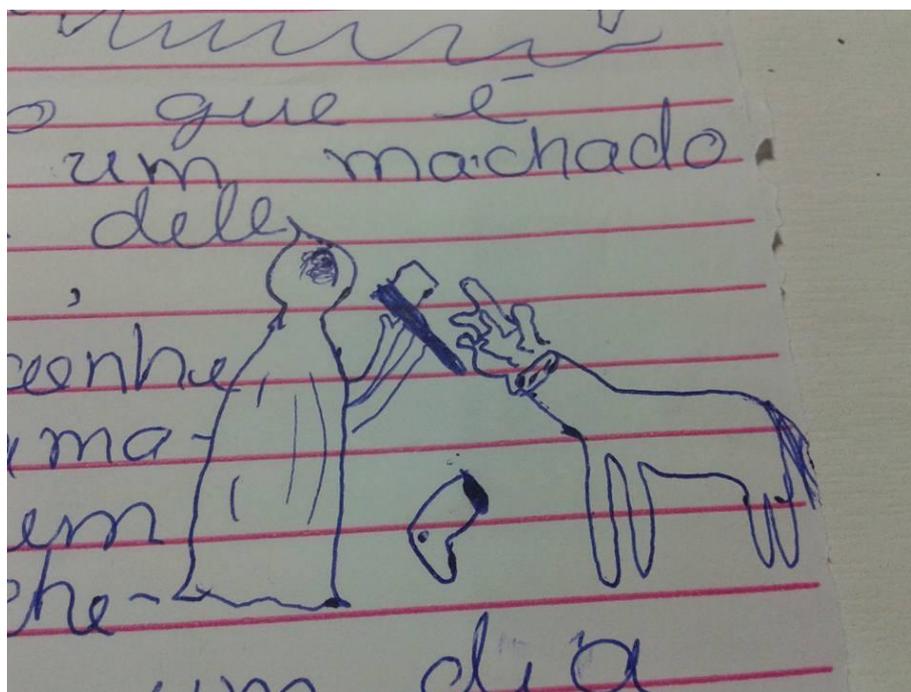
Interessante também que além de criar uma nova história, a aluna ilustrou sua produção com as personagens da sua história: a Mulinha e sua mãe (figura 01) e a presença de um ser assombroso que veio punir a mulinha de suas danças (figura 2).

Figura 1 – A mulinha e sua mãe



Fonte: produção do A3

Figura 2 - Presença de um ser assombroso que veio punir a mulinha de suas danças



Fonte: produção do A3

A seguir, outra produção: **A mulher sem cabeça que pedia parada**, contada pela aluna **Margarida**.

A MULHER SEM CABEÇA QUE PEDIA PARADA

A4 aluna Margarida

*Há mais ou menos um ano aconteceu um acidente terrível na PI 130, em Nazária. Nesse acidente duas mulheres perderam a cabeça. Com mais ou menos um mês depois, um motorista de um carro branco vem vindo na PI: ele avista uma bela moça pedindo parada. Ele para o carro e diz:*

*- Pode entrar moça.*

*Há uns 10 km depois, o homem olha pra traz e se assusta muito, pois a mulher estava sem cabeça.*

*[...] Um mês depois, o motorista do último ônibus da Transcol parou para uma mulher muito bonita que pedia parada, ele para, a mulher entra e senta na última cadeira do ônibus; mais ou menos vinte minutos, o motorista olha para trás e a mulher está sem cabeça. Ele acelera o ônibus já com muito medo. Ela, a mulher misteriosa, desaparece.*

Pesquisando sobre versões para essa narrativa encontramos uma versão com o mesmo tema: “A mulher bonita que pede carona”, como lenda urbana e com o título: “A mulher na estrada pedindo carona”, no site da revista Superinteressante, Eis o trecho da lenda urbana, descrita na revista.

*Em uma noite de nevoeiro, numa estrada cheia de curvas, um carro deu carona para uma mulher muito bonita que estava no acostamento. A mulher contou ao motorista que seu carro havia caído numa ribanceira com ela, o marido e seu filho, e eles precisavam de socorro. Imediatamente, as pessoas que tinham dado a carona desceram a ribanceira. Chegando ao local do acidente, encontraram no carro um homem e uma mulher já mortos e um bebê muito ferido. A mulher morta era a mesma pessoa que havia pedido carona. Seu espírito tinha ido em busca de socorro para salvar o filho. (Disponível em: <http://super.abril.com.br/comportamento/voce-acredita-em-tudo> acessado em 20.11.14)*

Tanto a versão descrita na revista, quanto a da aluna possuem a mesma temática: “a mulher misteriosa que pede carona.” É uma lenda urbana, dependendo da região, é recontada de várias maneiras e com diferentes personagens envolvidos, como relatos de taxistas que já deram carona a uma loira bonita e que ao chegar em frente ao cemitério pede parada. Enfim, contos, lendas urbanas povoam o imaginário coletivo e são repassadas pela oralidade.

Cascudo (1978) ao falar sobre literatura oral brasileira diz que ela reúne todas as manifestações da recreação popular, mantidas pela tradição, do termo: *traditio, tradere*, entregar, passar adiante; uma notícia que passa sucessivamente de uns aos outros, conservada em memória, ou por escrito.

Assim, verificamos que as produções são resultantes da leitura vivenciada por esses alunos a partir de contos populares contados e repassados por gerações, pertencentes à literatura oral do povo brasileiro e, que eles repassam contando, seja por meio de narrativa oral ou por produção escrita e em desenhos, como coletamos nas oficinas de Circuito de leitura, mas sempre com empolgação, no dizer de Cascudo em: “recreação popular” para também poder contar uma história.

Câmara Cascudo (2004) caracteriza os contos populares pela antiguidade: “velho na memória do povo”; anonimato: “anônimo em sua autoria”; divulgação: “divulgado em seu conhecimento” e persistência: nos repertórios orais.

Após diagnosticarmos a preferência dos alunos da atividade de rádio e orientação de estudo e leitura por lendas, contos populares, histórias que tivessem na sua trama o terror e a assombração desenvolvemos as oficinas de Circuito de leituras cujos objetivos foram:

- Promover a leitura literária por contos fantásticos, levando os alunos a identificar as características dos contos, na categoria terror e assombração;
- Selecionar as narrativas que melhor se adaptassem à linguagem radiofônica;
- Desenvolver a oralidade por meio da contação de história dramatizada no rádio.

Desse modo, selecionamos cerca de 15 livros na biblioteca da escola com a temática terror e assombração, bem como, contos avulsos pesquisados em sítios literários. As narrativas de terror e assombração mais apreciadas pelos alunos foram as seguintes:

- 1) **Maria Angula**, conto da tradição oral equatoriana, versão de Maria Gomes e Renan de La Torres
- 2) **O Defunto que devia e Dançando com o Morto**; versão de Ângela Lago
- 3) **Gaspar, eu caio**; versão de Ricardo Azevedo.

Explicamos nessas oficinas que iríamos pesquisar esses tipos de narrativas fantásticas focadas no terror e na assombração e em seguida faríamos não só leituras, mas contação de histórias para dramatizar no rádio. Concordamos com Pennac (1998, p.124), quando é incisivo ao dizer que *ler em voz alta não é suficiente, é preciso contar também [...] escutar, pois é bom ouvir uma história [...] nada melhor que abrir o apetite do leitor do que lhe dar uma boa orgia de leitura.*

Para isso, desenvolvemos oficinas de contação de história e leitura dramatizada nas quais discutimos sobre a importância e diferença entre “ler” e “contar histórias.”

Assim, utilizamos das técnicas de contar histórias sugeridas por Vânia Dohme (2010), em que primeiramente deve-se estudar toda a história, lendo atentamente para saber toda a trama; identificar os quatro elementos essenciais: introdução, enredo, ponto culminante e desfecho; focar e entender os personagens. A autora sugere que se deve anotar as características, nomes, fases essenciais, que chamam à atenção e caracterizam bem os personagens, narrador, contexto e situações narradas na história.

Outros pontos essenciais que procuramos focar nas narrativas estão centrados nos elementos da voz, tais como a “dicção”: as palavras devem ser bem pronunciadas; bem como o “volume”: deve-se ajustar conforme a situação; a “velocidade, tonalidade e vocabulário”, também foram discutidos nas oficinas, como preparo para a narração dos contos no rádio. Concordamos com Sisto (2007, p. 03) quando afirma que *não basta a boa intenção para fazer arte, referindo-se a arte de contar histórias, mas exige um preparo [...] ensaio em profundidade [...] técnica e emoção, repertório, exercício a longo prazo.*

Assim, nos meses de março a maio procedemos com muita leitura, seleção e adaptação dos textos dramatizados no rádio, etapa que denominamos de “radiocontação de história”. Segue abaixo os textos adaptados para o rádio com a seleção dos alunos como narrador e personagens.

Texto I

**MARIA ANGULA, conto da tradição oral equatoriana**

*“Para vocês, contos de assombrações!!*

*Você já ouviu falar de Maria Angula? Não!?! Pois, irão ouvir agora!!*

*(Aline) Maria Angula era uma menina alegre e viva, filha de um fazendeiro de Cayambe. Era louca por uma fofoca e vivia fazendo intrigas com os amigos para jogá-los uns contra os outros. Por isso tinha fama de leva-e-traz, linguaruda, e era chamada de moleca fofoqueira.*

*(Aline) Assim viveu Maria Angula até os dezesseis anos, dedicada a armar confusão entre os vizinhos, sem ter tempo para aprender a cuidar da casa e a preparar pratos saborosos.*

*(Aline) Quando Maria Angula se casou começaram seus problemas. No primeiro dia, o marido pediu-lhe que fizesse uma sopa de pão com miúdos, mas ela não tinha a menor ideia de como prepará-la.*

*(Aline) Queimando as mãos com uma mecha embebida em gordura, ascendeu o carvão e levou ao fogo um caldeirão com água, sal e colorau, mas não conseguiu sair disso: não fazia ideia de como continuar.*

*(Aline) Maria lembrou-se então de que na casa vizinha morava dona Mercedes, cozinheira de mão-cheia, e, sem pensar duas vezes, correu até lá.*

*(Lucia Maria) - Minha cara vizinha, por acaso a senhora sabe fazer sopa de pão com miúdos?*

*(Lourdes) - Claro, dona Maria. É assim: primeiro coloca-se o pão de molho em uma xícara de leite, depois se despeja este pão na panela e, antes que ferva, acrescentam-se os miúdos.*

*(Lúcia ) – Só isso?*

*(Lourdes ) - Só, vizinha.*

*(Lúcia) - Ah!?*

*(Aline) – disse, Maria Angula.*

*(Lúcia) – mas isso eu já sabia!*

*(Aline) - E voou para sua cozinha a fim de não esquecer a receita.*

*(Aline) No dia seguinte, como o marido lhe pediu que fizesse um ensopado de batatas com toicinho, a história se repetiu:*

*(Lúcia) - Dona Mercedes, a senhora sabe como se faz o ensopado de batatas com toicinho?*

*(Aline) E como da outra vez, tão logo a sua boa amiga lhe deu todas as explicações, Maria Angula exclamou:*

*(Lúcia) - Ah! É só? Mas isso eu já sabia!*

*(Aline) - E correu imediatamente para a casa a fim de prepará-lo.*

*(Aline) Como isso acontecia todas as manhãs, dona Mercedes acabou se enfezando. Maria Angula vinha sempre com a mesma história: “Ah é assim que se faz o arroz com carneiro? Mas isso eu já sabia! Ah, é assim que se prepara a dobradinha? Mas isso eu já sabia!” Por isso a mulher decidiu dar-lhe uma lição e, no dia seguinte...*

*(Lúcia) - Dona Mercedinha!*

*(Lourdes) - O que deseja, Dona Maria?*

*(Lúcia) - Nada, querida. Só que o meu marido quer comer no jantar caldo de tripas e bucho e eu...*

*(Lourdes) – Ah!, mas isso é fácil demais! – (Aline) Disse dona Mercedes. E antes que Maria Angula a interrompesse, continuou:*

*(Lourdes) - Veja: vá ao cemitério levando um facão bem afiado. Depois espere chegar o último defunto do dia, e sem que ninguém a veja, retire as tripas e o estômago dele. Ao chegar em casa, lave-os muito bem e cozinhe-os com água, sal e cebolas. Depois que ferver uns dez minutos, acrescente alguns grãos de amendoim e está pronto. É o prato mais saboroso que existe.*

*(Lucia) - Ah!*

*(Aline) – Disse.Maria Angula.*

*(Lucia)- É só? Mas isso eu já sabia!*

*(Aline) E, num piscar de olhos, estava ela no cemitério, esperando pela chegada do defunto mais fresquinho. Quando já não havia mais ninguém por perto, dirigiu-se em silêncio à tumba escolhida. Tirou a terra que cobria o caixão, levantou a tampa e...Ali estava o pavoroso semblante do defunto! Teve ímpetos de fugir, mas o próprio medo a deteve ali. Tremendo dos pés à cabeça, pegou o facão e cravou-o uma, duas, três vezes na barriga do finado e, com desespero,*

*arrancou-lhe as tripas e o estômago. Então voltou correndo para casa. Logo que conseguiu recuperar a calma, preparou a janta macabra que, sem saber, o marido comeu lambendo os beiços.*

*(Aline) Nessa mesma noite, enquanto Maria Angula e o marido dormiam, escutaram-se uns gemidos nas redondezas.*

*(Aline) Ela acordou sobressaltada. O vento zumbia misteriosamente nas janelas, sacudindo-as, e de fora vinham uns ruídos muito estranhos, de meter medo a qualquer um.*

*(Aline) De repente, Maria Angula começou a ouvir um rangido nas escadas. Eram os passos de alguém que subia em direção ao seu quarto, com um andar dificultoso e retumbante, e que se deteve diante da porta. Fez-se um minuto eterno de silêncio e logo depois Maria Angula viu o resplendor fosforescente de um fantasma. Um grito surdo e prolongado paralisou-a.*

*(Pablo) – Maria Angula, devolva minhas tripas e o meu estômago, que você roubou da santa sepultura!*

*(Aline) Maria Angula sentou-se na cama, horrorizada, e, com os olhos esbugalhados de tanto medo, viu a porta se abrir, empurrada lentamente por essa figura luminosa e descarnada.*

*(Aline) A mulher perdeu a fala. Ali, diante dela, estava o defunto, que avançava mostrando-lhe o seu semblante rígido e o seu ventre esvaziado.*

*(Pablo) - Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou da minha santa sepultura!*

*(Aline) Aterrorizada, escondeu-se debaixo das cobertas para não vê-lo, mas imediatamente sentiu umas mãos frias e ossudas puxarem-na pelas pernas e arrastarem-na gritando:*

*(Pablo) - Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou da minha santa sepultura!*

*(Aline) Quando Manuel acordou, não encontrou mais a esposa e, muito embora tenha procurado por ela em toda parte, jamais soube do seu paradeiro.*

*“Será que ela anda ainda correndo por ai? Ou...será que virou defunto? Mistéeriooooo!!!”*

Texto II

**“O DEFUNTO QUE DEVIA, de Angela Lago**

*E...uma história puxa outra:*

*Maria Angula devia? Era o defunto que deviaaaa!!!*

*(Aline) Em Bom Despacho tinha um moço que devia tanto e a tanta gente que sua vida virou um inferno. O tempo todo batiam na porta dele para cobrar. Até que uma noite ele não aguentou mais e decidiu se fingir de morto.*

*(Aline) Na manhã seguinte, quando os cobradores chegaram, encontraram o moço de olhos fechados, todo vestido de preto, quietinho, deitado em cima da mesa.*

*(Lourdes) - Coitado, perdeu mais do que qualquer um de nós*

*(Aline) – eles disseram, e foram embora.*

*(Aline) Mas um sapateiro muito sovina, a quem o moço devia um real, não quis saber de perdoar a dívida. Ficou na casa, à espera de parentes, para cobrar de quem pudesse.*

*(Aline) O moço lá, se fingindo de morto, e nada de parente nenhum chegar. Mesmo porque morto pobre não tem parente. Acontece que o sapateiro, além de pão-duro, era cabeça-dura, e não arredou o pé. Queria seu real.*

*(Aline) Escureceu, uns ladrões passaram por perto, viram a porta aberta, a casa em silêncio, e decidiram entrar. O sapateiro só teve tempo de se enfiar debaixo da mesa.*

*(Lúcia) - Eita defunto desgraçado, não tem uma alma velando por ele!*

*(Aline)– Comentaram os ladrões.*

*(Aline) E aproveitaram para dividir umas moedas que tinham roubado. Sobrou uma, e um ladrão propôs:*

*(Pablo) - A moeda é do primeiro que enfiar uma faca no peito do morto!*

*(Aline) O defunto reviveu na hora e desandou a gritar:*

*(Pablo) – Ui, ui, ui!*

*(Lourdes) – Ei, ei, ei!*

*(Aline) – O sapateiro escutou o morto gritando e, lá debaixo da mesa, também*

*desandou a berrar.*

*(Aline) Quando os ladrões viram o morto gritar e escutaram aquela voz responder, saíram em correria, deixando o dinheiro para trás.*

*(Aline) Já iam longe quando o mais valente deles, pensando e repensando nas lindas moedas, tratou de convencer os amigos a voltar.*

*(Pablo) - São duas almas penadas, mas nós somos três depenados.*

*(Aline) Voltaram. A essa altura o ex-morto já estava dividindo a fortuna com o sapateiro. Quando os ladrões chegaram perto da casa, escutaram o tilintar das moedas sendo repartidas e...*

*(Lúcia)- E o meu real? E o meu real?*

*(Aline) – Era a voz do sapateiro lembrando a dívida. – E o meu real?*

*(Pablo)- Ai, ai, ai! São muitas almas!*

*(Aline) – Gritaram os ladrões.*

*(Lourdes) – O dinheiro nem está dando!*

*(Aline) E desapareceram de vez, estrada afora.*

Texto III

**GASPAR, EU CAIO!, de Ricardo Azevedo**

(Emanuely) *Noite escura no mato. Estrada de terra sem vivaaalma. O vento gemendo pelos galhos e as nuvens passando nervosas, querendo chover.*

(Emanuely) *Um homem vem vindo lá longe. Devagarinho. Sem lua nem estrela para iluminar a viagem.*

(Emanuely) *Vem de sacola pendurada no ombro e, na mão, um pau de matar cobra.*

(Emanuely ) *Trovoada. Os pingos da chuva principiam a cair. O viajante aperta o passa. Na curva, dá com uma casa abandonada. Cai um raio de despedaçar árvore. A chuva aperta. Na porta da tapera tem uma cruz desenhada. O homem não quer saber de nada. Mete o pé na porta e entra.*

(Emanuely) *Dentro, um pouco de tudo. Pedações de mobília, tigelas, troços e trecos jogados no escuro.*

(Emanuely ) *O viajante faz fogo.*

(Emanuely) *Agachado, tira um pedaço de carne da sacola e bota para assar. Está morto de fome. Deita no chão e solta o corpo, esperando a comida ficar pronta.*

(Emanuely ) *A chuva vai minguando. O mato fica quieto.*

(Emanuely) *De repente, o telhado range. De lá de cima, um gemido rabisca o ar:*

(Yohany e Emily ) - *Gaspar!*

(Emanuely) *O homem estremece. Aperta os dentes. A luz do fogo é fraca. Não dá para ver nada.*

(Emanuely) *A voz chama e chama.*

(Yohana e Emily)- *Gaspar!*

(Emanuely) *Já passa da meia noite. Quem será? A voz insiste:*

(Yohana e Emily) - *Gaspar!*

(Emanuely) *O viajante pensa em fugir. Mas, e a carne? E o frio? E a chuva ameaçando cair? Encolhido num canto, o homem arrisca:*

(Yasminn ) -*Quem está aí?*

(Emanuely ) *A voz, no telhado, continua grossa:*

(Yohany e Emily)- *Gaspar!*

(Emanuely)- *Quem está aí?*

*(Yohana e Emily)- Gaspar!*

*( Yasmin)- Quem está aí?(GABRIELE) - pergunta o homem.*

*(Emanuely ) A voz então diz:*

*(Yohana e Emily)- Gaspar... Eu caio!*

*(Yasmin)- Pois caia!*

*(Emanuely) – responde o viajante.*

*(Emanuely ) -Estrondo. Espanto. Uma coisa despenca lá de cima - catapram – e cai no chão.*

*(Emanuely) Os olhos do homem crescem de pavor.*

*(Emanuely) É um pé. A ossada de um pé. E vem com os dedos mexendo!*

*(Emanuely) A voz bóia no ar:*

*(Yohana e Emily) - Gaspar!*

*(Emanuely) O homem treme.*

*(Yohana e Emily) - Eu caio!*

*(Yasmin) - Pois caia! (Gabriele) – grita o homem de novo.*

*(Emanuely) Catapram. Vem outro pé. Cai e vai se arrastando para junto do primeiro.*

*(Yohana e Emily) - Gaspar!*

*(Emanuely) O viajante respira curto. A cada resposta sua, desabam do forro pernas, coxas, tronco, braços e mãos de um esqueleto que vai se formando no chão.*

*(Emanuely) O esqueleto começa a dançar.*

*(Emanuely) A luz do fogo desenha sombras estranhas no casebre.*

*(Yohana e Emily) - Gaspar! - Gaspar! - Gaspar!*

*(Emanuely) A voz grossa voa cada vez mais alto.*

*(Emanuely )- Eu caio!*

*(Yasmin) - Pois caia! (Emanuely) – Berra o viajante, sentindo sua hora chegar.*

*(Emanuely) E então – ploct – uma cabeça cai lá do alto.*

*(Emanuely)Meio de medo, meio de raiva, o homem chuta a caveira longe.*

*(Emanuely)O corpo desencarnado fica zangado. Pára a dança, agacha e, cuidadoso, enfia o crânio no pescoço. Depois, lambuzo a carne que assa no fogo com seu cuspe escuro.*

*(Emanuely) O sangue do viajante ferve. Estava morto de fome. A carne era tudo o que havia para comer. O homem cata o pau de matar cobra.*

*(Yasmin) - Para mim chega! (Emanuely ) – De olhos fechados, mergulha sobre o*

*esqueleto dando soco e pancada. O morto gargalha. Os dois rolam atracados pelo chão da tapera.*

*(Emanuely) A luta vara a noite. O homem bate, chora e sangra. O esqueleto range os dentes.*

*(Emanuely) Os dois quebram tudo, apagam o fogo com o corpo e vão parar do lado de fora, rugindo na lama.*

*(Emanuely) O tempo passa. Um golpe seco estala no mato. Silêncio.*

*(Emanuely) O morto suspira e cai.*

*(Emanuely) O viajante continua de pé, vitorioso. Passa o braço machucado sobre o rosto.*

*(Emanuely) Do chão, a caveira pede para o homem cavar um buraco no pé de uma árvore.*

*(Emanuely) O homem responde:*

*( Yasmin) - Nem nunca!*

*(Emanuely) Em seguida, vai até a árvore e trepa num galho bem alto.*

*(Emanuely) Abatido, o esqueleto pega e cavuca ele mesmo. Tira do buraco fundo um tacho cheio de ouro e prata. Depois olhando para o homem pendurado na árvore, solta um gemido e some no vento.*

*(Emanuely) O viajante fica onde está. Manhã nascendo no mato. Seu peito mexe com força, indo e vindo. Olha as mãos sujas de sangue. Estrada de terra sem vivalma. A roupa rasgada. O suor. O sol avermelhado sopra a brisa quente entre as folhagens. O homem sente o corpo doído e leve. Olha a tapera. Tem vontade de rir, cantar, conversar com alguém. Salta aliviado do galho, junta as coisas se vai embora.*

Texto IV

**DANÇANDO COM O MORTO, de Angela Lago**

(Adriana ) E... “quem não se comunica, se trumbica,”já dizia o grande comunicador Chacrinha...

Uma história assombrosa puxa outra...

E, com vocês, Nossos Radiocontadores Mirins, em:

*Dançando com o morto, de Angela Lago.*

(Yohane) A viúva estava na cozinha com o filho, contando o dinheiro que tinha encontrado debaixo do colchão, quando o marido, falecido fazia meses, apareceu e veio sentar-se à mesa com eles. A mulher e não se intimidou:

(Emily) - O que é que você está fazendo aqui, seu miserável?! Me dá paz! Você está morto! Trate de voltar para debaixo da terra.

(Kelvin) - Nem pensar

(Yohane) - Disse o morto.

(Kelvin)- Estou me sentindo vivo.

(Yohane) A mulher mandou o filho buscar um espelho. Entregou ao morto para que ele visse a sua cara de cadáver.

(Kelvin)- É... estou abatido.

(Kelvin)- Deve ser falta de exercício.

(Yohane) – Disse o falecido.

(Yohane) E mandou o filho buscar a sanfona, e convidou a mulher para dançar. Ela, é claro, não quis saber de dançar com o defunto, que cheirava pior que gambá.

(Yohane) O morto nem ligou. Começou a dançar sozinho. De repente a mulher viu que um dedo dele estava caindo, e ordenou:

(Emily) - Toca mais rápido, menino!

(Yohane) Assim que o ritmo se acelerou, caiu outro pedaço.

(Emily)- Mais depressa, que eu também vou dançar.

(Yohane) - ela resolveu.

(Yohane) E começou a requebrar e saltar e jogar a perna para o alto e balançar a saia.

(Yohane) O marido, animado, tratava de acompanhar as piruetas da mulher, e

*enquanto isso o corpo dele desmoronava. Até que só ficou a caveira pulando no chão, batendo o queixo. A mulher caprichou uma pirueta, a caveira imitou e o queixo desmontou. Pronto.*

*(Yohane) Mais que depressa, a mulher mandou o filho buscar um baú para guardar os pedaços do marido:*

*(Emily)- Põe tudo que é dele, filho. Tudo. Que eu vou procurar uns pregos e um martelo.*

*(Yohane) Dali a pouco ela voltou e caprichou nas marteladas, para eu o morto nunca mais escapulisse.*

*Enterraram o defunto de novo. Depois jogaram bastante cimento em cima.*

*(Yohane) Só no dia seguinte a viúva lembrou do dinheiro do marido, que ela tinha deixado em cima da mesa.*

*(Emily)- Cadê!?!*

*(Yasmin ) - Uai, mãe! Não era para guardar no baú tudo que fosse dele?*

Em relação a esses textos, fizemos algumas adaptações nas narrativas, principalmente em relação ao vocabulário de algumas palavras, no conto da “Maria Angula”, nas seguintes passagens: “despeja-se este pão *no cavalo*”, trocamos a palavra *cavalo*, por *panela*. Em vez de “De súbito, Maria Angula ouviu uns passos na escada” alteramos a palavra “Súbito”, por “de repente”, tudo para deixar o vocabulário mais simples, mas sem alterar o sentido do texto.

No decorrer do ensaio para leitura dramatizada, os alunos foram brincando com o vocabulário, alterando palavras consideradas por eles de difícil compreensão por palavras mais simples, sem comprometer o sentido. Houve a criação de uma chamada, uma espécie de bordão (segundo a enciclopédia eletrônica Wikipédia, o termo “bordão” trata-se de uma expressão comumente repetida por alguém, ou algo, em uma determinada situação) criado pela aluna Aline para os radiocontos “Maria Angula” e o “Defunto que devia”. Assim, descreveremos:

*Para vocês, contos de assombrações!!*

*Você já ouviu falar de Maria Angula? Não!? Pois, irão ouvir agora!!*

*Será que ela anda ainda correndo por ai? Ou...será que virou defunto?  
Mistéeriooooo!!!*

(Trecho inicial para o radioconto *Maria Angula.*)

E, para o conto “O defunto que devia,” a aluna assim criou o bordão:  
*Maria Angula devia...era o defunto que devia.*

Juntos, pesquisadora, alunos e uma das monitoras de rádio, criamos para introdução do “Dançando com o morto”, a seguinte chamada:

*E... Quem não se comunica, se trumbica,”já dizia o grande comunicador Chacrinha... Uma história assombrosa puxa outra...*

*E, com vocês, Nossos Radiocontadores Mirins, em:*

*Dançando com o morto, versão de Angela Lago!*

A contação de histórias no rádio seguiu os mesmos recursos utilizados para uma radionovela, sendo a voz o principal recurso. Para isso, tivemos que selecionar os alunos de acordo com a recepção que tiveram com o texto: performance de voz, a forma como liam dramatizando os contos, a expectativa, a aceitação e a motivação para participar da radiodramatização, tudo isso foi observado.

Tratando ainda de narrativas fantásticas, com foco no terror e assombração, marcamos algumas passagens nos textos que deveriam dá maior impacto, ênfase e, em alguns momentos, a técnica do “uso do silêncio”, conforme sugerido por Dohme (2010) como recurso de pausar, em determinados momentos, para dá sensação de suspense e, conseqüentemente valorizar o que deveria ser falado em seguida.

Outro critério considerado para a seleção dos alunos na etapa de “radiocontação de história” está relacionado à boa dicção, a capacidade de interpretação dramática utilizando-se da voz.

Ficamos atentos à mudança de voz de um personagem para outro, e procuramos mostrar aos alunos os cuidados na entonação, diferenciado de um personagem para outro, para não haver mudança no decorrer da narração.

A interação entre os alunos participantes foi outro fator que consideramos, logo, dividimos os oito alunos em dois grupos de quatro, cada um

com dois textos em que podemos constatar o bom desempenho para fazer a melhor contação de história no rádio.

Soares (2011) ao falar de projetos comunicativos em educomunicação sugere a forma colaborativa nos trabalhos com mídia, que possa criar no aluno o gosto pela formação recebida, gerando o desejo de ver tais projetos difundidos e multiplicados.

Em relação à gravação nos estúdios, edição e sonoplastia contamos com a ajuda dos radialistas da Rádio Universitária da UFPI pondo em prática a interação entre a educação básica e o ensino superior, como elo importante da dimensão extensionista pois trata-se de uma Rádio Escola Universitária em que a maioria dos profissionais envolvidos são alunos do curso de Comunicação social /Jornalismo, oportunizando uma troca de saberes entre os alunos da atividade de rádio do “Programa Mais Educação” da Escola Municipal Parque Piauí e os alunos estagiários do curso de radialismo da UFPI.

### **5.3 No ar: os radiocontadores de história mirim**

Inicialmente esse estudo foi desenvolvido com 30 alunos participantes das atividades de “Orientação de estudo e leitura”; e de “rádio escolar” do “Programa Mais Educação” na fase de diagnóstico. Após essa fase selecionamos 15 alunos para as oficinas do plano de intervenção, focados na leitura literária, formação do leitor e educomunicação / rádio escolar, e finalizamos para a etapa de Radiocontação de História com 8 alunos, os quais denominamos de “Radiocontadores de História.”

Essa seleção deu-se por esses alunos demonstrarem interesse, compromisso, assiduidade e desempenho durante todas as oficinas propostas para o plano de intervenção, e, além de tudo, boa performance na arte de narrar e contar histórias para o rádio.

Transcreveremos alguns trechos de gravação em vídeo de depoimentos desses alunos que denominamos de “Radiocontadores de história”, diante dos seguintes questionamentos:

**Quem é você?**

**Por que participa do Projeto?**

**O que mais gosta do Projeto?**

**Qual a importância da rádio para a escola?**

**O que gostam de ler?**

**E sobre a contação da história na rádio, o que acham?**

**Quais as expectativas para a continuidade de projetos na rádio escolar?**

Eu sou Aline participo do Projeto Mais Educação [...] nós somos da rádio escolar eu sou a narradora dos textos, gosto muito do projeto porque ele incentiva a ler, ajuda até nas matérias de Português assim para ler [...]. Por isso, eu gosto muito disso.”

Eu sou Lúcia Maria....estou no rádio porque eu gosto de ler. O que mais gosto desse projeto é a leitura [...] o que mais aprendi com o projeto foi ler corretamente. Gosto de ler fábulas [...] a rádio escola é importante para a notícia, música, para contar histórias.

Eu sou Maria de Lourdes...gosto de radio para ouvir música, notícia [...] o projeto melhorou na minha leitura [...] gosto de ler contos de assombração... eu sou a Maria Angula na história [...] ela é fofoqueira...gosto de ser a Maria Angula [...] com o projeto a gente aprende a ler mais.

Eu sou o Pablo faço parte do projeto da rádio, do judô, do Mais Educação [...] gosto das histórias de contos assombrosos, mas eu acho que são histórias para brincar com o medo...das histórias da Maria Angula eu sou o morto e o Marido Manoel [...] o projeto é muito bom para aprender a ler, incentiva a ler leituras variadas [...] costume vir à biblioteca [...] já li “Julieta”, “Onde tem fadas tem bruxa”, “Os pequenos guardiões” e tem mais outros que esqueci [...] Após o projeto vamos ensinar as outras crianças a treinar a leitura a contar histórias aqui na rádio da escola.

Eu sou Kelvin e participo do “Programa Mais Educação” nas atividades de rádio e “fazendo tarefas” e só...Acho que deve melhorar o material de rádio na escola, e levar a gente lá...acho bom o projeto de contação de histórias assombrosas no rádio...faz com que entendemos mais sobre elas.Eu participo dos contos “Gaspar, eu caio” e “Dançando com o morto”...sou o filho e o morto.

Meu nome é Yasmin eu faço parte da rádio e do judô do “Programa Mais Educação” da escola Parque Piauí... sobre o projeto eu acho muito bom... me ajuda a entender mais a leitura...eu consigo ler mais e gosto de contos de terror... eu faço parte do dançando com o morto e Gaspar eu caio... sou o viajante.

Eu sou Yohana, do 7º ano estudo na escola municipal Parque Piauí e faço parte das atividade de violão e rádio. Eu acho interessante as leituras e a gravação...eu não conhecia uma rádio e achei interessante conhecer e gravar na rádio da Universidade Federal do Piauí..achei interessante

tudo...o estúdio da rádio...o projeto me fez a gostar de ler e escrever mais...  
O objetivo é contar histórias de assombração, mas não é fazer medo...é incentivar a leitura.

Eu sou Emanuelle tenho 12 anos, faço o 7º ano e faço parte da rádio, do violão e do judô. A rádio tá sendo desenvolvida com a contação de histórias de terror e assombração e pra contar causar susto, espanto com emoção boa...eu mais gosto desse projeto melhorou a leitura e a timidez...

Eu sou Emily e faço parte do projeto da rádio...o projeto funciona bem...aprendi muitas coisas...gosto de ler gibis..aprendi a ler a escrever...gosto de contos do projeto, de terror...sou no Dançando com o morto, a viúva e no Gaspar... eu sou o morto...

Com esses depoimentos, percebemos a empolgação e boa aceitação dos alunos para participar do projeto de contação de história para o rádio e, em comum, nos discursos, a relação feita por eles do projeto com êxito na prática de leitura e formação do leitor, ao afirmarem que o projeto *“incentivou a leitura, aprenderam a ler mais, melhorou nas outras matérias, levou a gostar de ler mais, “acabou com a timidez”*.

No terceiro depoimento, da aluna Lourdes, verificamos a relação que a aluna estabelece com o personagem literário, quando ela diz: *“Eu sou a Maria Angula da história”*, de acordo com Iser (1991, apud AMARILHA, 2006, p. 53) *essa relação como resposta estética coloca em jogo as faculdades imaginativas e perceptivas do leitor*, no caso a aluna a que nos referimos, ter de certa forma, incorporado a Maria Angula da história.

O depoimento de Kelvin retoma a problemática apontada por nossa pesquisa sobre as instalações ociosas da rádio escola do PME na Escola Parque Piauí ao afirmar: *Acho que deve melhorar o material de rádio na escola*, ou seja, o “material” referido pelo aluno denota o problema das instalações ociosas no espaço físico da rádio (uma mesa de som velha empoeirada, microfones e caixa de som guardados na direção, bem como outros equipamentos novos que chegaram do MEC).

Outra passagem também nos chama a atenção ao afirmar: [...] *e levar a gente lá”* demonstrou a expectativa do aluno em poder participar das aulas práticas de rádio, e não só teórica, dando oportunidade à voz do aluno em práticas comunicativas que promovam o protagonismo juvenil.

Esses depoimentos nos levam a compreender a relação da leitura com as experiências vivenciadas e a atribuição de sentidos que o aluno faz sobre o texto literário.

Na fala do aluno Pablo apresenta-se outro aspecto relevante para o entendimento das narrativas focadas no gênero fantástico, no terror e assombração quando este diz gostar *das histórias de contos assombrosos*; completando com a *passagem: mas eu acho que são histórias para brincar com o medo*. Interessante como o aluno definiu as histórias de assombração relacionando o medo com o lúdico, proporcionado pela literatura como arte da palavra.

Desde o início fizemos questão de enfatizar sobre o que eram as histórias de assombração na literatura e, que a opção por essas narrativas em nenhum momento era fazer medo, aterrorizar, mas estudar, discutir sobre as características do texto literário, no gênero fantástico, e mais ainda, fomentar a leitura literária e a formação do aluno leitor ao gosto pela leitura.

Sobre o medo, Lovecraft (1978) diz ser a emoção mais forte e antiga do homem e a literatura fantástica utiliza-se do medo como emoção para instigar a fantasia, a imaginação em coisas fantasmagóricas e sobrenaturais, tais como a história da “Maria Angula” e as demais selecionadas para a radiocontação de histórias.

O relato não só do aluno Pablo, mas das outras alunas nos levam ao entendimento sobre a função do texto literário, bem como a importância do preparo para a leitura, ou seja, fazer várias leituras para uma boa performance na narração de uma história.

Diante do exposto, podemos afirmar que os alunos experienciaram bem as oficinas propostas no plano de intervenção, especificamente as de Circuito de leitura, com uma boa recepção das narrativas de terror e assombração e a excelente performance na arte de narrar, por meio da contação de histórias para o rádio, fato este que nos motivou a organizar o CD intitulado Radiocontação de Histórias: contos da tradição oral de arrepiar. Neste suporte foram gravados 4 faixas de radiocontos<sup>2</sup> narrados pelos “Radiocontadores de história” da atividade de rádio do Programa

---

<sup>2</sup> Denominamos de radiocontos os contos após dramatizados e gravados nos estúdio da rádio.

“Mais Educação”, da Escola municipal Parque Piauí, resultado das oficinas do plano de intervenção, especificamente das oficinas 07, 08 e 09.

O CD Radiocontação de histórias organizou-se por radiocontos, em faixas na seguinte forma: radioconto 1, **Dançando com o morto**; 2, **Maria Angula**; 3, **O defunto** que devia e, por último, **Gaspar, eu caio!**, todos do repertório da tradição oral, nas versões de autores de literatura infanto-juvenil brasileira, sendo eles: Ângela Lago ( Dançando com o morto e O defunto que devia), Ricardo Azevedo (Gaspar, eu caio!) e Jorge Renán de La Torre (Maria Angula), que procuramos adaptar para a dramatização no rádio antes mesmo da etapa de gravação em estúdio.

Retomando a etapa de gravação, já detalhada na oficina 09, tivemos a colaboração técnica da rádio UFPI para gravação, edição e sonoplastia. Todo o processo foi acompanhado pela pesquisadora, alunos, as monitoras da atividade rádio e de orientação de estudo e leitura, bem como com a participação da contadora de história (colaboradora da Fundação Monsenhor Chaves), já relatada no plano de intervenção.

Como produto didático resultado do plano de intervenção aplicado, o CD “Radiocontação de Histórias: contos da tradição oral de arrepiar” possibilitou o trabalho didático da leitura com vista a formação do leitor, não só para divulgação de contos populares da tradição oral, mas na interface comunicação e educação na área da “expressão comunicativa” dos sujeitos, focados nas habilidades criadores e criativas dos sujeitos envolvidos através das artes.

Não é nossa pretensão com esse trabalho, apontar “receitas prontas” para o tratamento didático do ensino da leitura literária para a formação do leitor em interface educação e comunicação, mas sugerimos que amplie o nosso plano de intervenção, especificamente nas oficinas Circuito de leitura por meio de estratégias com o texto literário em mediação: professor – aluno – texto literário para a contação de histórias para a formação do leitor pelo e para o rádio, bem como, por outras linguagens midiáticas como a cinematográfica, entre outras.

Entendemos como, de suma importância, a mediação pedagógica do professor no tratamento didático da leitura literária: ler em voz alta para os alunos; demonstrar empolgação para não só ler, mas para contar histórias; relacionar os contos a outros sistemas semióticos da linguagem: nas diversas expressões artísticas: plásticas, musicais, fotográfica, cinematográfica e, dramática. Enfim,

planejar diferentes situações de comunicação que possibilitem a capacidade expressiva do aluno nos usos e formas da língua oral e escrita, para as diversas habilidades da fala, escrita e escuta do texto literário.

Antes de tudo, o ato de contar histórias para o rádio exige do professor planejamento prévio: selecionar os contos que serão narrados; preparar e adaptar as histórias sem fugir da essência do texto; dominar os recursos do corpo e da voz (entender que o corpo e a voz constituem recursos imprescindíveis para o ato de contar histórias:( entoação, gestos, voz, memória, pausas, silêncio), como também, os recursos técnicos que serão utilizados na mídia radiofônica: gravação, edição e sonoplastia.

O CD Radiocontação foi o primeiro passo para a criação de uma radioteca de Contação de Histórias para a Rádio “Mais Educação” na Escola Municipal Parque Piauí, a qual dará suporte às aulas de leitura para a formação do leitor literário. Como sugestão de aplicação metodológica, o professor da atividade Rádio e de Orientação de estudo e leitura do programa “Mais Educação” poderá propor aos alunos a criação de novos contos (escrita criativa), atividades de recontos e adaptação de contos, atividades que venham ampliar o universo cultural do aluno leitor não só na promoção e divulgação da literatura oral, mas sobretudo para a formação do leitor crítico, criativo e participativo no macrocampo Comunicação, uso das mídias e cultura digital e tecnológica.

## CONCLUSÃO

Acreditamos que uma rádio escolar pode promover o protagonismo juvenil, dando, assim, “vez e voz” ao aluno, tanto no que concerne à recepção crítica das diferentes mídias, especificamente do rádio, como no que se refere ao desenvolvimento do potencial comunicativo e criativo desse aluno. Para tanto, deve ser implantada e implementada em práticas educomunicativas alicerçadas por um conjunto de ações que fomentem a criação de “ecossistemas comunicativos” em mediação pedagógica (e em diálogo com a gestão escolar, docentes, discentes e comunidade escolar) e nas interfaces que envolvem leitura literária para a formação do aluno leitor.

Nessa perspectiva é que este estudo objetivou compreender o processo de formação do leitor literário nas atividades de rádio escolar por meio de contação de histórias envolvendo narrativas de terror e assombração. Mais especificamente, procurou entender o processo de formação do leitor literário, a partir da contação de histórias e da leitura radiodramatizada, com a utilização da mídia radiofônica. Como ação necessária a esse objetivo, analisou o funcionamento de uma rádio escolar implantada pelo Programa Mais Educação, em interface educomunicação e a formação do leitor literário, e realizou uma intervenção envolvendo contos de terror e assombração, por meio da rádio escolar do Programa Mais Educação.

Entre as problemáticas observadas antes mesmo da nossa entrada no Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), quando membro da equipe de supervisão do Programa Ensino Médio Inovador (PROEMI) pela SEDUC-PI (na 18ª Gerência Regional de Educação), constatamos as dificuldades das escolas em aderir a tais programas federais, como o PROEMI e o PME, no quesito “uso das mídias”, muitas delas voltados para a implantação e implementação de rádios escolas.

Também as inquietações como professora de língua portuguesa da educação básica relacionadas ao ensino da leitura seja ela literária ou em outras linguagens, e o desafio de formar aluno leitor é que nos motivou para nesta pesquisa, propor a seguinte questão: “Como formar leitor literário, envolvendo uma turma do ensino fundamental, de 6º ao 9º ano, participantes da atividade de rádio escolar do “Programa Mais Educação”?

Assim, procuramos direcionar o nosso olhar para a atividade de rádio do “Programa Mais Educação” na Escola Municipal Parque Piauí em que, no percurso da coleta e análise de dados, os resultados nos apontaram para a necessidade de desenvolvimento de um plano de intervenção na tríade educomunicação – mídia radiofônica – formação do leitor literário. Desse modo, aplicamos o plano e analisamos a nossa intervenção.

Ressaltamos que a nossa proposta de intervenção está inserida na forma de mediação pela educomunicação, especificamente, nas áreas de “educação para a comunicação” que, conforme Soares (2011) se volta tanto para a implementação de programas de recepção pedagogicamente organizados (*media educacion, educacion em médios*), como para a área da “expressão comunicativa através das artes”, focada no potencial criativo e emancipador nas diversas manifestações artísticas, aqui proposto pela arte de contar histórias pelo e para o rádio.

Corroboramos com Soares (2011, p. 49) ao explicar que as intervenções em educomunicação *são, sobretudo pontes lançadas sobre os sujeitos sociais e o mundo da mídia* e não uma mera “intromissão” da nossa participação na atividade de rádio do “Programa Mais Educação” da Escola Municipal Parque Piauí.

Nesse sentido, procuramos desenvolver um plano de intervenção norteado pela teoria educucomunicativa em interface com a formação do leitor literário e a rádio escolar. No decorrer das nossas leituras e observações alguns questionamentos foram surgindo, entre eles: **“Como vinham sendo desenvolvidas a atividade de rádio no “Programa Mais Educação” da Escola Municipal Parque Piauí? Essa atividade era norteada pelas práticas educucomunicativas? Qual a relação da atividade de rádio do PME para a formação do leitor literário?”**

Na análise constatamos a inexistência de práticas educucomunicativas nas atividades de rádio dessa escola, não só pelo fato de a rádio da escola encontrar-se desativada, mas, principalmente, por as monitoras da atividade de rádio não terem conhecimento teórico-prático sobre o uso das mídias na perspectiva da educomunicação.

Ressaltamos que das duas monitoras para atividade de rádio, apenas uma possuía formação técnica em radialismo e, mesmo assim, não tinha conhecimento das teorias da educomunicação. A outra tinha formação em biologia, e apesar de pertencer a uma formação diferente, observamos o bom empenho e

compromisso, bem como o interesse em poder contribuir com nossa proposta de intervenção em prática educacional.

Porém, muito nos preocupa a forma de seleção desses professores/monitores para o “Programa Mais Educação”, especificamente no tocante às atividades pertencentes ao macrocampo “Comunicação e uso de mídias”, como é o caso da rádio escolar.

O manual operacional do “Programa Mais Educação” coloca como sugestão para as escolas a criação e o fortalecimento de “ecossistemas comunicativos”, ou seja, propõe o trabalho com as mídias e as novas tecnologias no trabalho colaborativo entre gestão, aluno e professor. Também os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), na parte introdutória para o ensino fundamental, evidencia a importância de se trabalhar na escola com as mídias, especificamente o rádio e a televisão, conduzindo a leitura crítica e reflexiva dos meios.

Nessa perspectiva, entendemos como de suma importância a formação docente, seja por cursos de especialização, de formação continuada ou mesmo por cursos de curta duração dentro da escola para o uso das mídias e das Novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs), alicerçada pela educação e, mais ainda, atentando para a criação de ecossistemas comunicativos abertos, flexíveis e dialógicos.

Focamos o termo “dentro da escola” porque sabemos da existência dos Núcleos de Tecnologia Educacional (NTEs), através do Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo/MEC), que contam com técnicos e professores especializados para assessorar as escolas públicas no tocante à formação pedagógica para a utilização das mídias e NTICs, porém, não verificamos na escola pesquisada nenhuma relação do NTE com a atividade de rádio do “Programa Mais Educação”.

Além das problemáticas já elencadas – aulas teóricas para a atividade de rádio de forma descontextualizada e sem vínculo teórico com a educação, instalações físicas ociosas – merece destaque, como problemática, o atraso do equipamento para o início da atividade de rádio para as aulas práticas, fato este que dificulta o trabalho em práticas educacionais para a rádio escolar.

Nesse ínterim, observamos o contrassenso entre disponibilizar o material para implantar uma atividade de rádio escolar e a lacuna no tocante à formação em práticas educacionais para o uso dessa mídia no “Programa Mais Educação”.

Na relação da atividade de rádio na escola municipal Parque Piauí com a formação do leitor literário, como já exposto na análise, a atividade funcionou apenas com aulas teóricas e, por conteúdos técnicos da linguagem radiofônica e, em nenhum momento, os conteúdos se relacionavam com o texto literário.

Por isso é que defendemos a denominada área de intervenção em ação educacional na área da “expressão comunicativa através das artes” que proporciona a criação, produção e manifestação estética por meio da arte nas relações com outras disciplinas, na qual nossa proposta está inserida caracterizada como formação do leitor literário pela arte da contação de histórias pelo e para o rádio.

Quando selecionamos o trabalho com essa área de intervenção, entendemos e comungamos com os preceitos educacionais em não só considerar a mídia radiofônica como um mero instrumento didático a mais na escola, nem somente como a leitura crítica desse meio, mas como um meio de expressão e produção cultural.

Nesse sentido, as oficinas de “Circuito de leitura” buscaram promover o protagonismo juvenil ao dar oportunidade à “voz e à vez” do aluno no contato com leitura literária por meio de contos populares. Uma vez que os dados sinalizaram a ausência de alunos e monitores do “Programa Mais Educação” na biblioteca, como também o interesse dos alunos por contos populares como lendas, causos de assombração etc.

Entendemos que um dos “gargalos” para toda essa problemática encontra-se nas formas de mediação, de como a escola vem tratando a questão do ensino com as novas tecnologias e as mídias. Fato este constatado nas nossas observações no tocante às atividades do “Programa Mais Educação”, não só na mediação pedagógica dos sujeitos, mas também na mediação tecnológica.

Como nossa proposta envolveu tanto alunos na atividade de rádio, quanto na atividade de orientação de estudo e leitura, observamos nesta última uma espécie de reforço escolar de língua portuguesa no contraturno, por meio de atividades de leitura e escrita, conforme Antunes (2003), centradas na decodificação da língua, sem funcionalidade, sem suscitar a compreensão, leitura puramente escolar e sem fazer relação com as outras atividades do programa.

Recorrendo ao Manual Operacional de Educação Integral do “Programa Mais Educação” (2014, p. 08), verificamos, na ementa da atividade de

acompanhamento pedagógico, macrocampo obrigatório do Programa, a *instrumentalização metodológica para ampliação das oportunidades de aprendizado dos estudantes em educação integral*. Identificamos nesse aspecto a problemática nas formas de mediação pedagógica do professor/monitor, pois não se coadunam com os princípios do Programa, uma vez que se insiste em manter o método tradicional do ensino da leitura, não contextualizado com a realidade do aluno e, muito menos, não oportunizando diversas formas de aprendizagens, tais como aprender com a rádio escolar.

A respeito da problemática na forma de mediação, as oficinas de Circuito de leitura procuraram amenizar essa lacuna, utilizando-se de estratégias que possibilitassem a leitura interativa, com sentido também ligado ao lúdico, sem cobrança, suscitando a leitura prazerosa no contato com a leitura literária, proporcionando, assim, não só a leitura dessas narrativas fantásticas, mas também o resgate da literatura oral proporcionado por contos populares focados na assombração.

Diante dos resultados dessas oficinas, constatamos a mobilização e a expectativa dos alunos para participar do projeto (nossa proposta de intervenção), a qual entendemos como uma prática exitosa do trabalho da leitura literária em interfaces educacionais para a formação do leitor. O resultado foi que os alunos leram mais, com mais autonomia e criticidade; produziram contos e recontos; entenderam a função de um texto literário, conseguindo, inclusive, diferenciar o ato de “ler” e de “contar histórias”; e desenvolveram as capacidades imaginativa, criadora e criativa, bem como a performance na leitura dramatizada para o rádio. Enfim, internalizaram a dialogicidade comunicativa proporcionada pelo texto literário em ações educacionais para e pelo rádio.

Sabemos que a questão da formação do leitor literário envolve muitas instâncias, sendo, por isso, um grande desafio. Mas acreditamos que a leitura literária deva ser apresentada na escola como processo prazeroso, no qual enfatizamos a necessidade de o professor “ser leitor”, “mostrar-se leitor” e, sobretudo, ensinar o outro a “ser leitor pleno”.

Defendemos, pois, a educação por ser um campo de diálogo e interações que possibilita ações interventivas em diversas áreas, de forma planejada e que fomentam a criação de “ecossistemas comunicativos” como um ideal de relações a ser construído coletivamente. Para isso, deve envolver aluno, professor,

gestor e comunidade escolar levando em conta a potencialidade dos meios e das tecnologias na escola.

Assim, nosso trabalho buscou adotar estratégias para atividade de rádio escolar do “Programa Mais Educação” com foco na formação do leitor literário, a partir de fundamentos da educomunicação e do uso da mídia radiofônica. Sugerimos que a rádio escolar seja não só reativada, mas conduzida em diálogo com a comunidade escolar por ações que promovam o ensino-aprendizagem, por meio das mídias, para a cidadania e o protagonismo dos jovens na construção e fortalecimentos de “ecossistemas comunicativos.”

Enfim, acreditamos que promovemos a dialogicidade educacional na atividade de rádio do “Programa Mais Educação” da Escola Municipal Parque Piauí, ao proporcionarmos não só o contato da leitura crítica do rádio, como uma ferramenta de possibilidades para o ensino da leitura para a formação do leitor, mas oportunizando a expressão comunicativa e artística por meio da arte de contar histórias para e pelo rádio.

Por fim, esperamos que essa pesquisa possa contribuir para o trabalho com a leitura literária para a formação do leitor, bem como para a valorização e o resgate dos contos populares nas escolas públicas; e que seja motivador para outros pesquisadores enveredarem no caminho da educomunicação em interface com a leitura, seja ela literária ou em outras linguagens tendo como principal foco o ensino e a aprendizagem de qualidade por meio das mídias.

## REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. **Radioescola**: uma proposta para o ensino de primeiro grau. São Paulo: Annablume, 1999.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Editora vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Alice que não foi ao país das maravilhas**. A Leitura crítica na sala de aula. Petrópolis RJ: Vozes, 2006.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro e interação. Parábola: São Paulo, 2003.

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitor, cultura popular e contexto brasileiro**, 2006. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. In: PAIVA, Aparecida et al. (Org.). **Literatura e letramento**: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro. Belo Horizonte, 2005.

BAKHTIN, Mikhail; VALENTIN, Nikoleevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BOGDAN, Robert. BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Portugal: Porto, 1994.

BAUER, Martin W. GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis RJ: editora vozes: 2014.

BALTAR, Marcos. **Rádio escolar**: uma experiência de letramento midiático. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_. Radioescolar: uma ferramenta de interação sociodiscursiva. **Revista Brasileira de Linguística aplicada**, v. 8, n. 1, 2008.

BARBERO, Jesús Martín. Heredando el futuro. Pensar la Educación desde la Comunicación. **Nómadas**, Bogotá, n. 5, set. 1996. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105118998002>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL, ASSIS. **Oficina literária**: 27 anos. Disponível em: <<http://www.laab.com.br/oficina.html>>. Acesso em: 25 de jul. 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Brasília: MEC, 2001, v. 2.

BEDRAN, Bia. **A arte de contar histórias: narrativas orais e processos criativos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BRENMAN, Ilan. **Através da vidraça da escola: formando novos leitores.** Belo Horizonte: Aletria, 2012.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação.** Campinas: Autores associados, 2009.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil.** São Paulo: Global, 2004.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 11 ed. São Paulo: Global, 2002.

\_\_\_\_\_. **Literatura oral no Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

CITELLI, Adilson Odair e Costa; CASTILHO, Maria Cristina.(org). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011.

CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2007.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

DOHMER, Vânia D'Angelo. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história.** [s.l.]: Vozes, 2010.

ECO, Umberto. **O nome da Rosa.** São Paulo: Record, 2009.

ELIADE, Mircea Melo. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

FAUSTINO FILHO, Sebastião. **No ar: comunicação e educação nas ondas da rádio escolar.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2007. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/artigos/gt14/artigo%20xvi%20semana%20de%20humanidades.pdf>. Acesso em: 28 set. 2010.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Professor sim, tia não.** Cartas a que ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1993.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** São Paulo: Ática, 1995.

GOMES, Adriano Lopes. **O contador de histórias na perspectiva da formação do leitor: um estudo de caso,** disponível em: [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002anais/2002\\_NP4gomes.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002anais/2002_NP4gomes.pdf)>. Acesso em: 07 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. O contador de histórias na perspectiva da formação do leitor: um estudo de caso. In: CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador/BA. **Anais...** Salvador: INTERCOM, 2002. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais2002/congresso2002\\_anais/2002\\_NP4gomes.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais2002/congresso2002_anais/2002_NP4gomes.pdf)>. Acesso em: set. 2014.

JOUVE, Vincente. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

KAPLUN, Mario. **Una pedagogia de la comunicacio.** Ediciones de La Torre. Madri, 1998.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação tecnologias: novo ritmo da informação.** Campinas: Papirus, 2012.

LOISEAU, Silvie. **Les Pouvoirs du corte.** Paris: Presses Universitaires de France, 1992

LOVECRAFT, Howard P. **O horror sobrenatural na literatura.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

LUCAS, Fábio. **Literatura e comunicação: na era eletrônica.** São Paulo: Cortez, 2001.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MASETTO, Marcos. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologia e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, 2000.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de historias.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MORIN, Edgar. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 20, abr. 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis RJ: Vozes, 2014.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PENTEADO, Heloisa D. **Comunicação escolar: uma metodologia de ensino.** São Paulo: Salesiana, 2002.

PRADO. Magaly. **História do rádio no Brasil.** São Paulo: Boa Prosa, 2012.

PRIETO, Heloisa. **Rotas fantásticas.** São Paulo: FTD, 2003.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler.** Porto Alegre: Mediação, 2012.

RODRIGUES, Edivânia Duarte. **Os discursos sobre a educomunicação na rádio escolar: um estudo etnográfico em uma escola pública.** 2014, p. 276. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, 2014.

SAMPAIO, M. L. P.; MASCARENHAS, R. O. **Projeto BALE – Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas: ação conjunta entre o BNB, o GEPPE e a comunidade paufferrense.** Pau dos Ferros: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2007.

SILVA, Vera Maria Tieztman. **Literatura infantil brasileira.** Goiania: Canone Editora, 2009.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação.** São Paulo: Editora contexto, 2001.

SOARES, Ismar Oliveira de. **Mas, afinal o que é educomunicação?** NCE USP, Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>, > Acesso em: abr 2014.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação.** Contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SISTO, Celso. Contar histórias, uma arte maior. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs.). **Memorial do Proler: Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem.** Joinville, UNIVILLE, 2007. p. 39-41.

\_\_\_\_\_. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOARES, Ismar Oliveira de. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Revista Comunicação & Educação:** São Paulo: 23 abr. 2002.

SARTORI, A. S.; SOARES, M. S. P. Concepção dialógica e as NTIC: a educomunicação e os ecossistemas comunicativos. **Nceusp,** São Paulo, [2005]. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf>>. Acesso em: ago. 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica.** São Paulo: Perspectiva, 2014.

VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. **Oficinas de ensino: O que? Por quê? Como?** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VERONEZZI, José Carlos. **Programa Mais Educação: passo a passo.** Brasília: SEB, MEC, 2013. Disponível em:<[portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br)>. Acesso em: maio 2014.

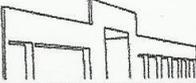
YUNES, Eliana. É contando que se dá a ler. **Revista Letras em Revista**, Teresina, v. 05, n. 02, p. 09, jul./dez., 2014.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.  
Disponível em: <[http://www.gentequeeduca.org.br/pdf/homem\\_do\\_Saco.pdf](http://www.gentequeeduca.org.br/pdf/homem_do_Saco.pdf)>, .  
Acesso em: 27 maio 2015.

## **ANEXOS**

## ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN  
Programa de Mestrado Profissional em Letras

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

**“ Projeto de pesquisa: Rádioescola: as ondas do rádio e a formação do leitor**

Eu Julinho Silva autorizo, por meio deste termo, a utilização dos dados fornecidos, para fins de pesquisa, pela pesquisadora FRANCIANE LIMA SOUSA (mestranda do Programa Nacional de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS MEC /bolsista CAPES), sob a orientação da professora *Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio*, Coordenadora do PROFLETRAS, do *Campus Avançado* Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN).

Assim, declaro que fui informado(a) e estou ciente de que:

1. O plano de trabalho da pesquisa tem como título: **“Rádioescola: as ondas do rádio e a formação do leitor”**, cujo objetivo *geral investigar o funcionamento de rádio escolares voltadas para a educação básica considerando a formação do leitor literário, utilizando-se da mídia radiofônica.*
2. A questão central da pesquisa busca responder a seguinte pergunta: **“como formar leitor literário utilizando-se da rádioescola como suporte midiático?”**
3. A pesquisa se justifica por perceber a dificuldade que algumas escolas possuem, especificamente pelos Programa Federais Ensino Médio Inovador e Mais Educação tem demonstrado muita dificuldade no que diz respeito, não a montagem dos equipamentos, mas em desenvolver projetos realmente educativos, relevantes e inseridos na proposta pedagógica da escola.
4. Os resultados da pesquisa serão estruturados a partir dos seguintes procedimentos:
  - a) Observação das atividades desenvolvidas na rádio escolar implantada na escola por parte da pesquisadora acompanhada do registro de notas de campo, aplicação de questionário misto e de gravação de depoimentos principalmente para a direção, coordenação, professores e alunos, com o intuito de construir o perfil dos sujeitos participantes.
  - b) Correlacionar o aporte teórico que nos servirá de base, através da análise das categorias teóricas escolhidas (leitura. Formação do leitor, rádio, educação e mídias).
5. A pesquisa obedece às normas éticas e não apresenta risco aos alunos-participantes, pois se compromete a utilizar os dados para finalidade pedagógica e acadêmica, assegurando a privacidade dos sujeitos e a confidencialidade das informações na versão final do Relatório, cuja divulgação das imagens se dará após autorização dos sujeitos nesse termo.
6. Os dados da pesquisa podem vir a ser publicados/divulgados em periódicos acadêmicos, desde que garantindo o disposto no item 5.
7. A participação dos sujeitos é voluntária, de modo que os mesmo têm a plena liberdade para recusar a participar ou retirar o consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização e prejuízo algum.
8. Esta pesquisa está isenta de custos para os participantes, tampouco incidirá em pagamentos aos mesmos pela sua contribuição.
9. Os participantes terão como benefício ao participar da pesquisa serem vistos como alunos competentes na leitura e na utilização da mídia radiofônica para fins educativos, além de ousados quando da aceitação do desafio de divulgar os resultados que pode servir de dados para outras investigações.
10. Toda e qualquer dúvida quanto a este processo de investigação será esclarecida através do *e-mail* da pesquisadora [francianelima8@gmail.com](mailto:francianelima8@gmail.com) por seu telefone pessoal 86 99276500, 86 88746768 e/ou ainda através de orientadora da pesquisa [malupsampaio@hotmail.com](mailto:malupsampaio@hotmail.com), no *Campus Avançado* Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), situado na Br 405, Km 153, Bairro Arizona, CEP: 59900-000 em Pau dos Ferros/RN, cujo telefone para contato é (84) 3351 2560, ramal 226 e fax: (84) 3351 3909.

Portanto, minha assinatura neste consentimento mostra que entendi a pesquisa e concordo participar da mesma acerca da formação do leitor literário por meio do uso da mídia radiofônica. Por fim, atestamos receber uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Pau dos Ferros - RN, 36 de Julho de 2014.

*Franciane Lima Sousa*  
Franciane Lima Sousa  
Sampaio Pesquisadora Bolsista CAPES

*Julinho Silva*  
Julinho Silva dos Santos  
Diretor - ATP/SEMEC 0021/2014  
E. M. Parque Pigriti

*Maria Lúcia Pessoa*  
Profa. Dra. Maria Lúcia Pessoa  
Orientadora da Pesquisa

## ANEXO B – Ofício / Parceria do Projeto com a Rádio Universitária da UFPI

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN  
Programa de Mestrado Profissional em Letras

ProfLetras  
Unidade Pau dos Ferros

Pau dos Ferros-RN, Arizona- BR - 405 Km – 155 - CEP 59900-000  
Fone: (84) 3351 – 2560 - Fax: (84) 3351 – 3909  
Home page: [profletras.uern.br/profletras](http://profletras.uern.br/profletras) - E-mail: [profletras.pferros@gmail.com](mailto:profletras.pferros@gmail.com)

Ofício nº 001/2015 – PROFLETRAS/ PAU DOS FERROS/ UERN

Pau dos Ferros – RN, 11 de março de 2015

Ao Senhor Diretor da Rádio FM Universitária - UFPI

Prof. Dr. Paulo Fernando de Carvalho Lopes

Sr. Diretor,

Solicitamos de vossa senhoria a parceria e a colaboração para que a professora Franciane Lima Sousa, aluna regular do Mestrado profissional em Letras, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte / CAMEAM possa desenvolver gravações radiofônicas (dramaturgia de contação de histórias através do rádio) nos estúdios da Rádio FM UFPI, assessorada pela equipe de radialistas que possam colaborar com o Projeto que vem sendo desenvolvido com alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Parque Piauí, um dos requisitos para a produção da dissertação intitulado: A formação do leitor literário: contação de histórias nas ondas do rádio escolar, orientado pela professora Dra. Maria Lucia Sampaio Pessoa.

*Recebido em  
11/3/2015*

*PLM*  
Prof. Dr. Paulo Fernando de Carvalho Lopes  
Diretor da Rádio Universitária

*Ma Sampaio*

Profa. Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio  
Coordenadora do PROFLETRAS/Pau dos Ferros  
Portaria nº 1396/2013-GR/UERN

## **APENDICES**

## APÊNDICE A - Registros Fotográficos. Escola Municipal Parque Piauí – Teresina PI



Fonte: a autora.

## ESTÚDIO DA RÁDIO ESCOLAR



Fonte: a autora

## APÊNDICE B - Questionário aplicado para o professor



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN  
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfiLetras  
Unidade Faculdade de Letras

### PROJETO RADIOESCOLA: AS ONDAS DO RÁDIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR

#### QUESTIONÁRIO DE SONDAAGEM ( DOCENTE / MONITOR)

Prezado(a) professor(a),

Venho por intermédio deste, solicitar sua participação em minha pesquisa de mestrado. O plano de trabalho da pesquisa tem como título: **"Rádioescola: as ondas do rádio e a formação do leitor"**, cujo objetivo geral é *investigar o funcionamento de rádio escolares voltadas para a educação básica considerando a formação do leitor literário, utilizando-se da mídia do rádio.* No anexo cópia do **termo de consentimento livre esclarecido** que ficará disponibilizado na sua escola e, que, lhe assegura sigilo em relação aos seus dados e maiores informações sobre minha pesquisa.

ESCOLA: \_\_\_\_\_

NOME: \_\_\_\_\_

DISCIPLINA QUE MINISTRA: \_\_\_\_\_

CARGA-HORARIA: \_\_\_\_\_

- 1) QUAL A IMPORTANCIA DE UMA RÁDIO NO AMBIENTE ESCOLAR?
  
- 2) VOCÊ JÁ DESENVOLVEU ALGUM PROJETO RELACIONANDO A SUA DISCIPLINA COM A OFICINA DE RÁDIO? QUAL? COMO REPERCUTIU NA APRENDIZAGEM DA SUA DISCIPLINA?
  
- 3) O QUE VOCÊ ENTENDE POR EDUCOMUNICAÇÃO?
  
- 4) O QUE É LEITURA PARA VOCÊ?
  
- 5) QUAL A IMPORTANCIA DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO LEITORA DO SEU ALUNO?

- 6) COMO VOCÊ VEM DESENVOLVENDO O GOSTO DA LEITURA LITERÁRIA NAS SUAS AULAS? QUAL DIFICULDADE MAIOR?
- 7) SEUS ALUNOS GOSTAM DE LER? O QUE?
- 8) QUAL (AIS) GENERO(S) LITERÁRIO(S) VOCÊ MAIS DISPONIBILIZA NAS SUAS AULAS? POR QUÊ?
- 9) VOCÊ JÁ DESENVOLVEU ALGUM PROJETO DE LEITURA COM SEUS ALUNOS? QUAL? COMO REPERCUTIU?
- 10) VOCÊ OUVI RÁDIO? QUAL SEU PROGRAMA PREFERIDO?
- 11) COMO VOCÊ VÊ A MÍDIA RÁDIO NOS DIAS ATUAIS?

Teresina, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2014

OBRIGADA POR PARTICIPAR DESSA PESQUISA!!

**APÊNDICE C - Questionário aplicado para o aluno**

 **Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN**  
Programa de Mestrado Profissional em Letras



**PROJETO RADIOESCOLA: AS ONDAS DO RÁDIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR**  
**QUESTIONÁRIO DE SONDAAGEM ( DISCENTE )**

Escola: \_\_\_\_\_

Série: \_\_\_\_\_, TURNO: \_\_\_\_\_, DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2014

ALUNO (A): \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_

- 1) VOCÊ PARTICIPA DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO?
- 2) QUAL (AIS) OFICINA(S) VOCÊ MAIS GOSTA? E POR QUÊ?
- 3) A SUA ESCOLA TEM UM RÁDIO ESCOLAR?
- 4) O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DA OFICINA DE RÁDIO ?
- 5) VOCÊ OUVIU RÁDIO NA SUA CASA?
- 6) QUAL TIPO DE PROGRAMA VOCÊ GOSTA DE OUVIR E POR QUÊ?
- 7) VOCÊ GOSTA DE LER? POR QUÊ?
- 8) O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE LER:  
 ) CONTOS DE TERROR  
 ) CONTOS DE FADAS

- (        ) CONTOS POLICIAIS
- (        ) POESIAS
- (        ) ESTÓRIAS EM QUADRINHO
- (        ) LENDAS

OUTRAS LEITURAS: QUAIS:

---

---

- 9) QUANTOS E QUAIS LIVROS VOCÊ JÁ LEU NESTE ANO?
- 10) QUAL SEU LIVRO PREFERIDO?
- 11) SEUS PAIS LEEM PRA VOCÊ? CASO SIM, O QUE ELES LEEM?
- 12) VOCÊ MORA COM SEUS PAIS?
- 13) QUANTAS PESSOAS MORAM NA SUA CASA?
- 14) QUAL A PROFISSÃO DO SEU PAI, DA SUA MAE?
- 15) SEUS PAIS GOSTAM DE LER? O QUE ELES MAIS GOSTAM DE LER?
- 16) VOCÊ FREQUENTA A BIBLIOTECA DA SUA ESCOLA?
- 17) O QUE É LEITURA PRA VOCÊ?
- 18) COMO VOCÊ GOSTARIA QUE FOSSEM DESENVOLVIDAS AS OFICINAS DE RÁDIO NA SUA ESCOLA?
- 19) VOCÊ JÁ VISITOU UMA RÁDIO? CASO SIM, O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU?

OBRIGADA PELAS INFORMAÇÕES!!

## APÊNDICE D - Registros Fotográficos: Oficinas



Fonte: a autora



Fonte: a autora

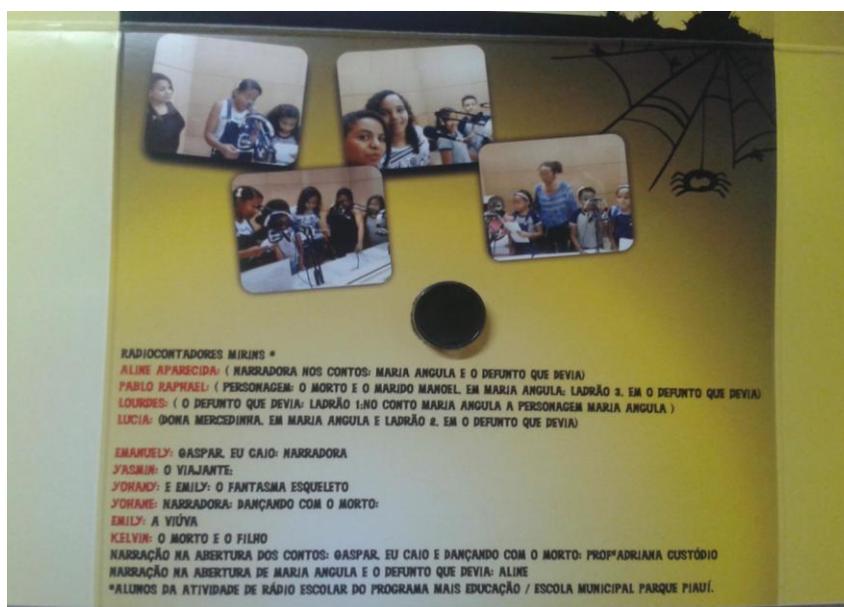


Fonte: a autora

## APÊNDICE E – Capas do CD: radiocontação de histórias



Fonte: a autora



Fonte: a autora